REVISTA DA SEMANA

BIBLIOTECA NACIONAL

O DEBATE DO MOMENTO

•

MISS UNIVERSO 1953

•

PAVILHÃO DOS MILAGRES



Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



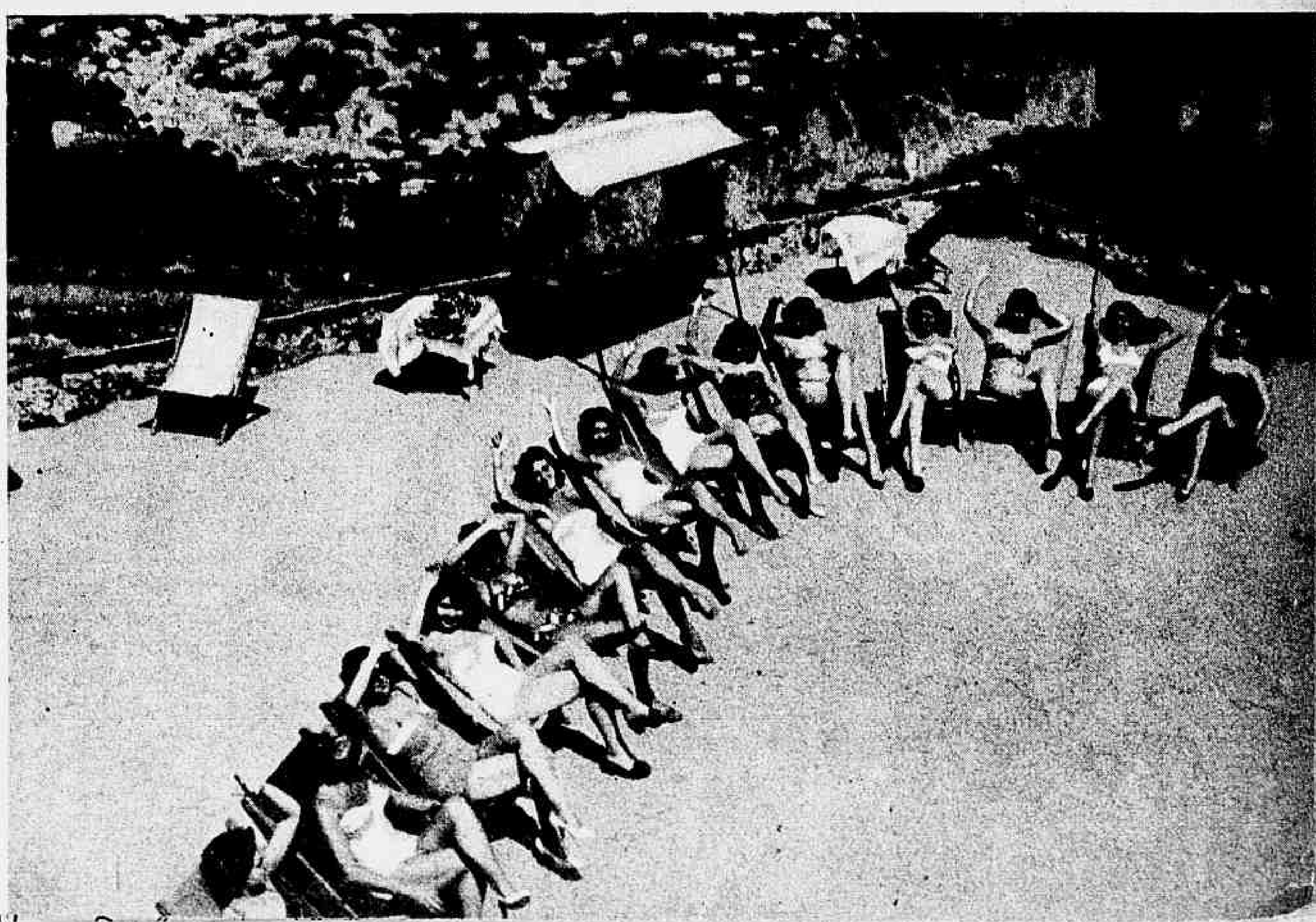
– a mais popular emissora paulista



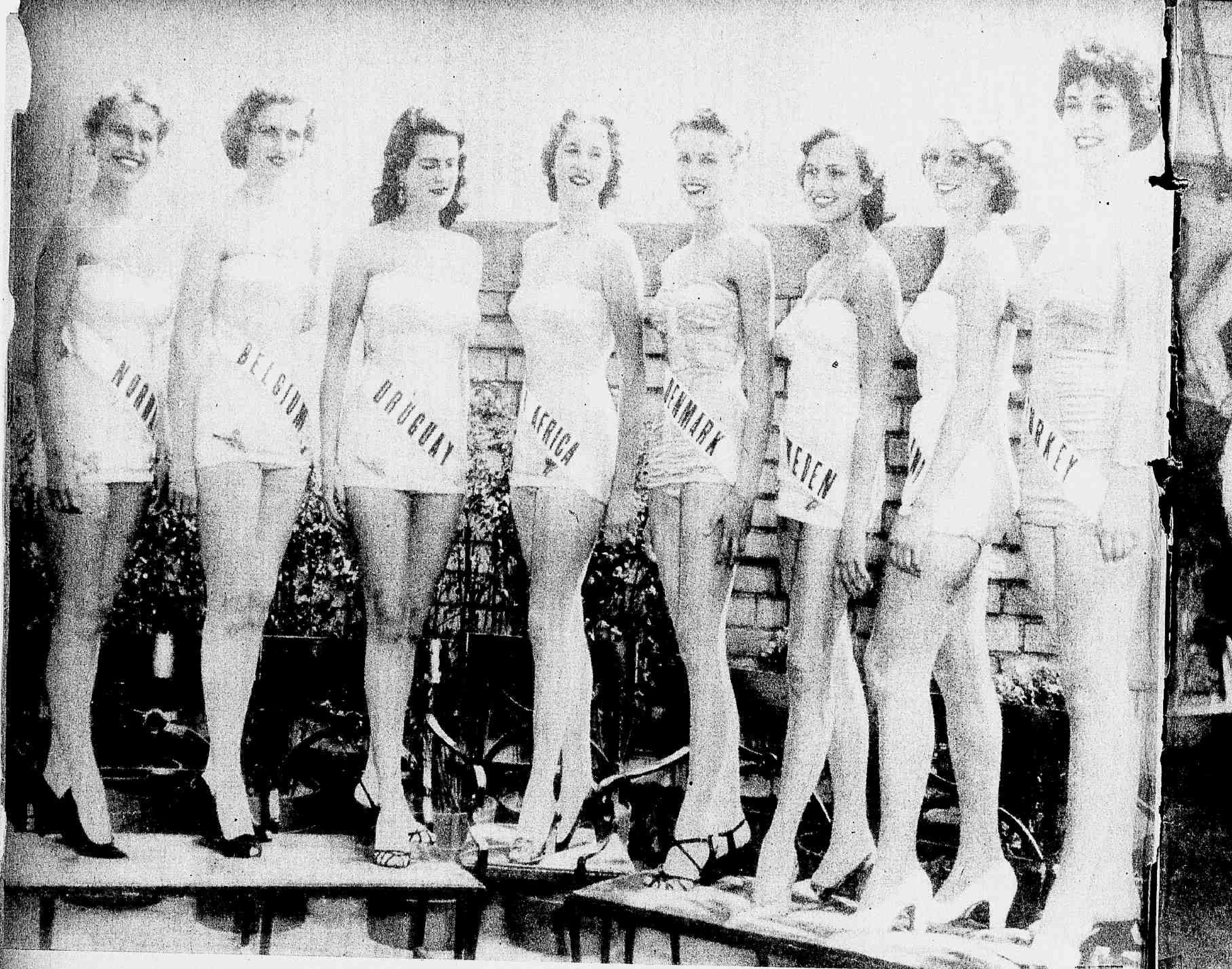
Christiane Martel, miss França (a da frente) e Daniele Oudinet, miss Suiça, chegando a Nova Iorque.

MISS UNIVERSO 1953

SETENTA CONCORRENTES E 15 FINALISTAS ★ DEZ DIAS DE ANSIEDADES ★ O JAPÃO MANDOU SUA MAIS BELA SEREIA ★ A AMÉRICA DO SUL FOI DIGNAMENTE REPRESENTADA ★ COM A FRANÇA, O TITULO MAXIMO.



Catorze lindissimas sereias sob o sol de Capri, durante o concurso para eleição de miss Itália, realizado a 8 de julho do ano corrente.



Oito «misses» estrangeiras que venceram as provas de beleza em seus países, posam no alto do Waldorf Astoria, em Nova Iorque, a caminho da Califórnia, tôdas esperançosas de conquistar o título de Miss Universo.

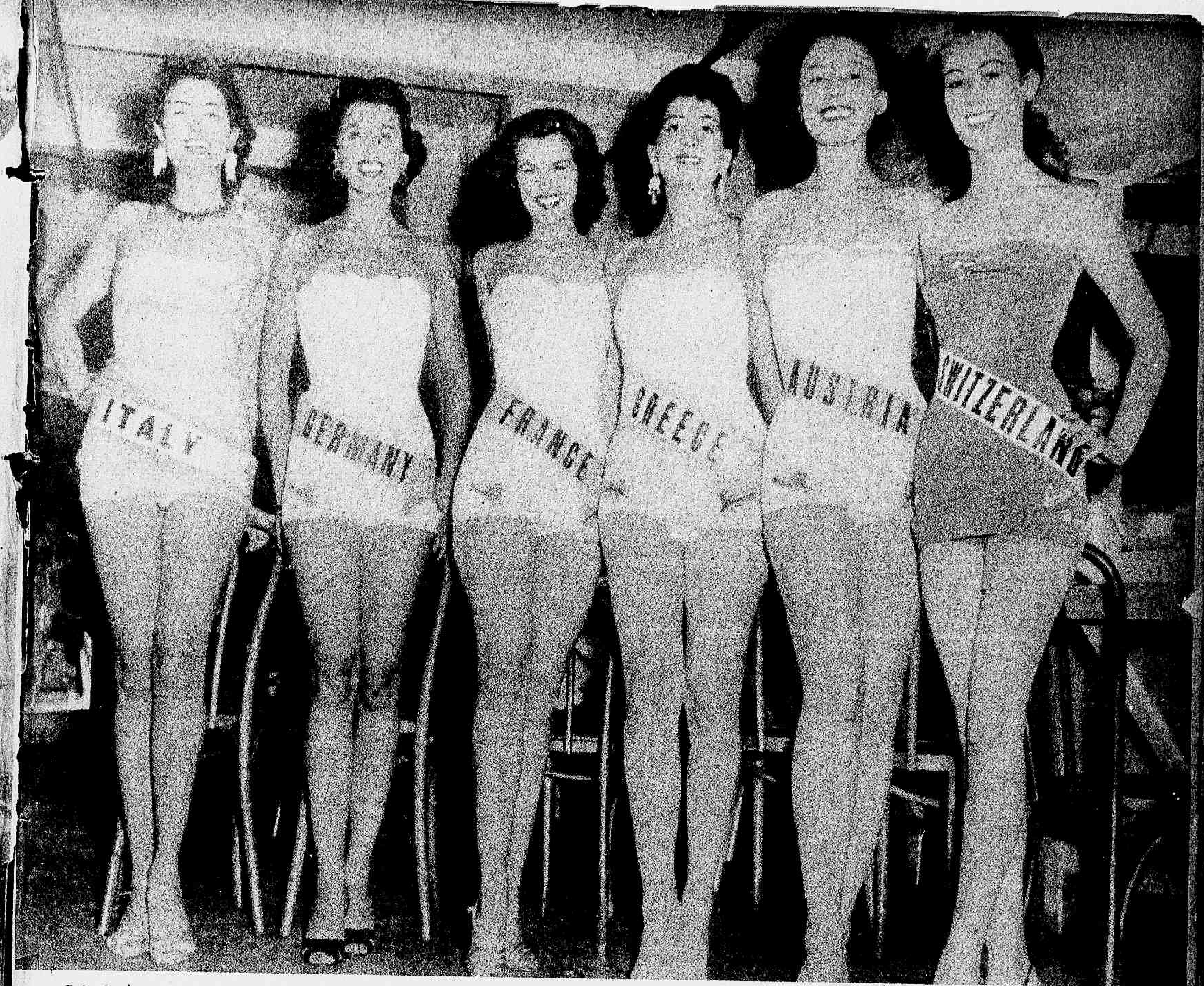


DO dia 9 a 19 de julho último, a pequena cidade de Long Beach, na Califórnia, Estados Unidos, estêve em grande agitação. Procedia-se à eleição de «Miss Universo». Mais de setenta jovens, tôdas muito belas e graciosas, com suas plásticas dignas do pincel de Fídias, disputavam o cetro de «a mais bela miss do mundo». Como sucede todos os anos, quase tôdas as nações elegeram suas representantes para o julgamento final. Da América Latina compareceram belas concorrentes do México, Peru, Venezuela, Uruguai, Panamá e Pôrto Rico. A Comissão Julgadora, formada de autoridades em apreciação de arte e plástica, trabalhou extenuadamente durante dez dias, dez dias que abalaram o mundo dos sonhos de tantas beldades do mundo inteiro. Enquanto os políticos se dedicavam aos problemas mais intrincados, nacionais ou internacionais, o mundo feminino se mantinha fixado em Long Beach. Quem seria eleita «a mais bela do mundo»? A 16, os juízes proclamaram finalistas as seguintes «misses»: Maxine Morgan, (Austrália); Lore Felger (Austria); Thelma Brewis (Canadá); Jytte Olsen (Dinamarca); Christine Martel (França); Christel Shaak (Alemanha); Rita Staz (Itália); Kinuko Ito (Japão); Ana Berta Lepe Jimenez (México); Synnove Gulbrandsen (Noruega); Emita Arosemena (Panamá); Mary Ann Sarmiento (Peru); Ingrid Rita Mills (Africa do Sul); Ayten Akyol (Turquia); Myrna Hansen (Estados Unidos); Alicia Ibanez (Uruguai).

A proporção que o trabalho da Comissão Julgadora avançava, mais crescia no espírito das jovens e de seus torcedores, a ansiedade na interrogação da vitória. Dezesseis finalistas, dentre as quais seriam selecionadas as cinco últimas, para que fôsse escolhida, dentre êsse «five», uma só: «Miss Universo».

No dia 19, um belo domingo de sol na Califórnia, mais uma vez se reuniram os juízes. O nervosismo dominava todos os corações, especialmente o das beldades mundiais, cada qual mais esperançosa de empunhar o cetro de «a mais bela do planêta». Quem venceria? Era uma pergunta angustiante. Quando os juízes proclamaram o nome de Christine Martel, «Miss França», como a «Miss Universo»,

As representantes da «terra das valsas», Áustria, (à esquerda) e da Alemanha, Lobe Felger e Christel Shaack, já em Long Beach, Califórnia.



Seis das mais fortes concorrentes ao título máximo, tôdas muito alegres e joviais. Isso antes do julgamento, pois que, depois do «veredictum» da Comissão Julgadora, houve desmaios e chôro de comover até as pedras.

a representante da França pôde apenas pronunciar um «oh!», que não se sabe como classificar, se uma exclamação de surprêsa, ou de temor de que houvesse engano na proclamação. Enquanto a lindíssima parisiense retomava seu domínio e não cabia em si de contente, a maioria das outras concorrentes desatou a chorar! As que haviam sido eliminadas também caíram em pranto. Sòmente as latino-americanas souberam enfrentar a derrota com absoluta serenidade, mostrando-se muito controladas e resignadas.

Muitas delas atenderam a repórteres e deram suas impressões. «Miss México», por exemplo, declarou com muita sinceridade que não esperava chegar às provas finais. Tendo conquistado êsse triunfo, já se dava por muito satisfeita. A classificação fôra para ela o mais emocionante momento de sua existência. Embora achasse que algumas das latino-americanas pudessem chegar a tal classificação, jamais pensara que seria ela. «Miss México» demonstrou com isso ser uma jovem serena e muito modesta. Ainda não sabe se permanecerá na Califórnia, tudo dependendo de suas combinações com os diretores dos estúdios. Muitas outras fizeram declarações bastante curiosas. Gisela Bolanos, da Venezuela, que, como outras desta parte do mundo, não chegou às semi-finais, ficou com tanta sêde durante o julgamento, que bebeu mais de cinco litros dágua de uma fonte próxima, terminando por afirmar: «Penso que, esta noite, não dormirei; mas se pegar no sono, vou ter um pesadelo».

Passada a primeira impressão do resultado definitivo, tôdas elas se mostraram conformadas, apesar do chôro. Mlle. Martel, ao ouvir pronunciar seu nome como a vencedora do empolgante concurso, mal pronunciou um «oh!» nervoso, ficando em silêncio durante um tempo considerável. Perdera a fala diante do triunfo espetacular.

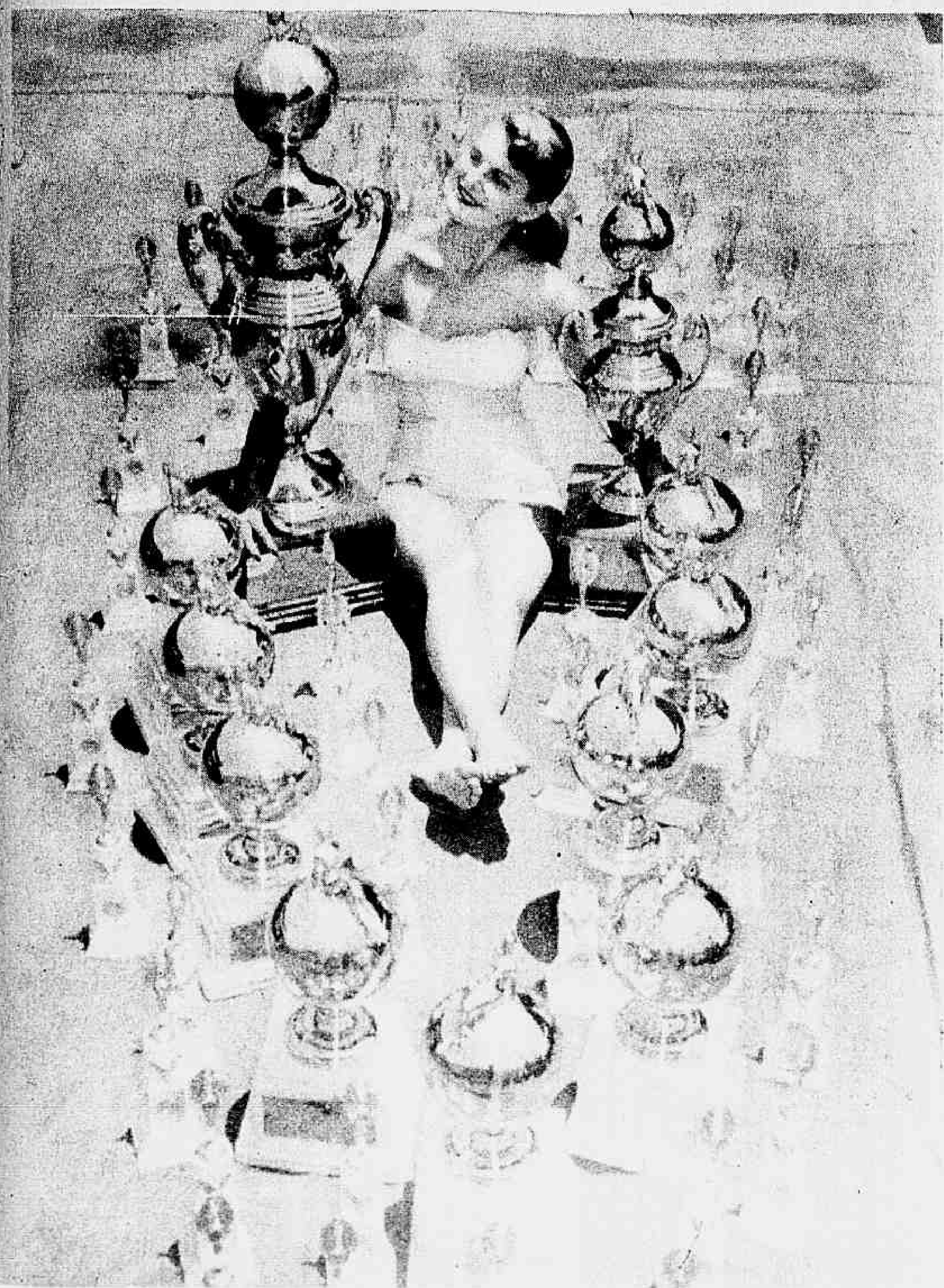
Como sucede sempre, foi ela contratada pela «Universal-International» por um período de sete anos, o que lhe dará a oportunidade de transformar-se numa «estrêla» de primeira grandeza. Era êsse, aliás, seu maior sonho, isto é, só



Chegam as representantes da histórica Grécia (à esquerda) e da romântica Itália, respectivamente, Doretta Xerqu e Rita Staz, lindíssimas.



Christine Martel, miss France, empunha o cetro de miss Universo, ladeada pelas «princesas», uma delas miss Japão. Miss Uruguai que foi séria candidata e os troféus que serão entregues a cada uma das participantes. Pelo que vemos, não ficará nenhuma sem uma lebrança do concurso.







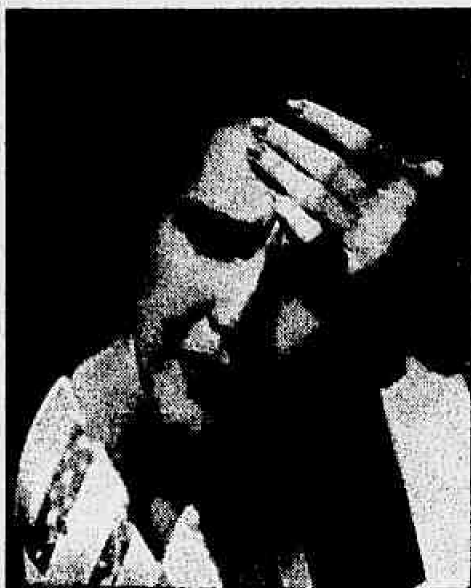
retornar à pátria como famosa artista de cinema de Hollywood. E tudo lhe veio como ambicionava.

Quem é Mlle. Christine Martel? Uma jovem de dezoito primaveras, trabalhando como modêlo em Paris. É possuidora da mais bela plástica da França, um corpo como que modelado por estatuários dos tempos de Praxíteles. Essa circunstância lhe valeu muito, pois, no gigantesco concurso dêste ano, «Miss Universo» não seria mais escolhida sob fita métrica, e sim, tendo-se em vista a plástica, não se desprezando o palminho de rosto. Houve uma concorrente que parecia estar na eminência de abiscoitar o título: Miss Daniele Oudinet, representante da Suíça. Essa jovem, conquistadora de mais de quatro títulos de Concursos de Beleza em sua pátria, fôra a Long Beach cheia de esperanças. A dos Estados Unidos também se mostrava digna de conquistar o ambicionado diploma de beleza universal; mas, embora a opinião do povo se mostre dividida, os juízes elegeram «Miss França», a «mais bela do mundo».

«Miss Universo de 1953» tem uma côr morena lindíssima, um sorriso encantador e mede 1,67 de altura. As medidas do busto, cintura e quadris lhe deram os últimos pontos de vitórias. É uma jovem de corpo perfeito, de uma esbeltez inagualável. Seu reinado terá a duração de um ano, pouco mais do que a vida de uma esperança; mas, para ela, constituirá uma hora de resplendores na sua existência. A mulher vive para a beleza, para a alegria de viver. «Miss Universo de 1953» experimenta atualmente as maiores alegrias dêste mundo, e quando outra lhe vier arrebatar o cetro, ela continuará rainha da tela, uma «estrêla» a mais no firmamento de Hollywood, fulguração que dificilmente desaparece, pois o cinema imortaliza para sempre, e não apenas temporàriamente.

Uma das curiosidades do certame da Califórnia, foi a presença entre as finalistas, da escolhida do Japão. Era uma criaturinha delicada e meiga, com o seu rosto oval iluminado por dois olhinhos oblíquos, que também sorriam diante da esperança, e se marejaram de lágrimas em face da derrota. Entretanto marcou uma vitória: foi a terceira colocada.

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar *Regulador* Gesteira

C O R R E I O D A R E V I S T A

● **Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1953**

Revista da Semana
Rio de Janeiro

Prezado Sr. Redator:

Tomo a liberdade de vir à presença de V. S. em princípio cumprimentar a V. S. pela belíssima reportagem sôbre o último concurso de Admissão à 1ª Série Ginasial do Institudo de Educação, publicada em páginas 16 à 20 no nº 18 de 2 do corrente na tradicional REVISTA DA SEMANA. Em segundo lugar, na qualidade de amigo e admirador dessa grande Revista vinha solicitar de V. S. uma pequena, mas justa retificação no seguinte ponto:

A candidata menina Maria Emília Aben-Athar Martinez, primeira colocada para a Escola Normal Carmela Dutra, foi preparada para dito exame pelo ilustre Professor Sr. Mário de Souza Barcelos, oficial reformado de nosso glorioso exército, como V. S. declara em seu artigo, do qual também tive a felicidade ser professor de minha filha no concurso para o mesmo fim no ano passado. Assim sendo cumpro assim também um dever de gratidão em solicitar a V. S. essa retificação quanto ao nome do mesmo, que truncadamente foi publicado como José Bonifácio, quando êsse nome se relaciona à momenclatura da rua em que reside. Antecipadamente grato e renovando os meus aplausos pela sua dedicação construtiva à mocidade estudiosa de nossa terra e ao modelar estabelecimento de instrução que é o Instituto de Educação, subscrevo-me
Atenciosamente e admirador

João Bellinelly

● **Manaus, 8 de julho de 1953**

Exmo. Sr. Diretor:

Tomo a liberdade em lhe fazer estas linhas, a fim de que possa obter uma informação certa com referência ao sorteio do «Album-Revista da Semana», pois não compreendi a explicação que traz. Eis portanto o número de meu álbum: 02485, agora os prêmios da Loteria de S. João foram os seguintes: 1º prêmio — 03254; 2º — 28130; 3º — 33743; 4º 22225; 5º 09699. Portanto conto com sua atenção, aguardo sua resposta, mandando dizer se tenho direito a algum prêmio.
Sem mais subscrevo-me atenciosamente

Odina Lindoso

O resultado foi publicado na edição de 11 de julho e nos números subseqüentes.

● **CARLOS F. BATISTA — Lisboa**

Recebemos sua carta e o material anexo. Lamentamos a falta de espaço e o fato de não ter o trabalho sido datilografado, razões pelas quais, não o publicamos.

● **FRANCISCO MARQUES GUIMARAES — Goiandira (Goiás)**

Recebemos sua carta. Se pudéssemos atender ao amigo, seria independentemente de qualquer retribuição. Mas, o assunto não se enquadra no programa da redação. Agradecemos.

a REVISTA há 50 anos

2 de agôsto de 1903

CHRONICA

Pelos sete dias, factos e mais factos, de importancia alguns, de larga repercussão quasi todos, mas sem interesse, na maioria, para serem commentados nestas linhas, especialmente escriptas para a Leitora. Claro que á Leitora não agradará que nesta pagina da risonha **Revista** venha eu tratar do jury de terça-feira, nem mesmo das exequias, ou do que vae pela Camara, pelo Senado, pelo Conselho Municipal, por esse mundo da Politica. Isso são assumptos para as prosaicas columnas das folhas diarias, assumptos que precisam ser tratados, de cara fechada, com rugas na testa, talvez com oculos no nariz, oculos que devem ser enfumaçados, para que o rabiscador mais negra veja a situação.

Não digo que em semana pauperrima não se vá fornecer um chronista desesperado em fonte tão pouco inspiradora; mas, quando ha cousa melhor, seria até crime fazel-o.

● E melhor ha, ou antes, houve; a recita e partida no Colomy, as **soirées** do Club dos Diarios e do Club Naval, os preparativos para a batalha de Flores, um mundo de cousas interessantes em que a Leitora tomou parte, senão de facto, ao menos em espirito. Mas nem isso tudo é o que mais a preoccupa agora, sou capaz de jurar. Neste momento, que eu, se fosse orador, chamaria solemne, e, porque o não sou, chamo apenas galante, toda a attenção das senhoras fluminenses está voltada para a Companhia Lyrica, que na terça-feira chegou e amanhã deve estrear.

Acertei, não é verdade?

Combinam-se **toilettes**, escovam-se joias, preparam-se adornos, escolhem-se enfeites, fazem-se planos, imaginam-se delicias, constroem-se castellos para as noites, que se adivinham encantadoras, da temporada. E, parece-me, não mentirei, dizendo que muitos dos olhos que me estão lendo, á noite, cerrados pelo somno, têm estado a ver, com os oculos côr de rosa dos bons sonhos: o Lyrico cheio, todo inundado da luz azulada das lampadas electricas, todo perfumado de bons aromas e ha de então reparar, a que senha, que, do seu camarote um binoculo insistente não se despega, e que por traz do binoculo está um lindo rapaz que . . .

Silencio. Não quero ser indiscreto . . .

JOSÉ VARIO

OS THEATROS

UNS que vão, outros que chegam. Antoine e sua troupe **a sahirem barra fóra e a Companhia Lyrica Milone a entrar Guanabara dentro. Assim, as saudades dos espectaculos da primeira poderão ser esquecidas com as operas da segunda, confirmando o** ceci tuera celá.

Está bem de ver que não são do mesmo genero as duas, qualquer d'ellas, porem, na sua especialidade tem nomes de valor, famas respeitaveis, e não erraria quem as comparasse a formigas e cigarras: cigarras os que chegaram, formigas os que se foram. Vae, pois, começar para o Lyrico o verão, o verão que é a epoca das cigarras. E como o Rio de Janeiro muito as ama, certo, a estação será brilhantissima: theatro cheio, ricas toilettes, elegâncias primorosas, formosuras ideaes, um encanto, um grande encanto, que amanhã vae ser iniciado com a Aida.

Dous amigos encontram-se, e, depois dos comprimentos do estylo:
— Que calor.
— Terrivel.
— E não ha remedio senão aturar-o.
— Uma idéa. Vamos passear juntos, que assim toca metade a cada um.



OS GRANDES MELHORAMENTOS

— Não sei porque, com tantos projectos, não se lembram das plantas dos pés.
— Das plantas dos pés?!
— Sim. E' preciso melhorar o calçamento da cidade...

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 31 ★ 1-8-53

SUMARIO

Miss Universo de 1953 .... 3/ 7
Pavilhão dos Milagres 11/15
Glenn Ford e Eleanor Powell 20/21
Ballet aquático está na moda 27/33
Assombraram os fotógrafos 46/47
O debate do momento 51/57

Matar em nome da lei 9
A morte da porta-estandarte 19
A Bem-Amada 22/23
Semana Literária 24
Elizabeth da Inglaterra 34/35

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 10
De Cinema 16
Janela sôbre o mundo 36/37
De Rádio 44
De Teatro 45
Arabelle 49
Último flash 58

A luz da psicanálise 18
Noite de gala 38/39
A mulher mais rápida do mundo .. 40
Sugestões para o lar 40
Um pouco de beleza 41
Week-end na cozinha 42

CAPA: Bety Hutton (Paramount)

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.


JOHN CHRISTIE


ETHEL ROSEMBERG


JULIUS ROSEMBERG

MATAR EM NOME DA LEI

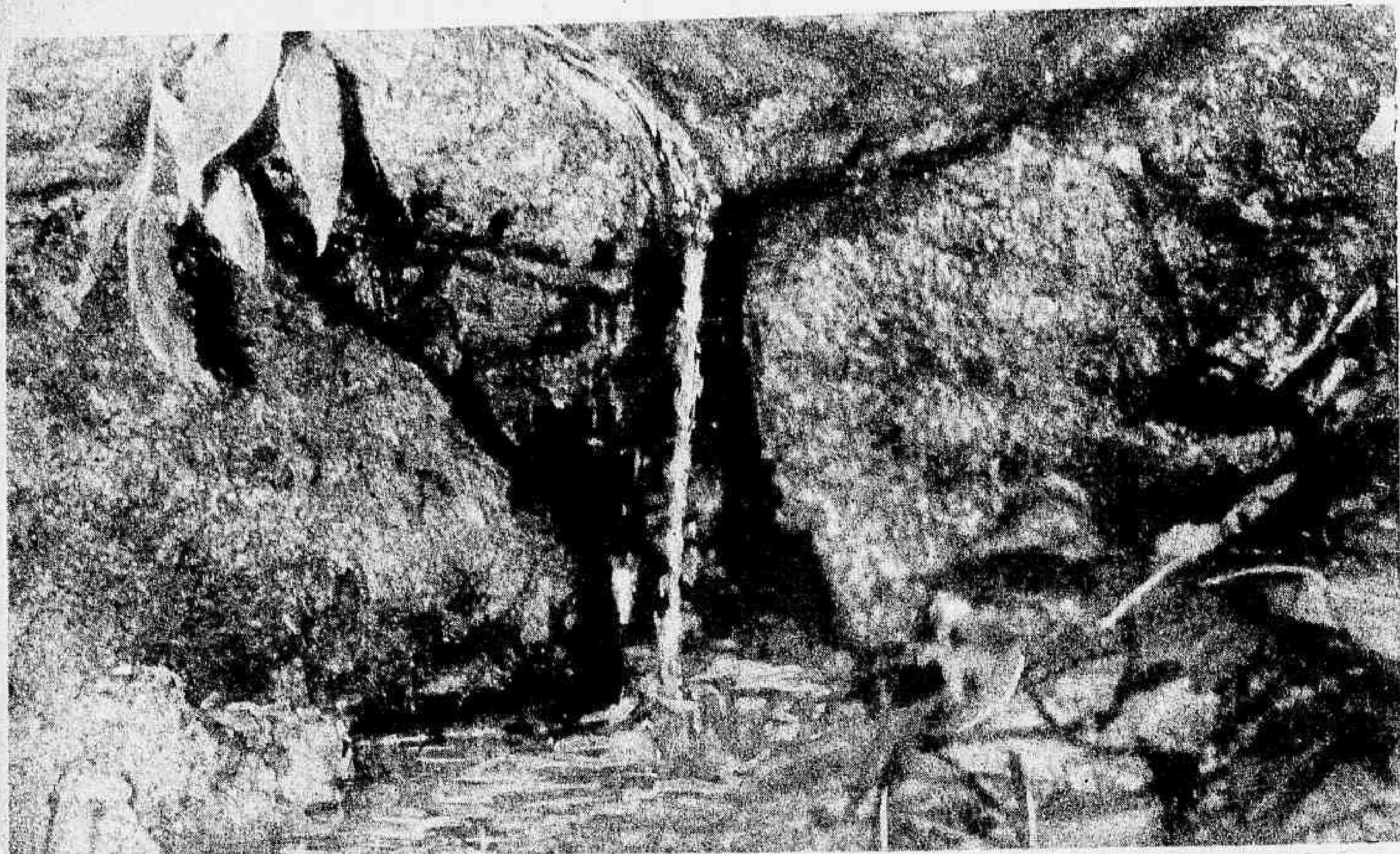
ONTEM, foram os Rosemberg. Hoje, John Reginald Christie, o monstro de Londres. Não é preciso fazer paralelos entre os dois dramas trágicos que se desenrolaram friamente ante a espectação internacional. Não adianta considerar se a traição à pátria ou o crime contra a humanidade é maior que a selvageria infame do mórbido destruidor de vidas. Não interessa fazer cotejos entre a culpa de quem ameaça aniquilar o mundo e a loucura de um degenerado que ensaia destruir e conspurcar a espécie humana. O que impressiona em tudo isso e não pode passar sem comentário, é a sinistra e bárbara terapêutica aplicada à tão desgraçados casos, em nome da Sociedade e da Lei.

● **Em tôdas as épocas e sob todos os regimes, matar sempre foi um crime. A palavra maldição nasceu na terra, na hora bíblica em que Caim tirou a vida ao seu inocente irmão Abel. De então para cá, o anátema de Deus pesou sôbre o crime de morte. «NÃO MATARÁS» foi inscrito, como suprema legenda divina em todos os Códigos do Direito universal. O indivíduo que mata outro, está, inapelàvelmente condenado à execração pública, porque feriu de morte a lei dos homens e a lei de Deus. Êsse delito é tão triste e nefando que, aquêle que o comete em são consciência, só tem um recurso legal para fugir à sua vergonhosa mácula: — matar para não morrer.**

● Não pode haver espetáculo mais doloroso e mais trágico do que êsse de se anunciar, ostensivamente, ao mundo civilizado, o dia, a hora e o minuto em que deve ser morto um indivíduo, em nome da Lei. Seja embora êsse indivíduo um criminoso da pior espécie! Seja o seu delito o mais torpe e abominável de quantos se acham incursos no Código Penal! Matar é um crime vil e covarde e não uma punição exemplar. A Sociedade que está garantida por todos os poderes legais e manda eliminar um mísero e desgraçado prisioneiro, comete o mais deplorável dos assassínios. Imita, tristemente, o bandido que amarra a vítima para depois liqüidá-la friamente. Faz pior que o criminoso vulgar, porque premedita, anuncia e executa o seu crime ante a estupefação pública. Ademais, se o ato de matar é revoltante, o efeito de morrer é beatificante. Um criminoso que merece expiar em vida a sua culpa, servindo de exemplo a todos, passa, depois de executado, à categoria dos mártires, sendo, prontamente, esquecido, quando não, absolvido pela Sociedade.

● **Bendito seja, pois, o atraso ou o sentimentalismo das nações que não admitem nos seus Códigos a pena de morte. Punir o crime com o crime, é justiça medieval e bárbara, queiram ou não os evoluídos. Que o nosso querido Brasil continue onde sempre estêve, fora e bem longe da pseudo-civilização que ainda manda matar em nome da Lei.**

MARTINS D'ALVAREZ



A FONTE DA DISCÓRDIA — O Criador, ao castigar a humanidade, puniu-a com um dilúvio. Mas, para mostrar sua infinita bondade, para premiar os fiéis, tem-lhes proporcionado milagres pela água. Foi assim que Moisés, vendo morrer de sêde os filhos do Senhor na fuga do Egito, rogou a Deus que lhe concedesse um milagre, e, com um golpe do seu cajado fêz jorrar, dos rochedos do Horeb, um manancial da linfa confortadora. É com água que se redimem pecados, pelo batismo; é pela água que se curam males do corpo, em Lourdes. Mas aqui no Rio, o sr. Fiúza está sendo chamado à responsabilidade, por S. Eminência o Cardeal D. Câmara, porque se apropriou de um fiozinho dágua do Sumaré, em terras da Mitra. Parece, entretanto, que a fonte não enche um copo dágua. De certo, não haverá tempestade.

A SEMANA EM REVISTA



QUE DIABO, FLUMINENSE! — O futebol é a maior atração desportiva do povo brasileiro, e, com o rádio, o país inteiro se agrupa em tôrno dos aparelhos receptores para ouvir lânces de «balipodismo». Mas um dos jogos mais interessantes, dos realizados a 19 de julho, foi o do Fluminense contra a Portuguêsa, do Rio, o mais novo dos nossos clubes na divisão de profissionais. O prélio se desenrolou no campo do América, terminando com a derrota do veterano por 2 a zero! Na foto o goleiro Antoninho, defensor da Portuguêsa.



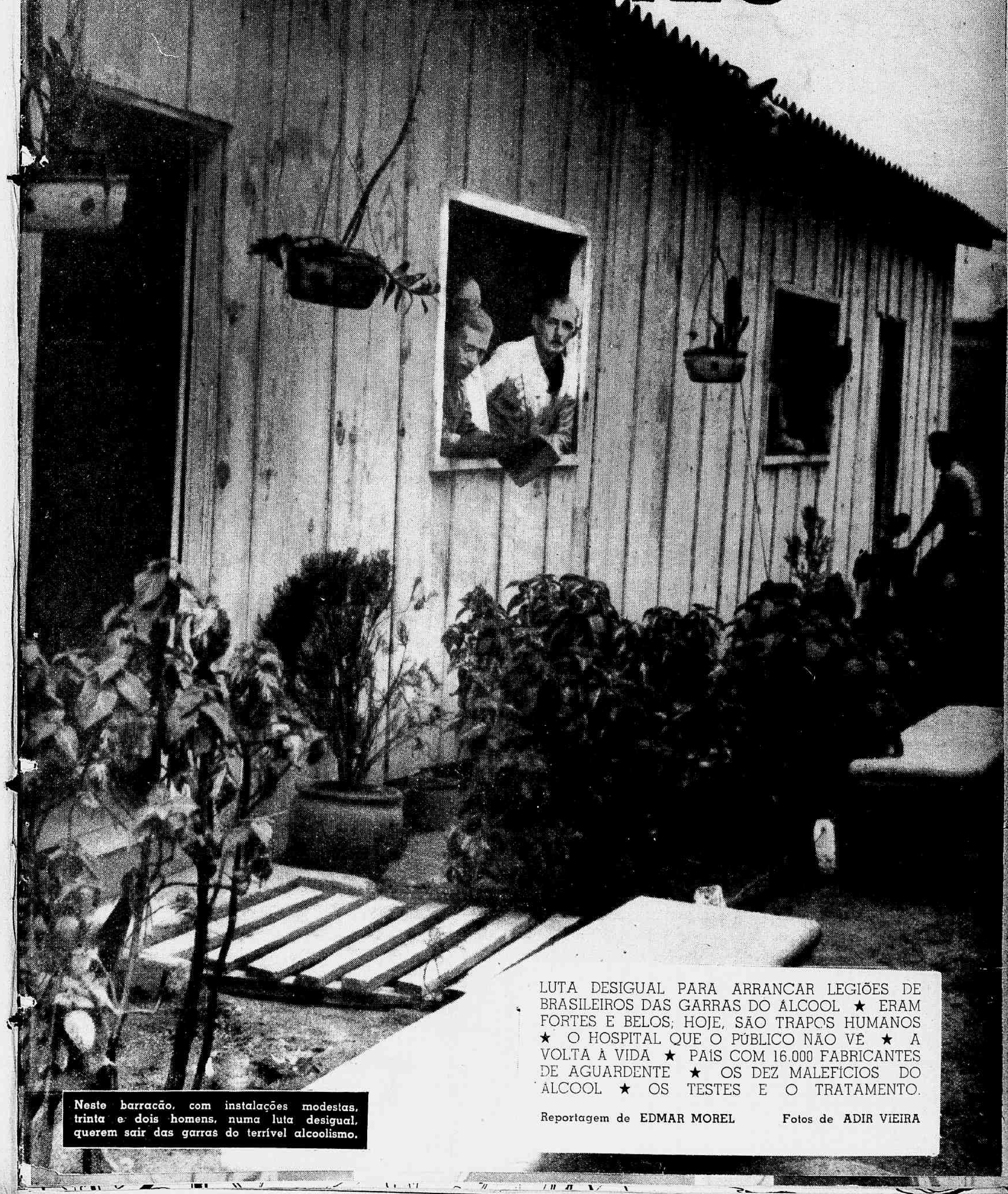
LUA-DE-MEL... DRAMATICA — Êle é o sr. Elias Contursi, de 47 janeiros, filho dos pampas, cenotécnico da Companhia Teatral Dulcina-Odilon; ela é a atriz Susana Negri, de 36 primaveras, também da mesma emprêsa. Casaram-se no dia 20 de julho último e desejavam passar sua lua-de-mel em poético lugar, aspirando os ares românticos de alguma praia bucólica, longe do barulho da capital. Mas... ai dos artistas! A temporada não lhes permitiu uma felicidade completa. Contudo... para quem ama, tôda lua é doce.

A PERSONAGEM DA SEMANA



AS atitudes desassombradas do sr. Lucas Garcez, no govêrno de S. Paulo, têm atraído para s. exa. as atenções do país e causado sensação nos meios políticos. Por isso, tem sido o chefe do executivo paulista, por mais de uma vez, a «Personagem da Semana», o que repetimos hoje, em virtude de sua carta aos partidos políticos bandeirantes, conseqüência de substanciosos discursos e entrevistas à imprensa do seu Estado, sôbre a política de S. Paulo e sua posição diante do panorama nacional. O fato determinou crise no secretariado, seguido de demissão coletiva, tomando posição outros partidos, a fim de estudar a nova ordem de coisas no grande Estado. De tudo se depreende que o sr. Nogueira Garcez está decidido a enfrentar borrascas mantendo uma posição de independência, embora solicitando a união de todos os partidos numa frente única contra o amoralismo e o desprestígio da administração pública perante o povo. A tese apresentada e confirmada pelo sr. Garcez não é a de pedir apoio a partidos políticos no sentido de pleitear conquistas futuras, mercadejando situações; mas para que todos assumam responsabilidades, formando um corpo de doutrina político-administrativa na defesa dos interêsses de S. Paulo, ameaçado pela politicagem. De certo modo, não se pode deixar de considerar que a atitude do sr. Garcez é uma conseqüência do «fenômeno Jânio Quadros». E é uma experiência que o país acompanhará atentamente.

PAVILHÃO DOS MILAGRES



Neste barracão, com instalações modestas, trinta e dois homens, numa luta desigual, querem sair das garras do terrível alcoolismo.

LUTA DESIGUAL PARA ARRANCAR LEGIÕES DE BRASILEIROS DAS GARRAS DO ÁLCOOL ★ ERAM FORTES E BELOS; HOJE, SÃO TRAPOS HUMANOS ★ O HOSPITAL QUE O PÚBLICO NÃO VÊ ★ A VOLTA À VIDA ★ PAÍS COM 16.000 FABRICANTES DE AGUARDENTE ★ OS DEZ MALEFÍCIOS DO ÁLCOOL ★ OS TESTES E O TRATAMENTO.

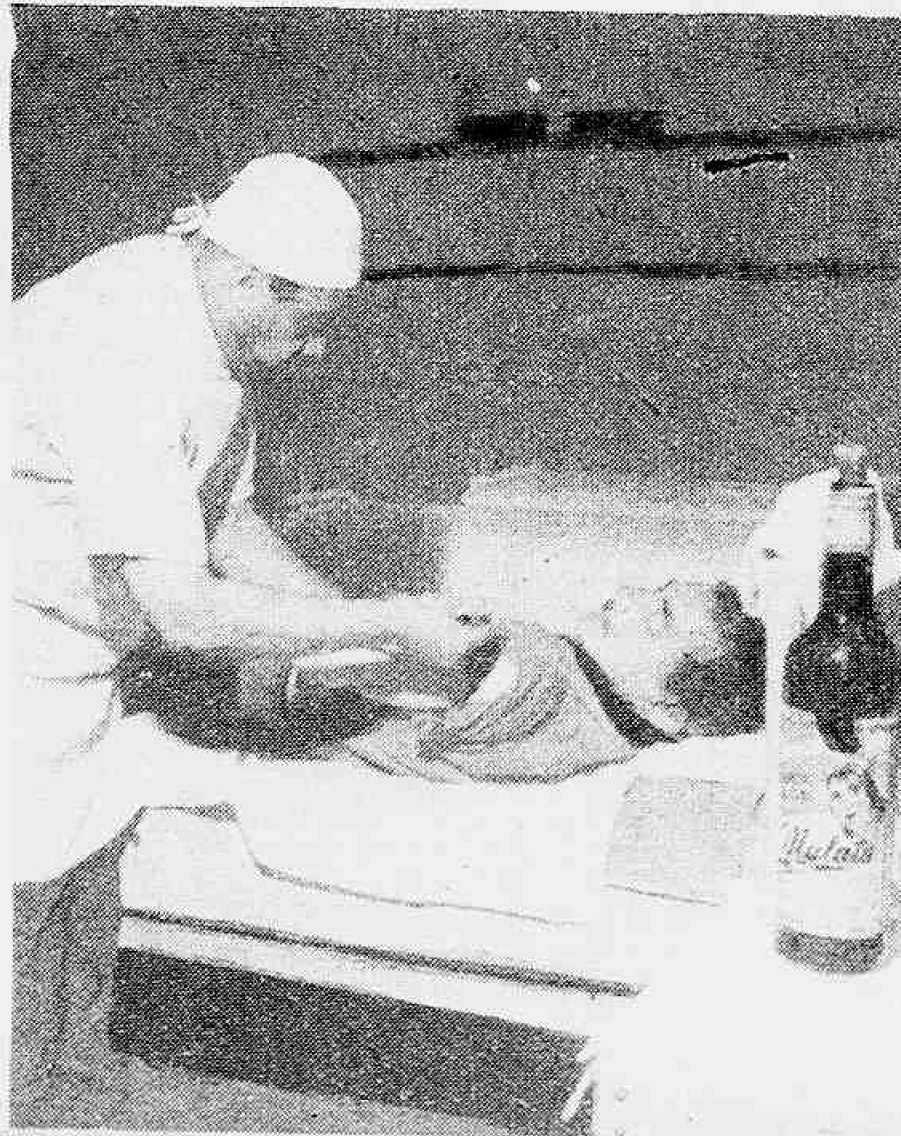
Reportagem de **EDMAR MOREL** Fotos de **ADIR VIEIRA**

PAVILHÃO DOS MILAGRES...

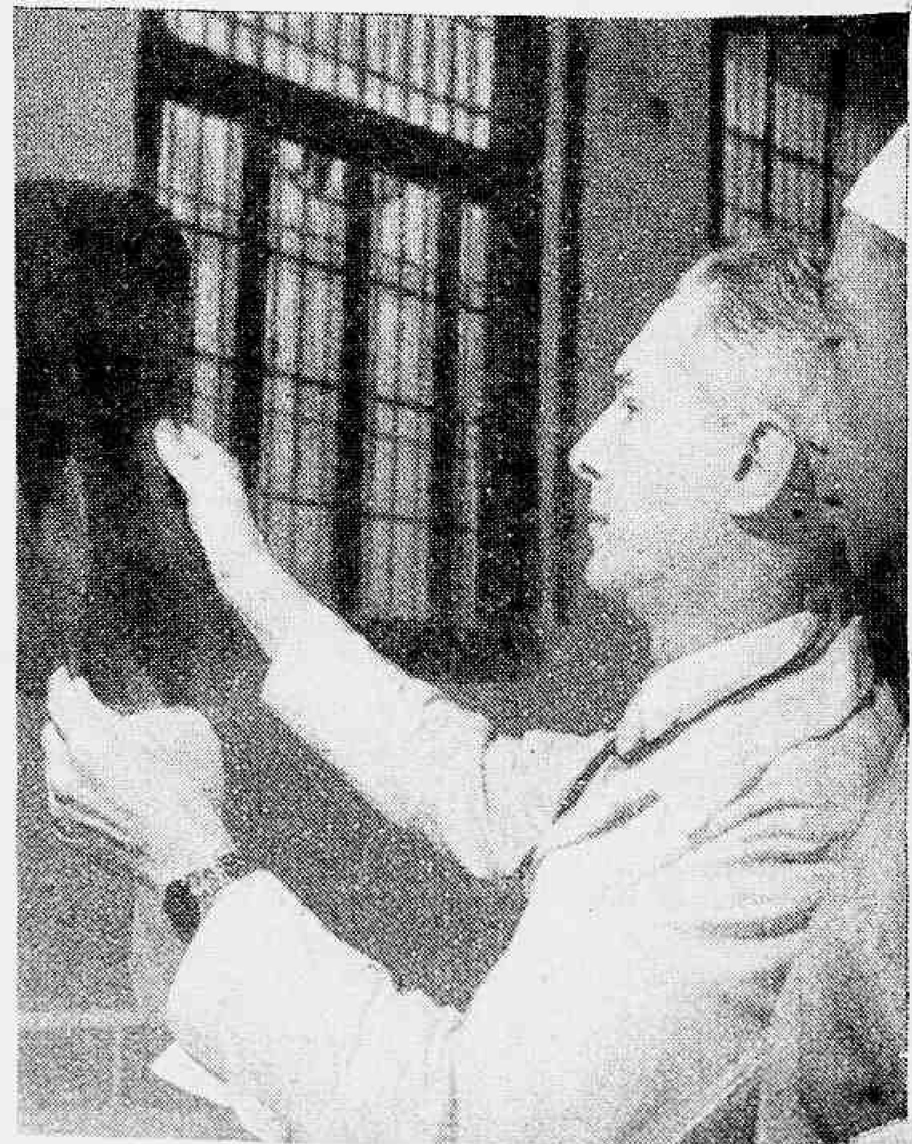




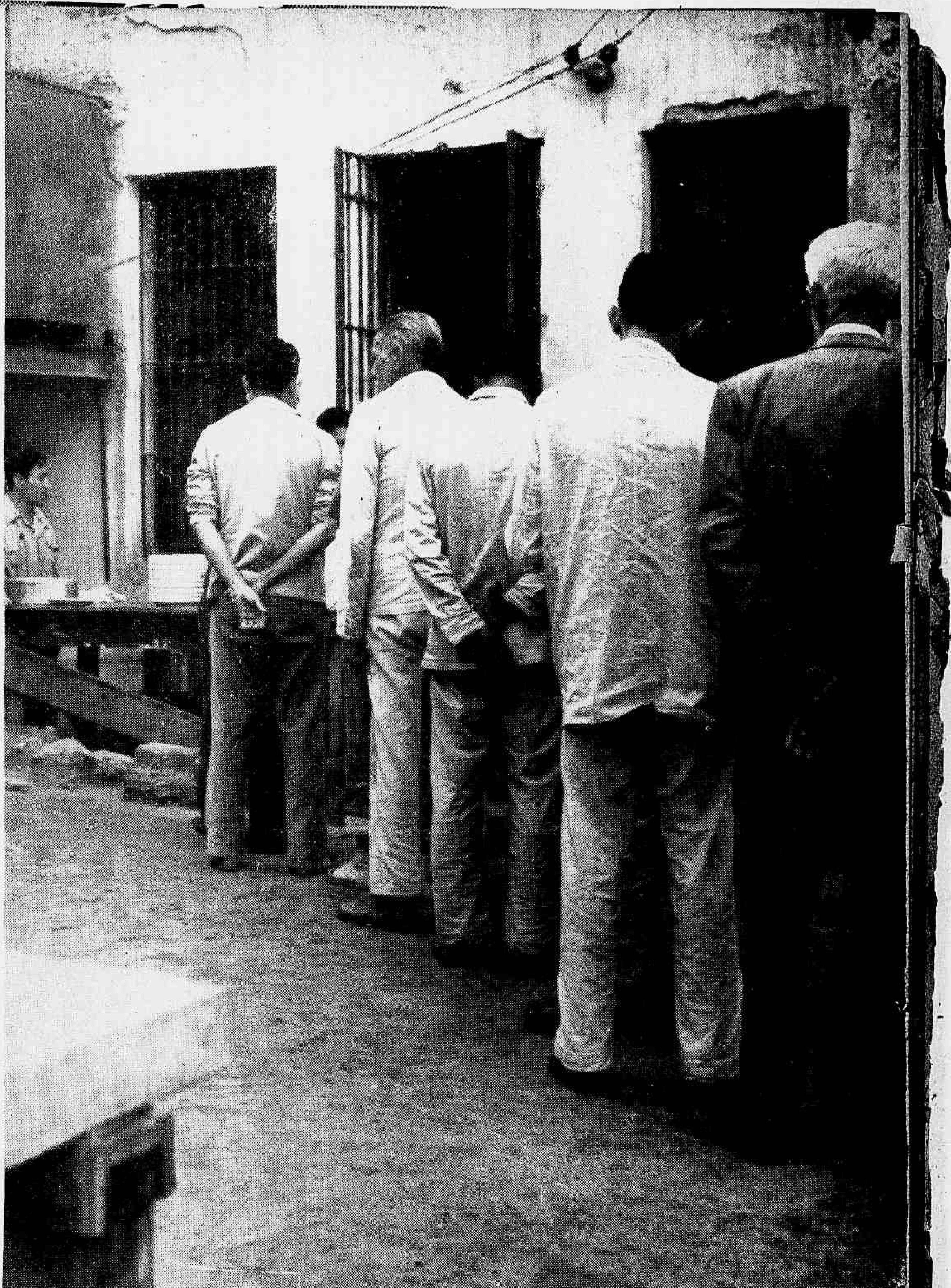
Na recuperação do alcoólatra não basta remédio. A boa vontade dos médicos e dos enfermeiros é um fator decisivo na cura.



Um dos testes é feito com a própria aguardente. As reações são terríveis. Mas o doente suporta bem, certo de que obterá a cura.



Condição indispensável para entrar no «Pavilhão dos Milagres»: chapa de Raio X dos pulmões. O dr. Mongruel examina uma chapa.



Farta comida é indispensável ao alcoólatra para a recuperação das fôrças. Eis a fila da bóia, 2 pratos e uma saborosa sobremesa.

O Brasil tem mais de 16.000 fabricantes de aguardente e, recentemente, na Paraíba, houve um concurso de bebedores de cachaça, com valiosos prêmios aos vencedores... Na Capital Federal existem 3.800 botecos que vendem o ópio, inclusive a menores. Uma garrafa de aguardente, em média, oferece um lucro de 40 cruzeiros. E' conveniente lembrar que, sòmente na Capital Federal e em São Paulo, existem cêrca de 200.000 menores abandonados, segundo o desembargador Saboia Lima, incontestàvelmente, uma das maiores autoridades do problema da assistência à criança desvalida.

Fácil é, portanto, avaliar o consumo «per-capita» de álcool em nosso país. Com populações inteiras nas garrafas do terrível vício, a cachaça — o «Demônio da Humanidade» — como disse Belizário Pena, continua ceifando vidas.

Com fatos tão dolorosos e cifras ainda mais impressionantes, poucos acreditam na recuperação dos alcoólatras. Acontece que no Rio, escondido num canto da Avenida Getúlio Vargas, funciona em condições modestas, o «Hospital de Santa Catarina de Alexandria», para as vítimas do alcoolismo, mantido por um grupo de senhores e médicos.

NO «PAVILHÃO DOS MILAGRES»

O hospital vive com imensas dificuldades financeiras. Mas, a grande boa vontade dos seus dirigentes, supera o «deficit». Quem fundou o nosocômio foi D. Augusta Barroso Almeida e os médicos são os srs. drs. Jacques L. Mongruel, Heider Siqueira Gomes e Carolina Saavedra, assistidos pelo enfermeiro José Dustan de Freitas e a assistente social Mary Ladeira.

Os outros personagens desta reportagem, os viciados, não têm nomes e os seus olhos estão vedados. Não há interêsse em identificá-los perante o público. São homens abatidos pela desgraça e que lutam desesperadamente pela volta à vida. Quase todos são portadores do «delirium tremens», o que revela o adiantado estado de intoxicação provocada pelo álcool. Os doentes chamam o hospital de «Pavilhão dos Milagres». Um dêles, estudante de medicina, com menos de trinta anos, está com os cabelos grisalhos. Disse-me com angústia:

— Estava no segundo ano quando comecei a beber. A princípio tomava uísque, depois chope e acabei na cachaça.

O ex-universitário fêz um esfôrço de memória, e adiantou:

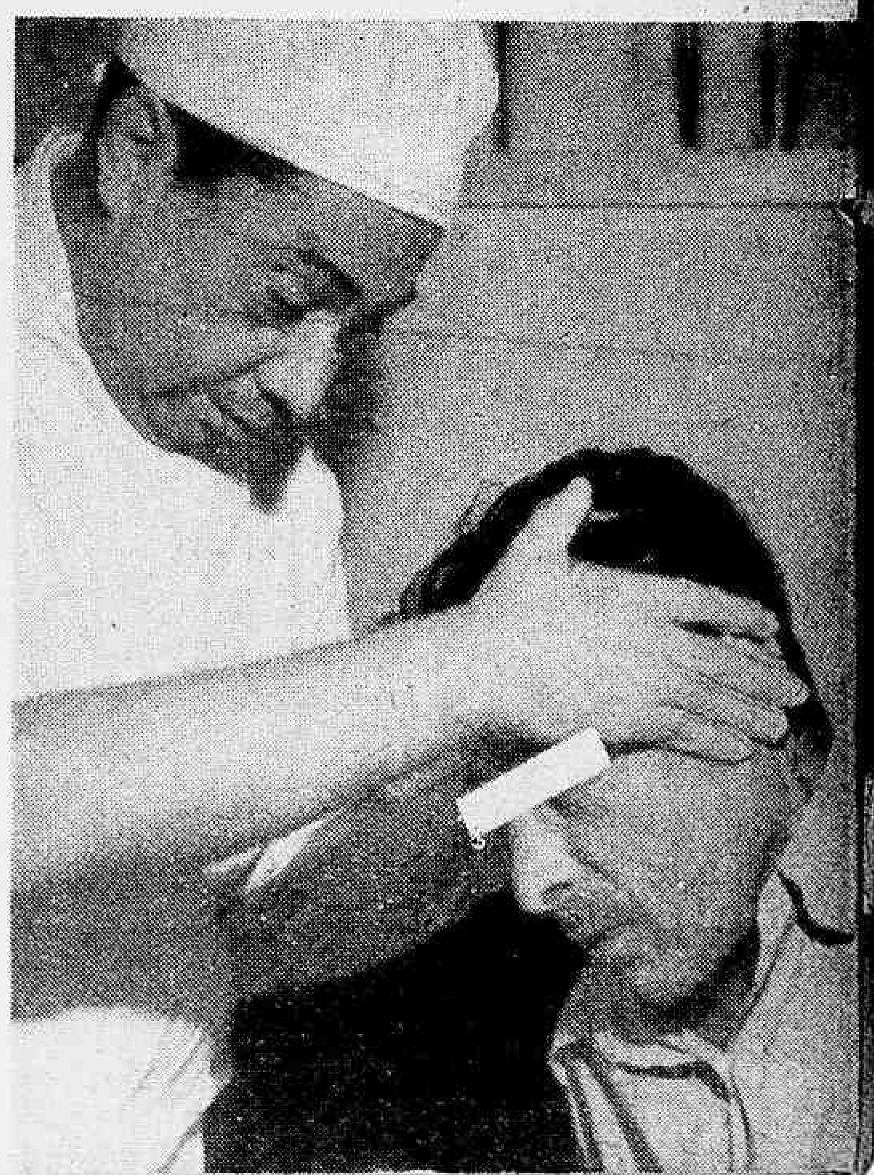
A prova de fogo do tratamento é o teste, geralmente, seguido de convulsões e de um malestar que se prolonga durante longas horas.

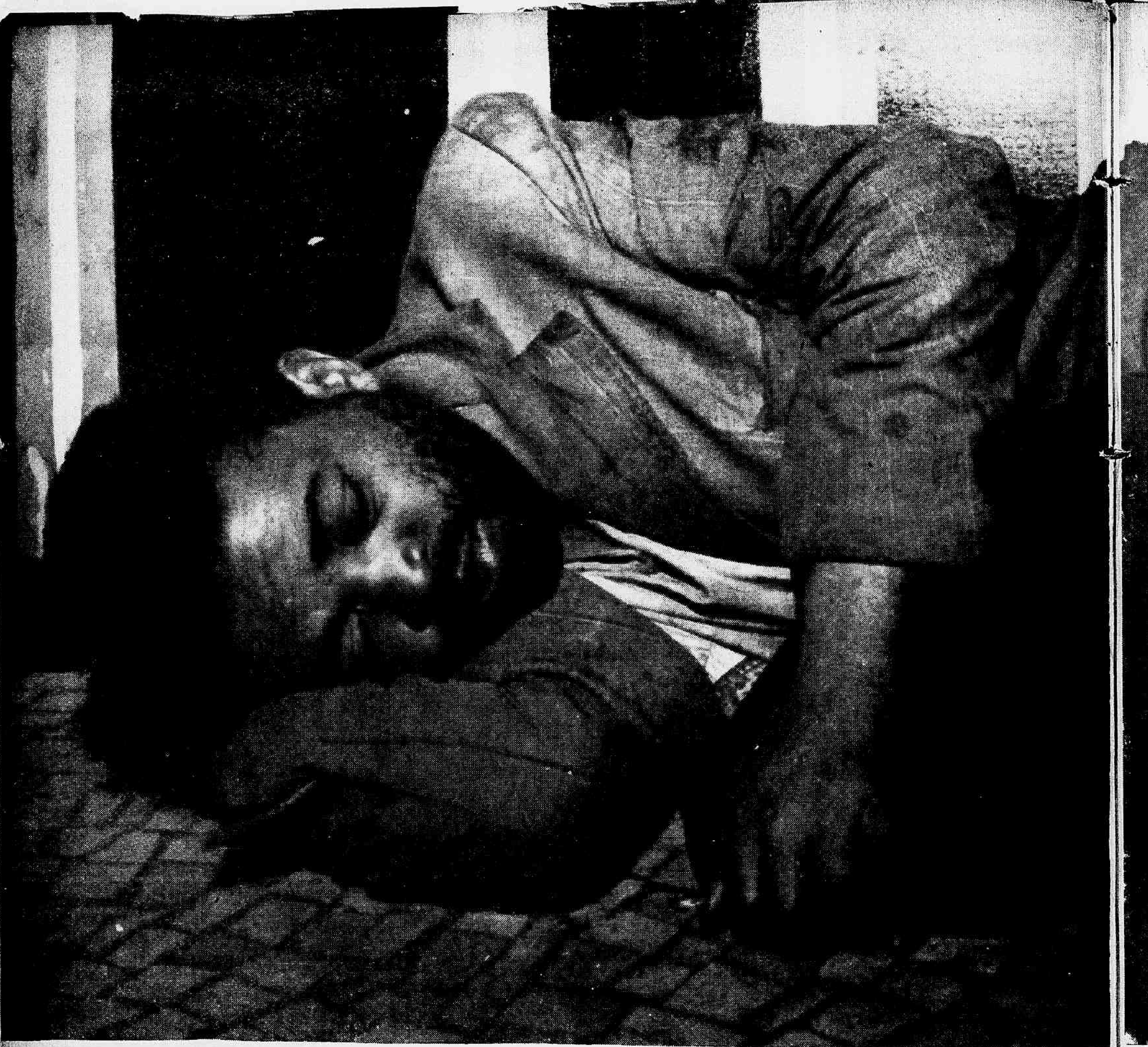


Assim começa o tratamento da provável cura do alcoólatra: desintoxicação completa do organismo por meio de injeções e comprimidos.



A reação do teste passou, o doente respirou melhor e o enfermeiro, com sua experiência, já sabe se é ou não um caso de cura radical.





Espetáculo que degrada uma cidade! Milhares de homens como êste, vitimados pelo álcool, são vistos atirados nas sargetas. E' o comêço de uma trágica jornada que leva o



D. Augusta Barroso Almeida, o anjo tutelar do hospital que recolhe as vítimas do álcool, o ópio que está destruindo o nosso Brasil.

— Apanhava papel velho na Lapa quando fui descoberto por um amigo de infância. Aqui estou há três meses e espero ficar bom, a fim de recomeçar o meu curso.

Infelizmente o seu caso é perdido. O álcool destruiu o seu organismo.

TRAPOS HUMANOS

Cada doente tem uma história triste. Um foi abandonado pela amante e procurou esquecer o drama no álcool. Outro bebia para esquecer. Um velho guarda-livros, com 62 anos, de tanto beber, perdeu o emprêgo. A família foi levada à miséria e êle conduzido ao «Pavilhão dos Milagres», cujas instalações, por falta de ajuda dos poderes públicos, são de uma pobreza franciscana. Tudo muito pobre, porém limpo e organizado.

O hospital funciona num barracão, ao lado de uma oficina de carpintaria, a qual serve, inclusive, de «atelier» de pintura. Um dos pacientes pintou São Cosme e São Damião, não esquecendo do «Mais Um». Outro desenhou Nossa Senhora.

Cêrca de cem alcoólatras, com mínimas possibilidades de cura, já retornaram às suas profissões. Quase todos foram levados pelas suas próprias espôsas, mães e noivas. Os primeiros dias do doente são de profunda revolta, pois o ambiente é inteiramente diverso do da rua, onde proliferam os botecos... As curas são surpreendentes. O último caso foi testemunhado pelo jornalista. Um funcionário da Alfândega, recolhido numa sargeta, com os cabelos e barba crescidos — e com tôda a aparência de um louco — depois de longo tratamento, acabou tomando verdadeiro horror ao álcool. A sua despedida foi tocante. Ei-lo sorridente, embora um tanto cadavérico, dirigindo palavras aos que ficaram:

— «Felizes dos que conseguem dominar o álcool. Na verdade não deixei o Hospital. Aqui estarei sempre ao lado dos meus companheiros, ajudando-os nesta luta tremenda que é, sem dúvida, o homem fugir ao vício. Voltarei ao meu emprêgo e espero ser útil, novamente, à sociedade. Trabalharei com tôdas as minhas fôrças pelo bem estar dos que ainda não podem sair.»

E os companheiros enfermos entoaram a canção «Pranto de Mãe», hino do hospital e composto por um doente, figura de primeiro plano de uma das principais orquestras do broadcasting brasileiro. Outro caso perdido.

O TRATAMENTO

Para tratar da cura do alcoólatra, são precisos diversos fatôres, à frente a boa vontade

PAVILHÃO DOS MILAGRES...



Um doente, no seu delírio causado pelo álcool, pintava santos. Êste quadro de São Cosme e São Damião mede 1m, 75 centímetros.



Trinta e seis anos, arquiteto. Foi levado para o «Pavilhão dos Milagres» pela sua espôsa. Agora passa todo o tempo na carpintaria.

homem à degradação, quando não o conduz à cadeia. Bebe-se, a granel, em todo o país.

do próprio doente. E' indispensável uma farta alimentação para recuperar a fôrça física.

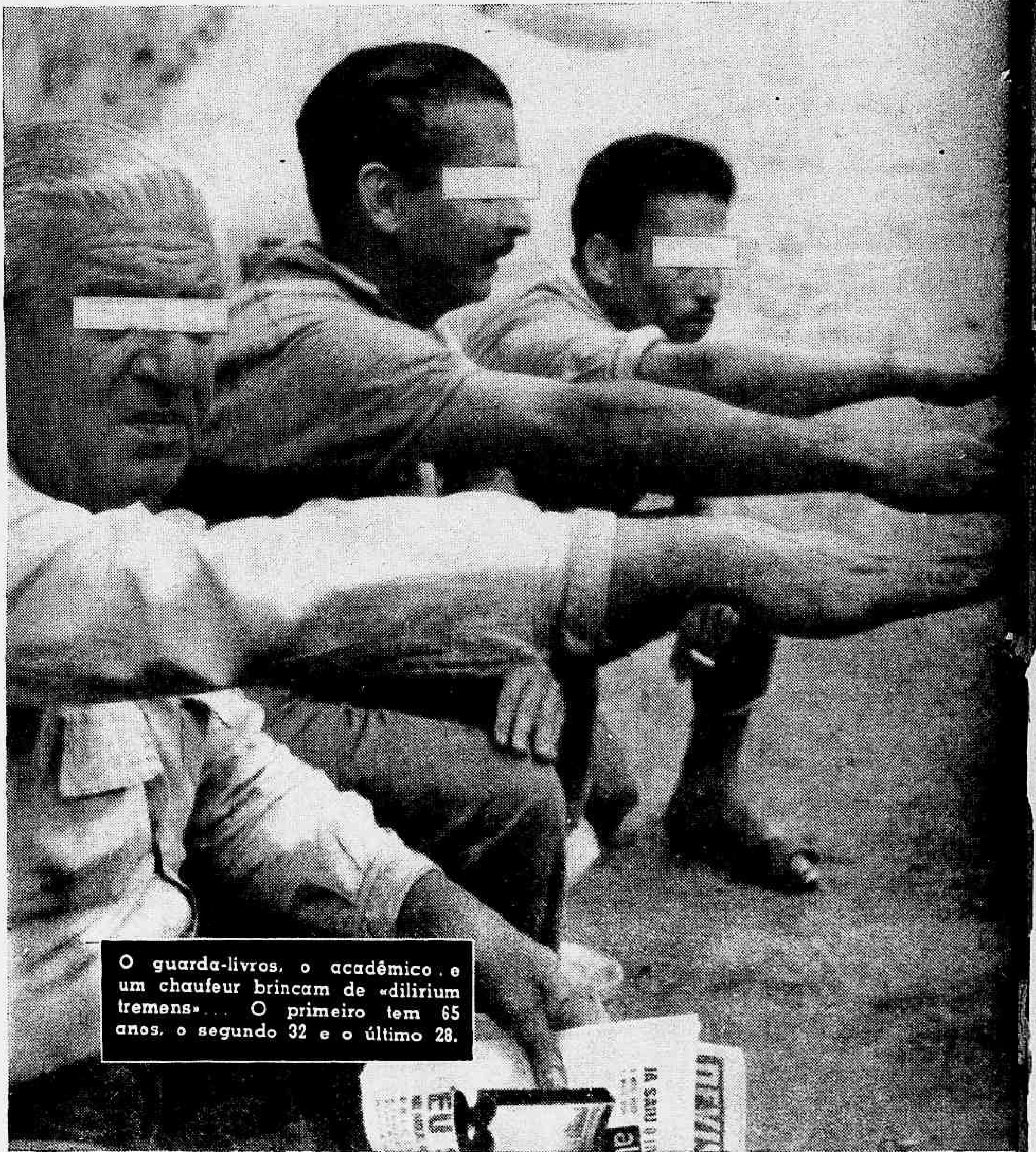
Segue-se o tratamento que começa por um processo de desintoxicação, seguido de testes alérgicos ao álcool, cujas reações lembram ataques provocados pelo tétano. Os testes são realizados uma vez por semana, às quintas-feiras. Depois de observado durante um período de três meses, o enfêrmo recebe alta ou é informado de que o seu caso não há cura, pelo avançado desequilíbrio mental provocado pela bebida. Então o doente sai e entra outro na sua vaga, já que os leitos são poucos, em número de 32.

O quadro deprimente da embriaguês é visto em todos os recantos do Brasil. Alcooliza-se o indivíduo, do mais pobre ao mais rico, no boteco da Lapa, na «boite» de Copacabana.

— «Estimula-se a tragédia alcoólica, onde o menor dos males —— como disse o professor Inácio Cunha Lopes, da Liga Brasileira de Higiene Mental — seria a maca para o hospital de crônicos, já que não há hospitais para tantas criaturas escravizadas pela bebida».

E no Brasil, desgraçadamente, ainda promovem concursos de bebedores de cachaça...

Pobre Brasil!



O guarda-livros, o acadêmico e um chaufeur brincam de «dilirium tremens»... O primeiro tem 65 anos, o segundo 32 e o último 28.

DE CINEMA

NEWTON COUTO

PRIMAVERA DE ESCÂNDALOS

BASEADA na novela de Gabriel Chevalier, «Primavera de Escândalos» (Clochemerle) pode ser considerada a sátira mais perfurante produzida pelo cinema, pois ataca a todos sem fazer a menor distinção. Isto é, a igreja, o exército, o govêrno, a política, o povo. Enfim, todos não escapam do bisturi do diretor Pierre Chenal, que ocasionou a proibição dêste filme em muitas cidades da França, mais tarde liberado pela censura. Aqui mesmo no Brasil, só será exibido em algumas capitais, tendo sofrido alguns cortes da censura. A adaptação de Pierre Chenal e Pierre Laroche é excelente, transportando para a tela tôda a irreverência e humorismo que existia na obra do escritor francês, contribuindo para isso a magnitude dos diálogos, deliciosos e de muita sutileza, feitos pelo próprio escritor Gabriel Chevalier, e por Pierre Laroche, êsse mestre de diálogos do cinema francês. A adaptação e cenarização é o ponto alto de «Primavera de Escândalos», constituindo o sucesso artístico desta obra do cinema gaulês, pelo desenvolvimento cinematográfico de seu argumento e de sua cenarização, divididas em seqüências muito bem estudadas.



Cri-Cri Muller e Jack Gautier, numa cena de «Primavera de Escândalos» (Clochemerle), da França Filmes.

A música de Henri Sauguet muito funcional, sublinhando com muita inteligência as passagens maliciosas, e a fotografia de Robert Lebvre — o notável fotógrafo de «Viagem sem Esperança» — fixa admiràvelmente em quadros bem significativos, a atmosfera e figuras humanas de tanta importância na história, pintando com sua câmara magníficos quadros, que compõe naquela cidade do interior batizada Clochemerle. A montagem de Monique Kirsanoff foi prejudicada um pouco pelos cortes que a película sofreu. Na parte interpretativa reside o outro ponto básico do celulóide, pois seus protagonistas Felix Oudart, Armontel Saturnin Fabre, Jean Brochard, Maximilienne, Max Dalban, Jeane Marken, Simone Michels, Cri-Cri Muller, Orbal e Jack Gauthier compõem seus tipos com maestria poucas vêzes vistas no cinema. A direção de Pierre Chenal é esplêndida, conseguindo realizar um filme equilibrado e que dificilmente será esquecido por todos os verdadeiros amantes da sétima arte.

O GÊNIO NA TELEVISÃO

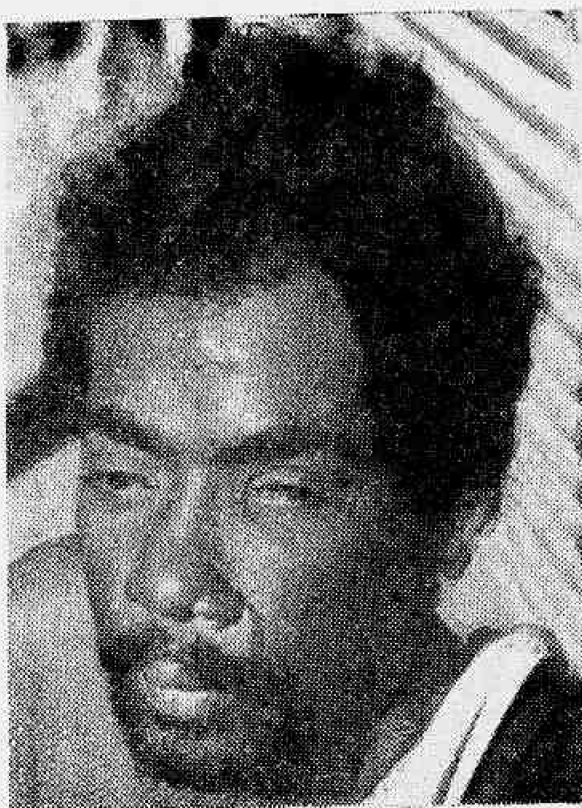
(Dreamboat)

● Esta produção da Fox intitulada «O Gênio na Televisão» é outra sátira cinematográfica, sendo desta vez à televisão, que conseguiu abalar os alicerces da indústria cinematográfica norte-americana, que pegou como única tábua de salvação, a terceira dimensão, que veio trazer novamente ao cinema o público, que já se achava afastado em grande parte das salas de projeção, preferindo ficar em casa, assistindo os programas de televisão . . . O argumento e cenarização é de autoria de Claude Binyon, antigo cenarista do cinema «yankee», que resolveu tentar também a direção. Poderia ter feito muito mais com o material que tinha em mãos, mas mesmo assim não deixou de apresentar um filme interessante, principalmente no final, onde Clifton Webb apresenta no tribunal, como sua única testemunha, no processo que estava movendo contra a televisão, um aparelho, a fim de mostrar o veneno que constituem certos programas e anúncios na televisão, para a educação de um povo . . . O dono da película é Clifton Webb, que vive com muita felicidade a figura principal, merecendo destaque, também, a novata Anne Francis, Ginger Rogers, bastante envelhecida, Fred Clark, Elsa Lanchester e Jefrey Hunter. A direção de Claude Binyon apenas razoável. Fotografia de Milton Krasner (admirável fotógrafo de «Punhos de Campeão») muito boa, enquanto a música de Cyril Mockridge («Consciências Mortas») razoável.

● A RKO irá nos oferecer muito breve, um filme que foi produzido e dirigido por Otto Preminger — «Alma em Pânico» (Angel Face) — com Robert Mitchum e Jean Simmons nos principais papéis, cujo entrecho é de autoria de Frank Nugent e Oscar Millard, com fotografia dêsse grande esteta da câmara, Harry Stradling — premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, pelo seu trabalho em «O Retrato de Dorian Grey» (The Picture of Dorian Grey) —, e a música escrita e dirigida por Dimitri Tiomkin, premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas em «Matar ou Morrer» (High Noon).

● **RETIFICAÇÃO : Em nosso artigo intitulado «O Mestre do Suspense» e publicado no dia 11 de julho, saiu que o ator Montgomery Clift havia sido premiado em 1951 pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, de Hollywood, pelo seu trabalho em «Um Lugar ao Sol» (A Place in the Sun), ao invés de nomeado como um dos candidatos ao «Oscar» de 1951 pelo seu desempenho neste filme, prêmio êste conquistado pelo ator Humphrey Bogart em «Uma Aventura na Africa» (African Queen), sob a direção de John Huston.**

OS DEZ MALEFÍCIOS DO ALCOOL



Êste infeliz, de tanto beber, adquiriu um estado de completa demência. Quantos brasileiros estão dominados pelo terrível e mortal vício?

1º — O álcool ataca células, tecidos, órgãos, aparelhos e sistemas da complexa e delicada máquina humana, alterando-lhe, portanto, as funções. Nenhum dos doze aparelhos, de que é formado o corpo, escapa aos efeitos do álcool. Minados os aparelhos digestivo, respiratório, circulatório e secreções, fica comprometida a nutrição, que é, em última análise, na sua expressão material, a própria vida. Destruídos os órgãos da reprodução, fica ameaçada a conservação da espécie. Atacados os órgãos da relação, as funções de sensibilidade e contratilidade, das quais resulta a vida animal, são lesadas. Aniquilado, enfim, o sistema nervoso e principalmente, o cérebro, perturbam-se as sensações, alteram-se as imagens, obscurecem-se as idéias, sucumbe a vida intelectual e moral.

2º — O álcool leva o homem à doença e, conseqüentemente, à miséria, ao hospital.

3º — O álcool diminui, em geral, as resistências orgânicas, exacerbando os sintomas das várias moléstias.

4º — O álcool conduz a velhice precose. Aos 30 anos o alcoólatra é um velho de 60.

5º — O álcool determina a morte prematura. Morrem, no Brasil, cêrca de 200.000 crianças até um ano de idade, anualmente. Muitos dêsses óbitos são causados pelo alcoolismo dos pais.

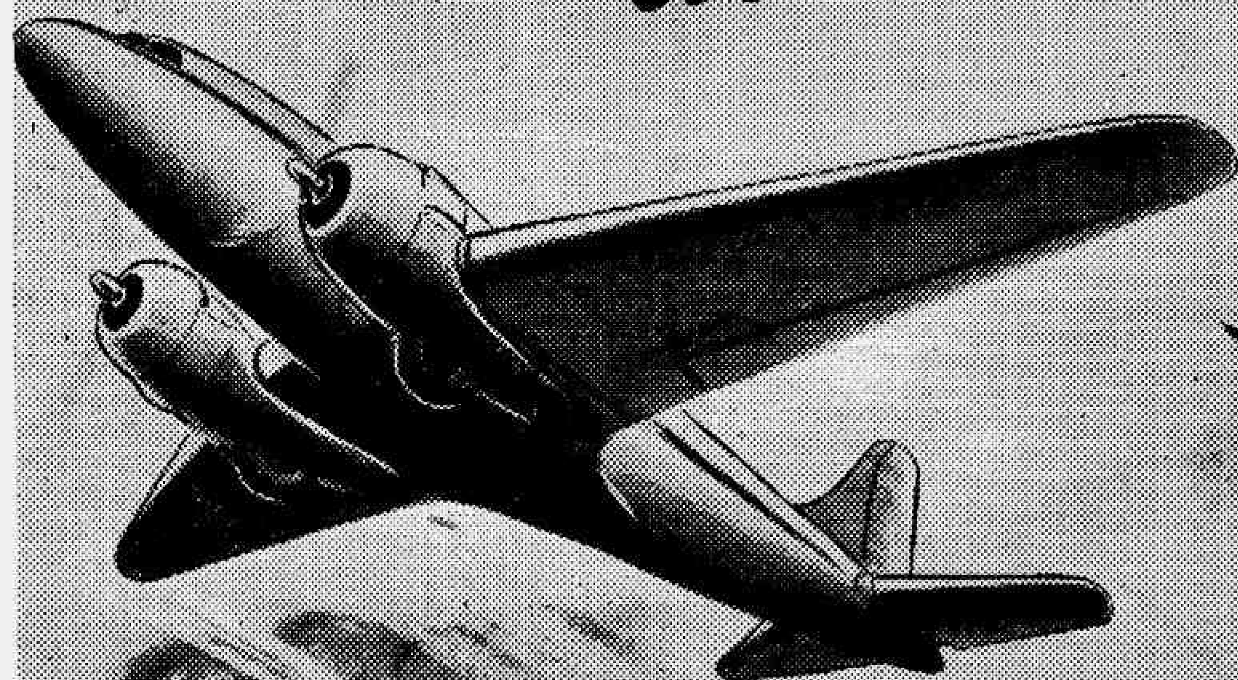
6º — O álcool envia os viciados ao Hospital e impele-os ao suicídio.

7º — O álcool encaminha suas vítimas à cadeia.

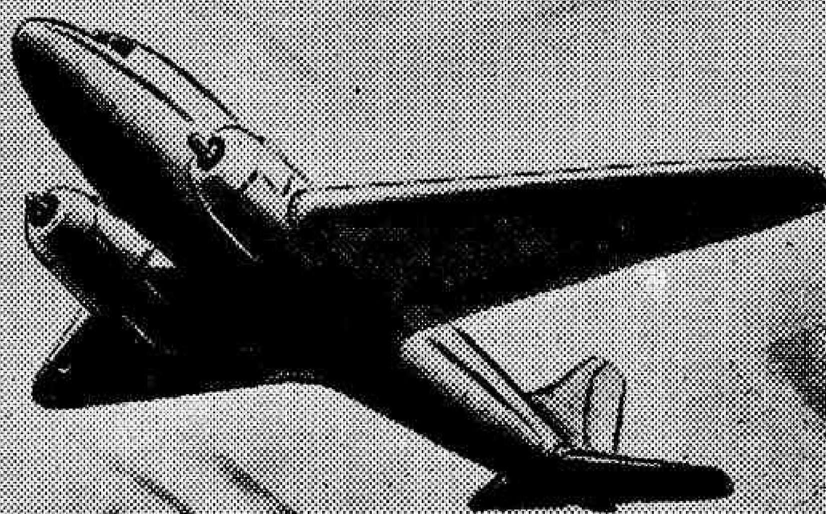
8º — O álcool destrói a felicidade do lar. O lar cujo chefe é um alcoólatra, é um lar infeliz, onde faltam o confôrto material e moral, onde não pode haver carinho, amor e paz, onde as vítimas são sempre criaturas inocentes: as espôsas e filhos.

9º — O álcool perturba a tranqüilidade social. Origina rixas, distúrbios, atropelamentos, incêndios, naufrágios, acidentes nas oficinas, nas fábricas, nas construções de edifícios, na via pública, ateia conflitos nos botequins, nos bailes, nos espetáculos públicos.

10º — O álcool degenera a raça com a procriação de aleijados, cretinos, idiotas, loucos, suicidas e criminosos, unidades sociais inúteis e prejudiciais.


Uma grande fróta aérea
ao seu dispor
Uma grande fróta constituida de aviões de marca prestigiosa, experimentada com total eficácia em todas as rótas aéreas do mundo
SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL
INFORMAÇÕES:
RIO DE JANEIRO
128 — FONE 42-6060
26-A — FONE 32-7000
SÃO PAULO









MÚSICA PARA A JUVENTUDE



JOSÉ SIQUEIRA um dos mais conhecidos compositores e regentes brasileiros, é o autor de — **Música para a Juventude.** Trata-se de uma obra que, como o nome indica, se destina à mocidade brasileira, essa mocidade que êle tanto ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da **Orquestra Sinfônica Brasileira**, os **Concertos Dominicais para a Juventude.** Dispondo de segura experiência didática, com vários livros publicados como, **Regras de Harmonia, Canto Dado em XIV Lições, Curso de Instrumentação, Modulação Passageira, Sistema Trimodal Brasileiro, José Siqueira** traça neste livro — um programa de ensino, vivo e palpitante, do qual se beneficiará não só a juventude, mas quantos tiverem a oportunidade de o ler e estudar. **Música para a Juventude** está dividido em quatro partes referentes às quatro **séries ginasiais** e envolve conhecimentos de **Teoria Musical,** de **Canto Orfeônico,** de **Música** e **Músicos Brasileiros,** de **Contraponto,** de **Harmonia,** das **Grandes Épocas** da **História da Música,** das **Escolas Musicais,** do **Folclore Brasileiro,** da **Prosódia Musical,** das **Formas Musicais,** da **Instrumentação,** da **Orquestração** e da **Banda de Música.** É um livro ilustrado com inúmeras fotografias e grande quantidade de exemplos musicais; um trabalho que vem de preencher uma grande lacuna existente no ensino da Música em nosso país e que nos pareceu definitivo em sua forma e em seu conteúdo.

Preço dos 4 vol. pelo reembôlso postal Cr$ 200,00

Pedidos a ROSA PAULA MACHADO

Avenida Nilo Peçanha nº 12 — Sala 207 ★ Rio de Janeiro

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● DECIDIDA — (Rio).

SONHO: — Do meu quarto eu via um campo de futebol feminino. Numa das equipes faltava uma jogadora, e tando o Flamengo com 13 moças e o Vasco, apenas com 12. Pensei: — Vou substituí-la para que o Vasco não perca. — Preparei-me, então para ir, como não tinha roupas interiores, pensei: — Se eu levar um tombo não ficará bem. — Mas, olhando novamente, enquanto o locutor chamava as equipes, vi que a do Fluminense estava uniformizada, enquanto as moças do Vasco vestiam blusas de várias côres, calças compridas ou shorts, cada uma de um jeito. Então, me decidi, embora tivesse apenas uma saia pregueada e uma blusa branca, sem nenhuma outra peça do vestuário. O locutor, ao microfone chamara o meu nome entre os das jogadoras, e eu ia descendo as escadas, quando estaquei e refleti melhor: — Vou fazer um papel ridículo, não sei jogar, todos vão rir de mim. — E decidi não ir.

INTERPRETAÇÃO: — Todo o nosso ser, desde o «moi profond» de Bergson, até a mais pequenina célula orgânica, todo êle exige atividade. As células cerebrais, com a psiquê, reagem à inatividade, elaborando mil idéias num incessante trabalho de renovação; o corpo material não consegue desenvolver-se sem os movimentos de ação e reação, relaxamento e contração, quer da musculatura estriada, quer da lisa. Por êsse simples processo de dinamismo, requerido pelo conjunto do nosso corpo, é que Você, talvez sem ocupação, desejasse integrar, ultrapassando os quadros de um team, a equipe futebolística do Vasco, clube de que deve ser fã. Há muita confusão de pensamentos no seu sonho, o que me deixa ver em você uma pessoa cheia de preconceitos, fóbias e inibições, todos calcados no complexo sexual (estar sem roupas íntimas, mêdo de cair); por outro lado, sinto que ainda não tem uma mentalidade amadurecida (desapontamento por não ter uniforme) e não é capaz de selecionar suas idéias (equipe sem uniforme), razão pela qual não tem firmeza no seu modo de pensar e de agir. Mas é ardorosa na defesa de suas convicções e idéias (resolução de defender o seu team). Mas, por que, Decidida, qual o complexo que criou em você tanto mêdo do amor, ou dos homens? (falta de roupas íntimas). Você deve ter um mentor, alguém que a oriente (locutor) e a faça raciocinar com mais confiança em si mesma e nas outras criaturas, principalmente nas do sexo oposto. Parece-me que você quer amar e ser amada, mas de um modo tão especial que só os anjos seriam capazes de fazê-lo... (reflexão que a fêz estacar). No fundo, você possui um perfeito senso de ridículo e se excusa de certos convites e tarefas por senti-los incompatíveis com sua personalidade. Tome um professor, estude, leia e assim ocupará sua mente e aproveitará melhor sua inteligência.

● STELA MARIS — (Rio).

SONHO: — Vinha caminhando vestida de branco — corpo carnal — sempre seguida por alguém. Vi faquires sentados em volta de uma mesa, estilo rústico, baixa, ao ar livre. Eram sete ao todo. Havia um lugar vago. Disseram ser para mim. Sentei-me, então, ao redor da mesa. Nada falaram; estavam em transe. Levantaram-se, caminhei com êles. Entraram em uma casa, segui-os. Subiram uma escada, desceram outra. Olhei para traz, vi uma criança que nos seguia. Disse-lhe: Volta e fica com teu pai. E ela me respondeu: êle me mandou segui-la. Acompanhou-me. Desci os degraus, com os faquires à minha frente. Cheguei, por fim à uma sala tôda iluminada. Acordei.

INTERPRETAÇÃO: — E' bem possível que esteja recebendo sugestões externas de cenas ou práticas oculistas, em que os faquires sejam as principais personagens. Seu estilo literário, assemelha-se ao usado pelos cultores das ciências metafísicas (corpo carnal), o que vem robustecer a opinião de que você esteja sendo influenciada por causas externas: leituras, fatos relacionados com o induanismo, com os faquires... Tenho a impressão de que Você precisa de orientação espiritual ou de esclarecimentos de certos pontos sôbre espiritualismo, estando, mesmo, misturando êste com ciências herméticas. Seu **Eu Interno,** necessita de maior equilíbrio e domínio (entrarem numa casa), para saber melhor o que deseja (segui-os) e não deixar-se levar por pessoas inexperientes e de poucas luzes.

Todos sabemos que, em matéria de espiritualismo, os faquires, com suas demonstrações de insensibilidade física, são exemplos práticos demais para chegarmos a galgar (subir e descer escadas) alguns degraus na senda do aperfeiçoamento interior. Estou mais inclinada a crer — baseada na psicanálise — que você seja uma insatisfeita com relação a amôres... Entretanto, embora parecendo paradoxal, mesmo **descendo,** estamos nos aproximando do algo melhor.

● ETERNA SONHADORA — (Monlevade)

SONHO — Estava em casa de uma amiga, no quintal, quando vi um canário sendo perseguido por um gato. Procurei impedir o gato de alcançar o canarinho, até que por fim êste conseguiu fugir. Porém ao virar-me deparei com uma enorme onça. Procurei instigar o gato contra ela. Reconheci, então o perigo que corria e célere entrei em casa, fechando portas e janelas do fundo e indo fazer o mesmo na frente da casa. Lembrei, então, de um menino de quem estava tomando conta, no momento. Fui ao seu quarto não o encontrando. Saí e fui achá-lo deitado no chão do alpendre. Julguei que dormia, mas, ao me aproximar vi, com espanto, que a cabeça estava separada do corpo. Saí para a rua gritando e pedindo socorro aos vizinhos. Senti-me horrorizada ao pensar na mãe que m'o havia confiado e que eu não soubera cuidar.

INTERPRETAÇÃO — Nosso subconsciente é um verdadeiro manancial de tudo o que existe na face da Terra. Nêle jazem soterrados os conhecimentos, os sentimentos altruístas (defeza do canário) e, em grande escala, sentimentos inferiores (perseguição do gato) que conjugados com a natureza instintiva se expandem e escapam, em sonhos cheios de angústias, de mistificações, de embustes e de **camuflagens** (natureza extravagante de seu sonho). Todos temos aves canoras — a super consciência — recolhidas dentro dalma e, também «animais bravios» que nos tiram o sossêgo e a paz de espírito e, que outras não são, sendo os nossos baixos desejos (onça). Não obstante procuramos nos defender (fechar portas e janelas) e nos recolher (entrar em casa) na parte superior de nosso **psique,** onde, em geral dorme um infante — nossa boa tendência (menino que lhe fôra entregue) o qual nos foi confiado pelo Criador. E quando inadvertidamente deixamos que o eu inferior (onça) se aproxime muito da consciência, vemos dilacerado (cabeça seccionada) o nosso ideal de perfeição. Depois nos culpamos (senti-me horrorizada) e reconhecemos que temos que dar contas a **Alguém** (mãe do menino) de nossos atos e que não somos títeres do destino, mas sim almas livres, senhoras de suas ações e, que não soubemos nos aproveitar desta liberdade em nosso próprio favor (... do qual não soube cuidar).

A morte da PORTA-ESTANDARTE

Conto de

ANIBAL MACHADO

QUE adianta ao negro ficar olhando para as bancas do Mangue ou para os lados da Central? Madureira é longe e a amada só pela madrugada entrará na Praça à frente do seu cordão. O que o está torturando é a idéia de que a presença dela deixará a todos de cabeça virada, e será a hora culminante da noite. Se o negro soubesse que luz sinistra seus olhos estão distilando e deixando escapar como as primeiras fumaças pelas frestas de uma casa trancada onde o incêndio apenas começou! . . . Todos percebem que êle está desassossegado, que uma peixão o está queimando por dentro. Mas só pelo olhar se pode ler na alma dêle, porque, pelo resto, se conserva misterioso, fechado em sua pele, como numa caixa de ébano. Por que não se incorporou ao seu bloco? E por que não está dançando? Há pouco não passou uma morena que o puxou pelo braço convidando-o? Era a morena do momento, devia tê-la seguido. . . . Ah, negro, não deixes a alegria morrer . . . É a imagem da outra que êle não tira do pensamento, que não lhe deixa ver mais nada. Afinal a outra não lhe pertence ainda, pertence ao seu cordão; êle não devia proibi-la de sair. Pois ela já não lhe deu tôdas as provas? Que tenha um pouco de paciência: aquêle corpo mais tarde será dêle, não há dúvida. Já lhe foi prometido. Andar na Praça assim, todos desconfiam . . . Quanto mais agora, que estão tocando o seu samba . . . Êle está sombrio, inquieto, sem ouvir a sua música, na obsessão de que a amada pode ser de outro, se abraçar com outro . . . O negro não tem razão. Os navais não são mais fortes que êle, nem os estivadores . . . Nem há nenhum tão alinhado. É Rosinha gosta é dêle, se reserva para êle. Será mêdo do vestido com que ela deve sair hoje, aquêle vestido em que ela fica maravilhosa, «a rainha da cabeça aos pés»? Sua agonia vem da certeza de que é impossível que alguém possa olhar para Rosinha sem se apaixonar. E nem de longe admite que ela queira repartir o amor.

Pela primeira vez o negro fica triste.

E está até amedrontado com as ameaças da noite, com essa Praça Onze que cresce numa preamar louca. A Praça transbordava. Dos afluentes que vinham enchê-la eram os do Norte da cidade e os que vinham dos morros os que traziam maior caudal de gente. O céu baixo absorvia as vozes dos cantos e o som em fusão de centenas de pandeiros, de cuícas gemendo e de tamborins metralhando. O negro, indiferente à alegria dos outros, estava com o coração batendo, à espera. Só depois que Rosinha chegasse começaria o seu carnaval. O grito dos clarins que produz um estremecimento nos músculos e um estado de nostalgia vaga; de heroísmo sem aplicação. Ó Praça Onze, ardente e tenebrosa, haverá pontos no Brasil em que por esta noite sem fim haja mais vida explodindo, mais movimento e tumulto humano, do que nesse aquário reboante e multicor em que as casas, as pontes, as árvores, os postes, parecem

(Cont. na pág. 44)

Ilustração de GIPSON DE FREITAS





A chegada de Glenn Ford, por via marítima, deu tempo a que fãs, admiradores, repórteres e gente de cinema, pudessem obter do «astro» e da espôsa, informes e até confidências. Os repórteres o crivaram de perguntas. Umas bastante simplórias, outras curiosas e interessantes. A tôdas, êle respondia com bom humor. Não tem preferências por nenhum colega de trabalho, nem por nenhum diretor. Modesto, disse também que ainda não fêz o filme de que haverá de gostar. Admirou-se da recepção que lhe fizeram, surpreendido da popularidade do Brasil. Como era natural, sua espôsa, a conhecida «estrêla» Eleanor Powell, também recebeu uma chuva de perguntas. Uma delas foi algo inconveniente: «Tinha ciúmes do marido com Rita Wayworth?». E ela, com firmeza: «Não tenho ciúmes de companheiras de profissão. Contudo, preferia ver o espôso a fazer filmes de **far-west**». Em seguida, Mrs. Ford teve um gesto de lisonja para com as cariocas: «Eu não deixaria era o Glenn vir sòzinho ao Brasil, pois as morenas dêste país são tentadoras demais . . .» Alguém quis saber por que deixara a ribalta, e Eleanor Powell respondeu: «Porque desejava dedicar-me exclusivamente ao meu filho Peter, que está hoje com oito anos; mas faço exercícios diários para não perder a forma. E pretendo voltar à cena». A vinda do «astro» ao Brasil, se prendeu, como todos sabemos, ao filme «O Americano», em combinação com a «Vera Cruz», de São Paulo, o que fracassou. O artista, porém, revelou que, se houver acôrdo de filmagem com êle, ficará o tempo necessário; em caso contrário, permanecerá entre nós, umas três semanas, pescando, nadando, montando a cavalo, conhecendo o país, enfim. É um «astro» em férias. Glenn Ford parece preocupar-se bastante com a espôsa. Procura estar sempre ao seu lado. Mal ela se afasta, êle a procura. Referindo-se ao espetáculo da Guanabara, declarou que era impossível dizer do seu deslumbramento. Logo no primeiro dia, foi, com a espôsa e o filho, jantar em casa do Sr. Guinle, na Glória, e à noite, comparecera à recepção na residência do industrial Sr. Oscar Luna Freire, com a presença de artistas de rádio, cinema e teatro. Gostou muito da «pinga» brasileira e também de milho assado, que, inicialmente, teve receios de comer. Ainda no camarote se passou uma coisa desagradável: levaram-lhe a caneta com que concedia autógrafos. Todos os que tinham canetas lhas ofereceram; mas o «astro», visivelmente contrariado, não aceitou, disfarçando seu desapontamento. Relíquia, meu amigo, relíquia.

NO BRASIL:

GLENN FORD e ELEANOR POWELL

O HOMEM QUE AGITOU OS NOSSOS MEIOS CINEMATOGRÁFICOS FILMARÁ "O AMERICANO"? — GLENN FORD TEM UM SORRISO UM TANTO MISTERIOSO — TALVEZ DE UMA HISTÓRIA INTERESSANTE PARA O PRÓPRIO CINEMA, SUA VINDA AO BRASIL.

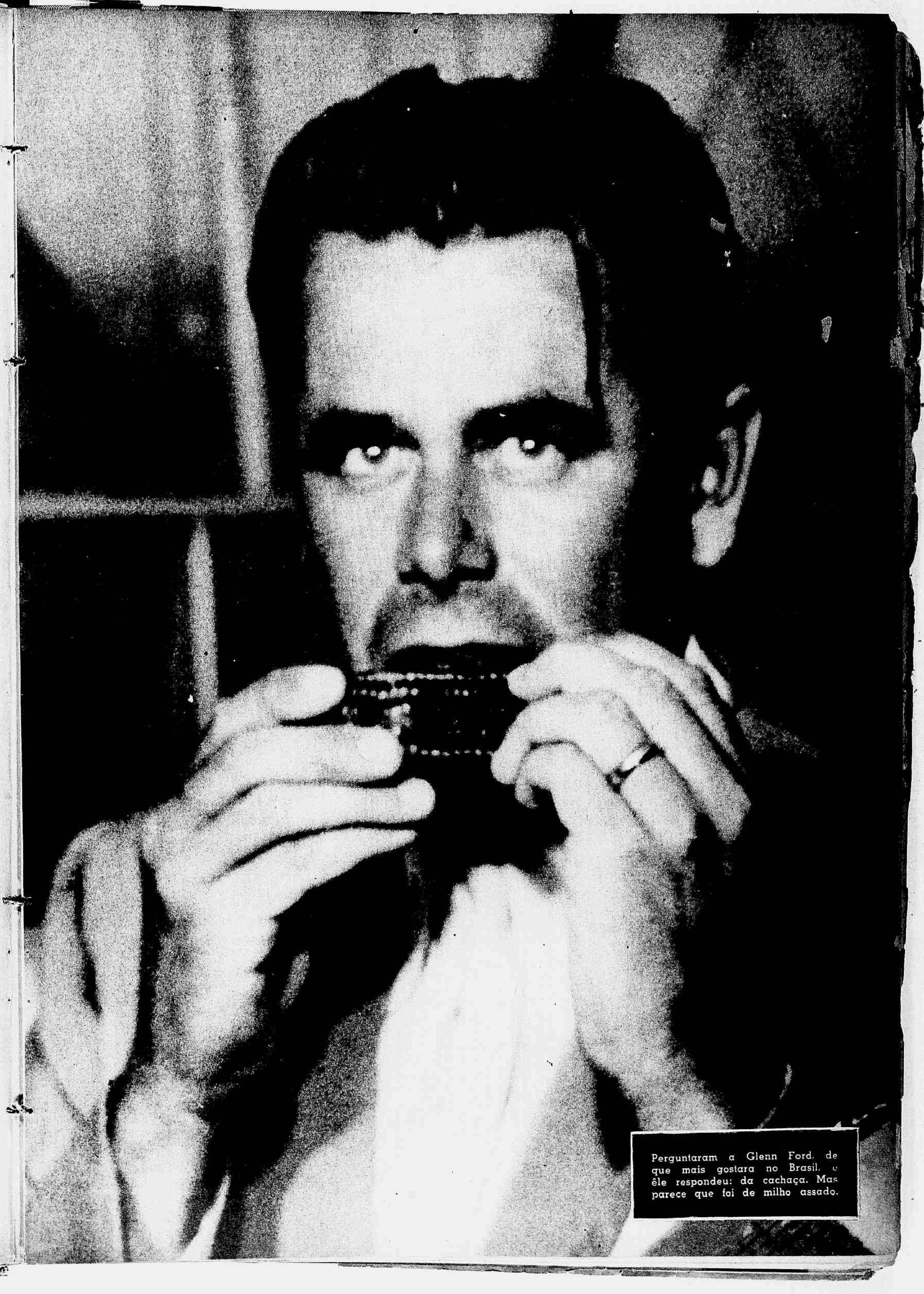
Fotos de ALBERTO FERREIRA



A amabilíssima trindade: Glenn Ford, o filho e a espôsa, uma «estrêla» que, apesar de tudo, ainda brilha nos céus da arte do cinema.



Ainda a bordo, o simpático astro de Hollywood foi cumprimentado por seus colegas do Rio: Lewgoy, Mary Gonçalves e outros mais.



Perguntaram a Glenn Ford, de que mais gostara no Brasil, e êle respondeu: da cachaça. Mas parece que foi de milho assado.

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

O escultor Jocelyn Pierston, durante a sua mocidade, vivia a procurar uma jovem que estivesse dentro de um ser ideal a que êle dava o nome de a Bem Amada. Mas, apesar de ter-se apaixonado por várias moças, desfazia os compromissos em busca do ideal inatingido. Sua grande paixão fôra Avícia Caro, amiga de infância, com quem noivara aos vinte anos. Mas também a abandonou. Ela se casou depois com um primo, de cujo matrimônio nascera uma menina, a quem puseram o nome de Avícia. A mãe, depois de enviuvar, morreu e foi enterrada na aldeia natal. Pierston, que já estava com 40 anos, foi até à ilha, para render homenagens à antiga noiva. Ali conheceu a filha, que já estava com cêrca de vinte anos. Apaixonou-se por ela, mas soube que se havia casado com um jovem da família Pierston. Como não viviam juntos, o escultor tudo fêz para que se reconciliassem, o que conseguiu. No dia em que Isaac Pierston voltava aos braços de Avícia, dava esta à luz uma menina. Em seguida Pierston foi andar pelo mundo, passando temporadas na Itália. Muitos anos depois recebeu carta de Avícia, narrando sua vida, dizendo que enviuvara. Pierston, cheio de curiosidades, foi à ilha natal para fazer uma visita à filha de sua ex-noiva. Ali se surpreendeu com a beleza da filha de Avícia, a terceira Avícia . . . Apaixonou-se pela jovem e manifestou à mãe seu desejo de casar-se com ela. Estava êle com sessenta anos e ela, com menos de vinte. —

ENTRETANTO, suponhamos que não aparecesse um jovem para casar-se com ela, e que fôsse portador de qualidades e que não estivesse em condições para isso?

Pela cara da mãe de Avícia se poderia adivinhar que ela preferia um pássaro na mão do que cem voando. Olhou o escultor, curiosamente, de cima a baixo, e disse:

— Sei que para qualquer mulher o senhor seria perfeito marido. Sei mesmo que o senhor seria muito mais perfeito do que outros com a metade dos anos que tem; e, embora seja muita a diferença entre as idades, é verdade que já temos visto casamentos com muito maior desigualdade entre os noivos. Falando como mãe, posso dizer que, de minha parte, não haverá inconveniente algum para que o senhor se case com ela, contanto que ela goste do senhor. É nisto que se estriba a dificuldade.

— Pois eu desejaria que você me ajudasse a afastar essa dificuldade... — disse êle carinhosamente. — Lembre-se de que há vinte anos consegui devolver-lhe um m a r i d o extraviado.

— É certo. O senhor fêz isso. E, apesar de não poder asseverar que grandes felicidades adviessem da reconciliação, sempre compreendi que não eram menos nobres as intenções do senhor a meu respeito, nesse particular. Eu faria pelo senhor o que não faria por nenhum outro homem, e há mesmo uma razão especial que me leva a favorecer seus propósitos com Avícia, e é que estou absolutamente segura de que, ao ajudá-la nisso, lhe proporciono a posse de um marido carinhoso.

— Bem. Deixemos isso até vermos. De qualquer maneira, porém, eu me esforçaria por poder confirmar a sua opinião. Olhe, Avícia, pela memória de passados tempos, você deve ajudar-me. Sabe que, então, você só sentiu amizade a mim, e isso lhe facilita, como coisa própria, que agora me proporcione um favor.

Depois de mais alguns minutos de conversa, sua antiga amiga prometeu que faria o possível em seu favor. Mas não lhe disse nada sôbre o problema, que, no íntimo, ela achava muito fácil. Ao escrever-lhe para a Itália, já Avícia tinha em mente despertar nêle a curiosidade e apressar-lhe a visita a ela, sabendo que êle, ao ver a jovem neta de sua primeira Avícia, ficaria perdido de amôres. Para mostrar à Pierston que estava desejosa de colaborar com êle, esperara a filha largo tempo naquela primeira noite, com a intenção de preparar o caminho.

Pierston julgava ter despertado interêsse na jovem Avícia, pelo menos na parte que dizia respeito àquele incidente das pedras, na semana anterior. Mas, apesar de tudo, se sentia inquieto diante do fato de enfrentá-la à luz do dia. Temia que à plena luz ela não tivesse dêle a boa impressão daquela noite.

Diante da confissão de Avícia, Pierston ficou perplexo, e a mãe da jovem, notando o embaraço, insinuou a idéia de que saíssem ambos a passear na direção da caminhada da filha, caso ela viesse por ali.

Concordou Pierston, e ao cabo de alguns instantes se puseram em marcha, caminhando à luz da já refulgente lua. Ao chegar às portas do castelo de Silvânia retornaram a casa. Depois de duas ou três idas e vindas, de casa

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

do castelo e do castelo a casa, viram, finalmente, aproximar-se a pessoa que tanto desejavam.

Logo que se encontraram, a terceira Avícia reconheceu imediatamente no companheiro de sua mãe o senhor que a havia ajudado lá nas pedras, e muito se alegrou ao saber que o cavalheiro que a tirara de apuros era antigo amigo de sua mãe. Recordava-se de que já ouvira falar de um certo senhor residente em Londres, homem de talento e fortuna, cujos ascendentes eram naturais da ilha, e, a julgar pelo sobrenome, era êle da mesma linhagem que ela mesma.

— O senhor já morou no castelo de Silvânia, sr. Pierston? — perguntou a moça, com sua voz ingênua. — Já faz isso muito tempo?

— Sim, já faz algum tempo — respondeu êle, com o coração opresso pelo receio de que ela perguntasse «por quanto tempo».

— Deve ter sido quando eu estava no colégio, ou era ainda muito pequenina.

— Não creio que estivesse fora.

— Mas também não creio que pudesse eu estar aqui.

— Não. Talvez, não estivesse você aqui. Quem sabe, talvez, ainda um projeto de gente... — interveio a mãe da jovem, suavemente.

Mantendo sempre os três uma conversação amistosa e em têrmos gerais, seguiram o caminho até chegar à casa de Avícia. Jocelyn, porém, resistindo ao pedido de Avícia e aos desejos do seu coração, despediu-se e não entrou. Êle precisava reforçar seu ânimo, abalado com a idéia de reconquistar naquela moça o que havia perdido nas duas anteriores. Avícia Assim, não querendo arriscar-se a um encontro face a face e demorado, preferiu afastar-se e meditar nos caprichos do mundo e na sua má sorte na família Avícia Caro.

★

Freqüentes foram os passeios vespertinos como o anterior, durante o crescente daquela lua estival. Numa ocasião, como todos eram bons andarilhos, combinaram em encontrar-se na metade do caminho entre a ilha e a povoação onde estava hospedado Pierston.

Era impossível que a linda jovem não houvesse imaginado qual a finalidade daqueles passeios. Pensou ela que se tratava de um matrimônio em projeto; mas calculou que Pierston tinha a viúva como objetivo, e não a ela... A terceira Avícia não compreendia por que motivo aquêle cavalheiro, tão fino e evidentemente tão rico, se havia enamorado de sua mãe, cuja inferioridade mental se tornava notória para a jovem, educada à moderna.

Conforme haviam convencionado, encontraram-se na praia, entre a ilha e o povoado do lado oposto da baía. Cruzaram a ponte de madeira que unia a praia à península e se encaminharam até o castelo de Henrique VIII, situado à borda do alcantilado morro.

Como sucedia ao castelo de **Red-King**, na ilha, o interior dêste também estava a céu aberto. Quando entraram naquele ambiente castigado pelos séculos, e que a luz da lua incidiu sôbre as velhas paredes, tôda a realidade material se afastou da mente de Pierston, para dar lugar ao passado, que tanto o oprimia naquele instante. Nem uma nem outra das suas companheiras de passeio poderia imaginar o que lhe ia na alma, esmagada pelas recordações de quarenta anos passados. Naquele mesmo local deveria ter-se encontrado com a avó daquela jovem que estava junto dêle, e se ela não houvesse desistido do encontro na noite da despedida, teria mudado todo o curso de sua vida.

Mas, quarenta anos já haviam transcorrido; quarenta anos de separação da primeira Avícia, até que uma segunda encarnação da querida de seu coração aparece para substituí-la. Porém êle — ai! — não estava remoçado. E de tudo isto nada sabia a mocinha delicada e linda que estava a seu lado.

Aproveitando um momento em que a jovem se afastara para olhar o oceano através de um buraco nas ruínas, Pierston perguntou à mãe, com voz de murmúrio:

— Então... insinuou algo de minhas intenções? Não? Pois creio que você já pode fazê-lo, se em verdade não há inconvenientes.

A viúva de Isaac Pierston não estava em condições de sentir-se tão fria a respeito de seu amigo como nos tempos em que pretendeu casar-se com ela. Se agora houvesse sido o objeto de seus desejos, não precisaria êle de lhe dizer duas vêzes. Mas, como boa mãe, sufocou seus sentimentos e respondeu que naquele mesmo instante sondaria o ânimo de sua filha.

Adiantando-se até o local em que a filha olhava o panorama sôbre o mar, exclamou:

— Avícia! Minha querida! Que diria você, se o sr. Pierston se interessasse por você, isto é, se a cortejasse, como se dizia na antiga tradição da ilha? Supondo que assim fôsse, você lhe daria esperanças?

— Interessado por mim, mamãe? — respondeu a moça, com insopitável riso. — Pois eu estava pensando que êle estava caidinho pela senhora!

— Oh não. Êle não pôs os olhos em mim com essa intenção — apressou-se ela a esclarecer. — Não é mais que um velho amigo.

— Não quero fazer declaração alguma — respondeu a moça.

— É homem muito fino e lhe daria elegante casa em Londres, adequada à sua educação, filha, em lugar de ficar você tôda a vida aqui, sem nenhum futuro.

— Bem, isso é interessante! — disse ela, displicentemente.

— Pois então... anima-o.

— Mas... não estou assim tão interessada a ponto de dar-lhe esperanças. Penso que é a êle que toca tomar iniciativas, fazer o que lhe convier.

Falava a jovem com muito bom humor; mas o resultado foi que, quando Pierston, que se havia afastado discretamente, voltou a reunir-se a elas, a mãe se colocou um pouco atrás, para que a filha, que parecia dócil, embora melancólica, ficasse mais à vontade junto ao escultor. Assim andaram até chegar a uma depressão do solo, e Pierston lhe tomou a mão para ajudá-la a descer, e ela consentiu em que êle a retivesse quando chegaram ao terreno plano.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

O LIVRO de Francisco Marins, «Expedição aos Martírios», edição da Melhoramentos, será traduzido para o alemão. Trata-se de uma obra para a juventude, onde a ação se desenrola nos célebres Martírios.

★

ELOS SAND (na vida civil, Elza Morais de Barros Kyrillos) é conhecida escritora para crianças. Muito breve a Editôra do Brasil lançará a terceira edição de «A Formiguinha Desobediente», a terceira edição d' «O Patiinho Teimoso» e a segunda edição d' «O Jardim Encantado». Dessa mesma escritora, a Melhoramentos publicará, dentro em breve, «O Sapo e o Ouriço» (com ilustrações de Darcy Penteado) e «A Oncinha Ambiciosa».

★

GUILHERME DE ALMEIDA leu para um numeroso público, no auditório do Museu de Arte Moderna, o célebre auto de José de Anchieta: «A Festa de São Lourenço». Guilherme de Almeida versificou e adaptou a obra de Anchieta, baseado na tradução feita pela Sra. Maria de Lourdes Paula Martins e que foi publicada há algum tempo na Revista do Museu Paulista. Excelente o trabalho do poeta.

★

NEM BEM CHEGOU da Europa, José Geraldo Vieira já começou a trabalhar incansàvelmente. Em primeiro lugar, terminou a tradução que estava fazendo de um célebre romance de John Steinbeck. Agora está revendo o seu próprio romance, «Terreno Baldio».

★

ESTREOU, no teatro das segundas-feiras, no Teatro Brasileiro de Comédia, a peça de Vão Gogo: «Uma Mulher em Três Atos». Ludy Veloso e Armando Couto desempenham os principais papéis, enquanto a direção está a cargo de Adolfo Celi, o ótimo diretor da «Antígones» de Sófocles e da «Antigone» de Jean Anouilh.

★

PASSOU ALGUNS DIAS, na capital bandeirante, o crítico de arte, Marc Berkowitz. Aliás, Marc viajou do Rio para São Paulo, a fim de assistir a inauguração da exposição de Zélia Salgado no Museu de Arte Moderna.

★

E, POR FALAR em teatro, o Grupo de Lotte Sievers já iniciou os ensaios d'«OS RATOS», de Gerhart Hauptmann. A peça está sendo dirigida por Evaristo Ribeiro, o mesmo diretor d'«A Calça». Também agora o cenógrafo será Darcy Penteado.

★

O CLUBE DE POESIA de São Paulo continua firme no seu programa de divulgação cultural. Dentre os últimos conferencistas, que o público paulista ouviu, anotamos os seguintes nomes. José Paulo Moreira da Fonseca, Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Sérgio Milliet, José Geraldo Vieira, Jamil Almansur Haddad, Antônio Rangel Bandeira.

★

A LIVRARIA das Bandeiras organizou uma festa dos escritores, onde o público leitor teve a oportunidade de ver e ouvir os «escribas» da sua predileção. Nesta festa, foram colocadas a venda inúmeras obras, dentre as quais representativas da atual literatura bandeirante. Os escritores presentes ficaram à disposição dos «fans» que desejassem autógrafos. Entre os intelectuais presentes a tão inusitada reunião, tivemos a oportunidade de ver: Maria de Lourdes Teixeira, sra. Leandro Dupré, Paulo Dantas, Afonso Schmidt, Jerônimo Monteiro, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, Reynaldo Bairão, Ligia Fagundes Teles, Mary Apocalyse, Jorge Rizzini, Antonieta Diaz de Morais e muitos outros...

★

AO SAIR esta notícia, já estará nas livrarias o livro de contos de Helena Silveira: «Mulheres freqüentemente». Trata-se de uma obra premiada pela Academia Paulista de Letras e de uma edição da Livraria Martins Editôra. A capa foi idealizada e executada por Darcy Penteado.

FORA DO PRELO

● APRENDA GEOGRAFIA BRINCANDO — Os certames das Edições Melhoramentos conquistaram o primeiro pôsto entre os elementos de material escolar, de divertir instruindo, de difundir ensinamentos através de formas simples de distração. A série «Aprenda Geografia Brincando» é uma das mais felizes neste setor. São 12 cartelas onde estão assinalados limites, cidades, estradas, etc. Os cartões, coloridos, completam o bem urdido jôgo, que, em verdade, também interessa ao adulto... «Aprenda Geografia Brincando» é, neste seu primeiro número, Estado de São Paulo, fornecendo, sob feição de certame didático, o que se deve saber a respeito do grande bandeirante.

● O CAÇADOR E AS RAPÔSAS — Mais um volume da série dos «Cadernos de Cultura» que Simeão Leal tão magnìficamente dirige, êste, de Wilson Lousada, «O Caçador e as Rapôsas», coleção de ensaios da melhor qualidade e do maior interêsse, onde encontramos páginas sôbre Merimée, Dreiser, Joyce, Alencar e outros. Particularmente curioso o estudo sôbre Alencar é o romance de aventura.

UM LIVRO:

CANTIGA DA ENAMORADA

ESTAMOS em que a poetisa de «Cantiga da Enamorada» publica êste livro para se libertar de uma fase. A insegurança de sua retórica, suas inexperiências técnicas já nos diriam isso mesmo, se não houvesse, ainda, o fato do conteúdo de todos êstes poemas nos falar de um período ultrapassado na própria essência da poesia de Yone Rodrigues. De muito conhecemos os seus versos. Inquieta, rebelde, nova, moderna, Yone Rodrigues vasava nos seus poemas — os que agora formam êste volume — sua sêde de libertação, sua permanente preocupação de escapismo, de fuga de si mesma. Sentimos no seu lirismo essa insatisfação, ao mesmo tempo psicológica e artística. Percebemos que sofreu dessa deformação espiritual que se inflige às moças brasileiras. E sentimos sua inquietação íntima, sua fome voraz de integrar-se em sua personalidade profunda, muito diferente da máscara imposta por tôda sorte de conceitos e preconceitos. Êstes poemas são o testemunho de um estado de espírito, de um **drama de espírito.** Nêles se confundem a continência das palavras e a amplitude dos movimentos. Por isso, mesmo quando êstes versos vagueiam ou quando simplesmente divagam, nos comovem tanto. São versos sofridos, mais do que sentidos e, nêles, cada palavra representa um estado d'alma angustiado, desde quando ela canta a sua liminar «Viagem», até quando enfileira entre os seus poetas os mais pessoais e os mais libertos de todo resíduo exterior, de limitações de qualquer ordem.

● Mas, não apenas por isso comove esta «Cantiga da Enamorada». Há aqui também, precisa, nítida, a história de um grande amor desfeito, racionalmente desfeito, mas lìricamente tratado, com ternura, essa ternura mais doce ainda, porque se mistura de decepções, de desilusões. O que indicou, portanto, a Yone Rodrigues êste livro foi ainda seu sentimento libertário: ela sentiu superada uma fase tanto moral como sentimental, a que pertencem êstes poemas e, por isso, se impôs publicar o livro, desembraçar as mãos dêste documento de seu drama, poder olhar, por meio do livro que deixou de pertencer-lhe, para ser de todo o mundo — como um fato exterior ao seu coração, sua própria angústia. O próprio apressado da apresentação gráfica do livro está a denunciar êsse movimento irresistível, que obrigou Yone Rodrigues a se tirar de si, completamente, uma etapa da vida, publicando os poemas. De onde tornar-se muito mais viva e palpitante esta «Cantiga da Enamorada», onde pulsa uma revolta surda, onde punge uma dor discreta mas funda, e que é um tocante documento humano, além de bela e nobre confidência lírica.

«Cantiga da Enamorada» é um dos livros mais puros e mais belos de quantos têm assinado nomes femininos, em nossa poesia.

UM AUTOR:

JOHN COLLIER



PERDEMOS muitos anos de nossa vida lendo autores que absolutamente não nos interessam, cujas obras não nos trazem nenhuma emoção. De repente, encontramos exatamente, mais felizes do que o republicano histórico — o autor de nossos sonhos. Deve ter acontecido isso, por exemplo, com os rapazes da nova geração que agora descobriram Proust, Rilke e outros, que nós, — bem, não vai nenhuma vaidade nisto — lemos na adolescência. Recentemente, encontrei entre outros livros, num balcão amontoado de livraria, em tradução francesa, um livro que se chamava misteriosamente «Un Rien de Muscade». Autor: John Collier. Lemos o livro. Contos como raramente se escrevem... Ali estava o perfeito contista de nosso tempo, com a fantasia mais rica que já encontramos, depois de Edgard Poe e Stevenson, com o perfeito saber-fazer da história curta. Interessamo-nos pelo autor. Debalde. Ficamos apenas conhecendo que escreveu muitos contos, que é inglês, mas vive nos Estados Unidos, tendo morado na França e em outros lugares. Atualmente, está em Hollywood fazendo argumentos.

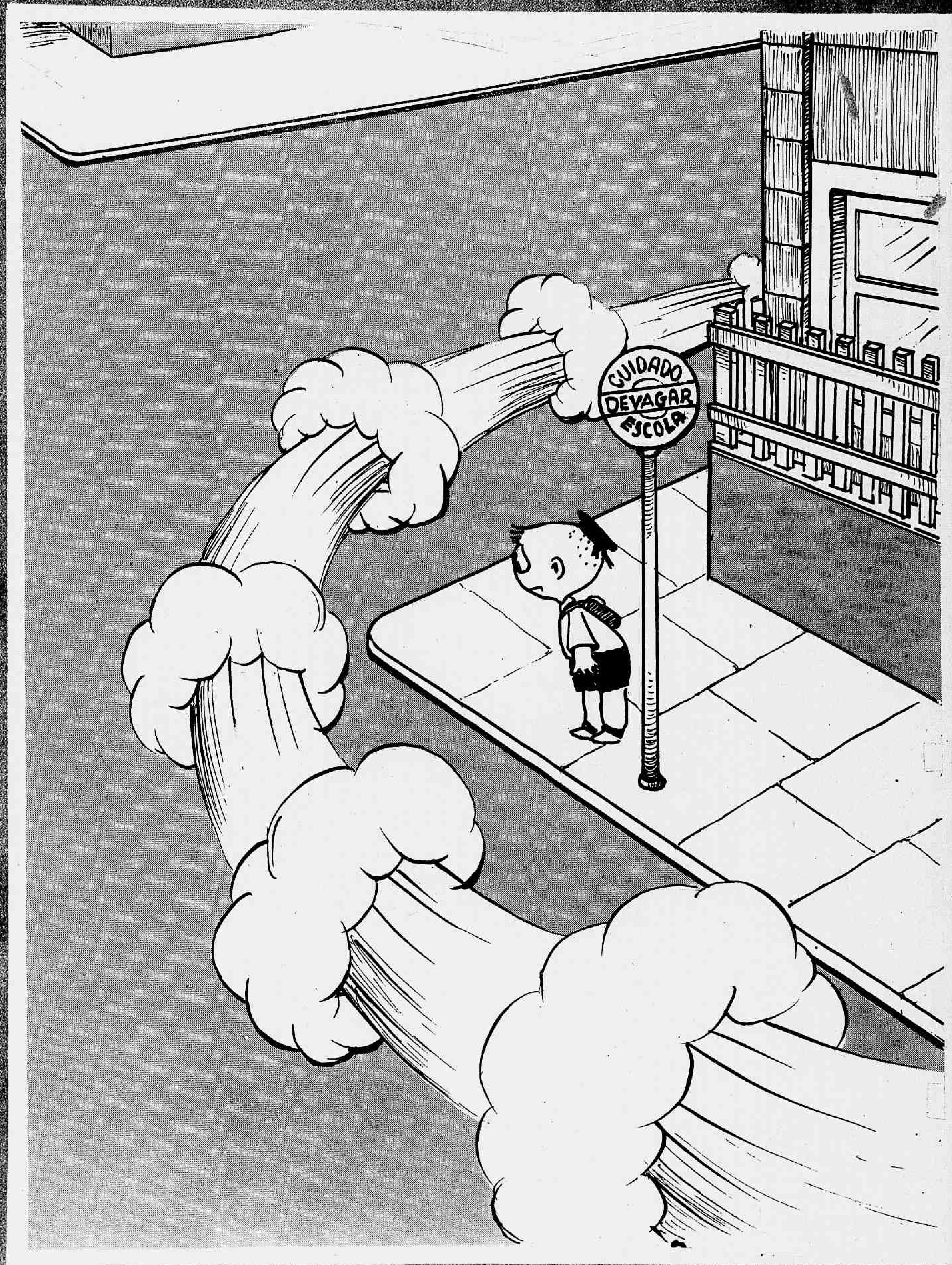
● Só muito depois, ficamos conhecendo uma pequena página auto-biográfica de John Collier. Explica que já fêz cinqüenta anos é que perdeu quase tôda a sua vida em frustrações, tendo escrito muitos contos dos quais selecionou o volume que apareceu nos Estados Unidos, há dois anos, «Fancies and Goodnights». Afirma que só lhe resta procurar um canto obscuro onde — «reinicie sua vida, reeducando-se completamente». Estamos para nós que as histórias curtas de John Collier, merecedoras da referida tradução francesa, se incluem entre o que de melhor o gênero tem produzido em qualquer parte do mundo. Nessa página auto-biográfica, Collier confessa também que passou os últimos dez anos de sua vida em Hollywood, num pequeno negócio, agora terminado, cuja única consolação era lhe dar tempo de plantar uma roseira, jogar xadrez e fazer um pouco de tênis.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

DELÍCIAS CARIOCAS

10 — ÔNIBUS



ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA

COMBINAÇÕES CONTEMPLADAS NO SORTEIO DA LOTERIA DE SÃO JOÃO DE 1953:

1º prêmio — Um aparelho de TV, no valor de Cr$ 25.000,00, ao Album nº 54.130.

2º » — Um terreno de 12x30, em Duque de Caxias, no valor de Cr$ 20.000,00, ao Album nº 30.743.

3º » — Uma máquina de escrever, no valor de Cr$ 6.000,00, ao Album nº 43.225.

4º » — Uma máquina de costura, no valor de Cr$ 5.000,00, ao Album nº 25.699.

5º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 1.000,00, a cada Album com a terminação 4.130.

6º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 200,00, a cada Album com a terminação 130.

7º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.129 (aproximação do 1º prêmio).

8º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.131 (aproximação do 1º prêmio).

9º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.742 (aproximação do 2º prêmio).

10º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.744 (aproximação do 2º prêmio).

11º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.224 (aproximação do 3º prêmio).

12º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.226 (aproximação do 3º prêmio).

13º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.698 (aproximação do 4º prêmio).

14º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.700 (aproximação do 4º prêmio).



Realização da BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro



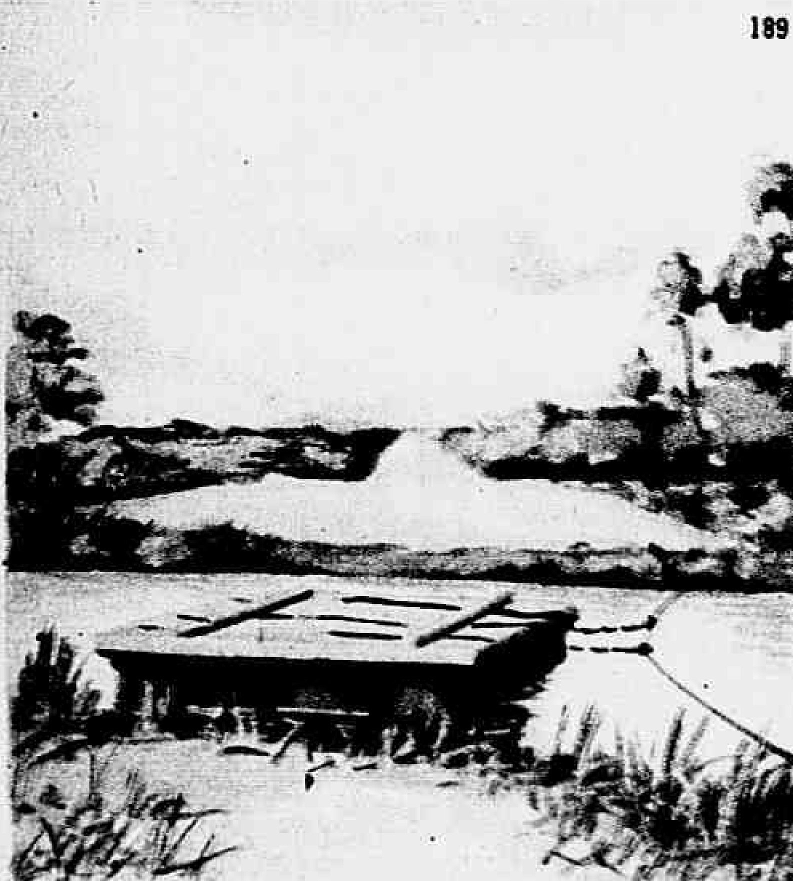
188



190



191



189



187



192

O "BALLET" AQUÁTICO está na moda

Reportagem de SAMUEL AVERBACH

Fotos de ALBERTO FERREIRA

PEQUENO HISTÓRICO ★ SUA EVOLUÇÃO E ORGANIZAÇÃO ★ ARTE E ESPORTE ★ REGULAMENTAÇÃO COMO ESPORTE MUNDIAL ★ SÃO AMADORES

O "BALLET" AQUÁTICO EM MODA



Estas são as jovens que compõem o «Ballet» do Ginástico. Atos Darrigo, o «aqua-louco», coopera no seu treinamento e na idealização dos quadros.

Duas das belas componentes do conjunto do Fluminense lançam-se à água, para dar início às suas graciosas e precisas evoluções.



A natação sincronizada, mais conhecida pelo nome de «ballet» aquático, tem sido incrementada de modo elogiável nos últimos anos, por alguns clubes do Rio e de São Paulo. Copiada e instituída, segundo os moldes norte-americanos, essa modalidade de esporte aquático obtém agora um certo destaque, após mais de cinco anos de esforços por parte dos seus lançadores, constituindo já um espetáculo quase que obrigatório na inauguração de piscinas, em várias capitais do país.

Não se pode negar que a natação sincronizada vem despertando o interêsse de todos aquêles que apreciam a natação e, especialmente, das jovens nadadoras brasileiras, pois constitui um excelente meio de aprimorar as qualidades de graça e beleza com que foram dotadas as filhas de Eva.

Maria Lenk e Piedade Coutinho foram as primeiras a tentar a formação de grupos de «ballet» aquático. Posteriormente, Criska Jane Cotton, com um conjunto de quinze jovens, formou o primeiro corpo de «ballet». Nêle figuravam alguns nomes de destaque na aquática nacional, como Talita Rodrigues, Ana Lúcia e Lia Fontenelle.

A orientadora dessas jovens iniciou-se no Fluminense, onde até hoje permanece, tendo cursado a Escola Nacional de Educação Física. Uma vez diplomada, foi aos Estados Unidos, ali fazendo um curso de especialização, tornando-se profunda conhecedora dos segredos da natação. De volta ao Brasil, foi contratada pelo Fluminense e, ao lado das suas funções de professôra de natação, passou a ministrar aulas de «ballet» aquático.

E assim formou-se o primeiro conjunto de natação sincronizada que, mais tarde, passou a ser composto por sócias daquele clube.

A primeira apresentação do grupo de moças teve lugar numa festa de caridade e, graças ao sucesso alcançado, o número de jovens que





Algumas das integrantes do grupo dirigido e orientado por Criska Jane Cotton, prontas a iniciar uma exibição, nas Agulhas Negras.

se dedicavam a essa difícil arte, foi aumentando gradativamente. Outro motivo de interêsse para a nova modalidade de esporte foram os filmes de Esther Williams entre nós exibidos, apresentando suntuosos «shows» de natação sincronizada.

E assim, êsse esporte de caráter recreativo foi sendo incrementado. O «ballet» do Fluminense tomou parte em diversas festas de caridade e organizaram-se «shows» para a inauguração de piscinas, onde a presença de tal conjunto era imprescindível.

O grupo passou a excursionar, tendo se apresentado em Recife, em São Paulo e no Estado do Rio, fazendo, inclusive, apresentações em benefício dos flagelados do nordeste.

Lia Fontenelle, que era a principal figura do «ballet», após um pequeno afastamento das lides aquáticas, foi convidada pelo Clube Ginástico Português para formar um novo conjunto com algumas jovens desta agremiação e; surgiu em setembro de 1952, o segundo grupo de natação sincronizada, no Rio de Janeiro. Após um treinamento intensivo, o conjunto passou a se apresentar ao público, exibindo-se em Curitiba, Juiz de Fora e na capital da República.

Além de Criska Jane Cotton e de Lia Fontenelle, merece ainda destaque o nome de Atos Darrigo, um jovem saltador paulista, ex-campeão brasileiro, que foi também um dos pioneiros na instituição de conjuntos aquáticos de cômicos de trampolim, vulgarmente conhecidos como «aqualoucos». Êle idealiza os quadros de «ballet» do Ginástico, tratando da parte artística em geral, auxiliando, também, na difícil tarefa do treinamento das jovens, para a execução dos variados movimentos dentro dágua.

Elas sorriem, e o sorriso é sadio, cheio de graça, asseverando o bem que a natação sincronizada proporciona aos praticantes.



Esta
«aq

O "BALLET" AQUÁTICO EM MODA



Apesar de novo, o conjunto do Ginástico já se apresenta com grande desenvoltura, graças aos rigor e intensivos treinamentos a que as moças são obrigadas a se submeterem, tanto no verão como no inve

Os treinos de natação sincronizada, embora exijam perfeita perícia por parte das suas praticantes, são realizados em caráter recreativo. No Fluminense, como no Ginástico, há dois treinos por semana, com a duração média de duas horas. O número requerido para cada espetáculo é geralmente de quinze jovens. Atestando, porém, a constante evolução dessa nova arte, contam os dois conjuntos citados com trinta e vinte estrêlas, respectivamente. Os espetáculos se estendem geralmente num período duas horas, e são entremeados com exibições saltos ornamentais e de «aqua-loucos».

Não pode ficar sem menção o fato de que a nat ção sincronizada está em vias de ser oficializada Brasil, a exemplo do que já ocorreu em outros p ses, como nos Estados Unidos e na França. O «b let» aquático, que já é considerado como uma modalidades que formam o vasto conjunto da nc



Eis aqui uma idéia de como era a natação sincronizada no passado e longínquo ano de 1920: note linhas dos «maillots» de há vinte e três anos passados, e o contôrno dos corpos, como ficam bem sal

O "BALLET" AQUÁTICO EM MODA



Num dos intervalos, as esforçadas «bailarinas» conversam, aguardando o reinício dos treinos.



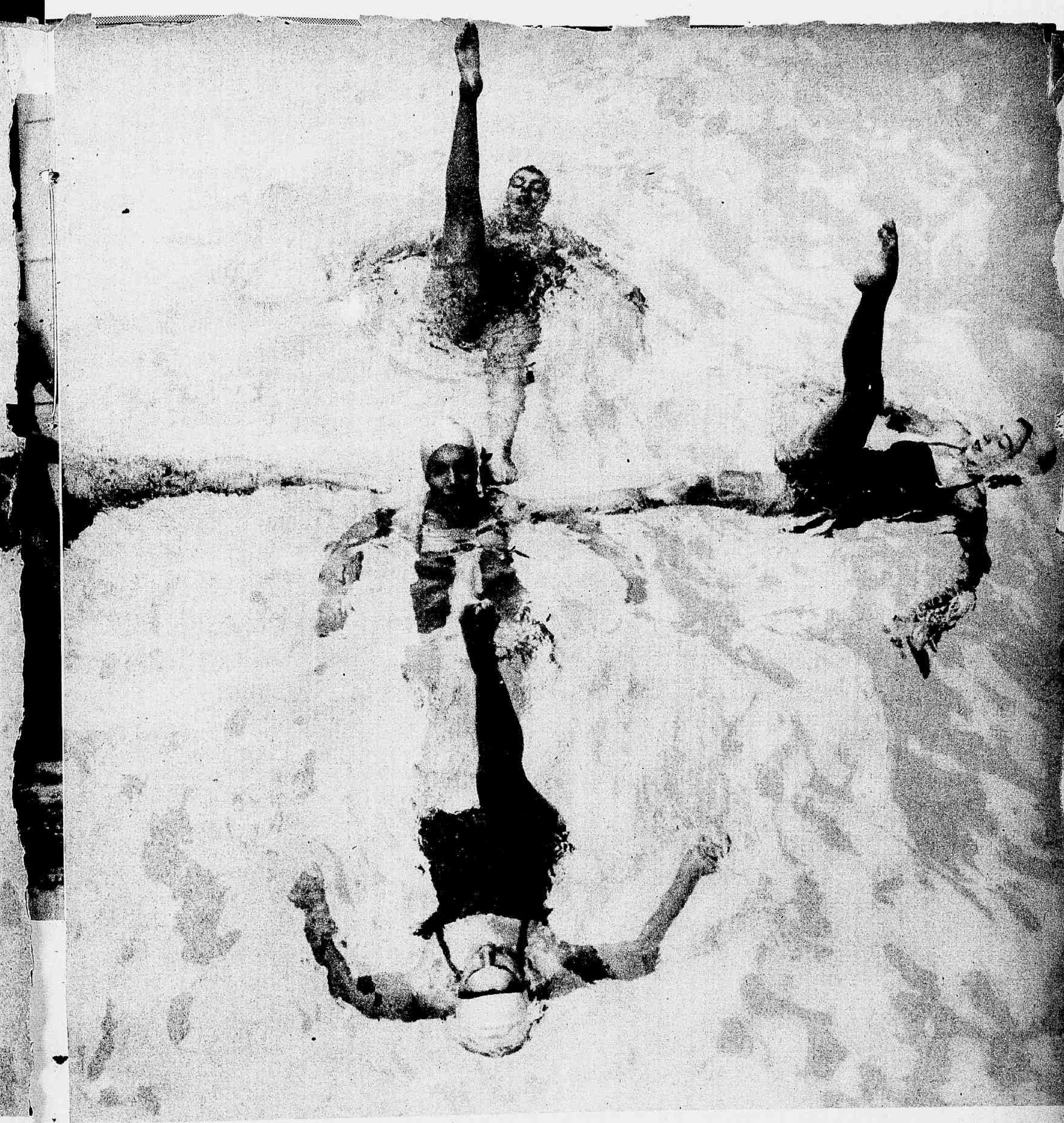
Este ficou vesgo de tanto fitar suas companheiras. Quem não ficaria? Que o diga o fotógrafo...



Um dos quadros sugestivos, apresentado pelas bailarinas aquáticas. Notem a precisão com que executam os difíceis movimentos.



Lia Fontenelle, ex-integrante do «ballet» do Fluminense, é a orientadora do Ginástico, tomando também parte nas demonstrações.



ção, passará a ser apresentado, a partir das próximas Olimpíadas, em caráter competitivo. Aliás, tanto no último Campeonato Pan-Americano de Natação como nas Olimpíadas de Helsinki, houve exibições dêsse tipo, embora não se contassem pontos para a classificação final. Embora seja bastante problemático e de difícil concretização, espera-se que o Brasil concorra às próximas Olimpíadas com um dêsses conjuntos. Para tanto, já começa a nascer o espírito de competição entre as suas praticantes, como atesta o confronto de caráter amistoso realizado entre as estrêlas do Fluminense e do Pinheiros, de São Paulo. Aquêle clube levou a melhor, pois contava com maior número de nadadoras.

Temos, portanto, já conhecidos, três conjuntos de natação sincronizada: dois no Rio de Janeiro e um em São Paulo. Sabe-se, ainda, do interêsse existente nos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, justamente três dos grandes centros de atividades aquáticas do Brasil, para a formação de grupos semelhantes e, nesse sentido, vários convites já foram feitos à orientadora do Fluminense, a fim de realizar uma «tournée» de instrução, ministrando lições às nadadoras de diversas agremiações. Outro clube bastante interessado nessa nova modalidade de arte e esporte é o Vasco da Gama, que pretende apresentar, na inauguração da sua piscina, um conjunto norte-americano de «ballet» aquático. Posteriormente, deverá ser formado um novo grupo, com algumas das suas associadas.

Para a efetiva concretização do sonho dos seus pioneiros no Brasil, a natação sincronizada necessita apenas de mais algum tempo de especialização, pois o interêsse que desperta é inegàvelmente amplo. No momento, a própria Criska Jane Cotton faz a indispensável adaptação das regras internacionais ao sistema brasileiro, após o que deverão ser estudados os fatôres técnicos para a formação de um quadro de árbitros e de dirigentes do novo e salutar esporte aquático feminino.

Formado por jovens estudantes, tôdas amadoras, êsses conjuntos deverão abrilhantar, com a graça e a eugenia de que são portadores, as atividades natatórias nos diversos centros esportivos do Brasil.

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

ELIZABETH DA INGLATERRA

Por ALMÉRICO RIBERA

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

... SENSUAL, TORPE, CRUEL, VIVEU EM MEIO AO SANGUE E À VINGANÇA, O AMOR CURVOU-A, PORÉM, FAZENDO-A AJOELHAR-SE COMO UMA MENDIGA.

ELIZABETH era filha de Henrique VIII e Ana Bolena, que morrera no patíbulo, porque o rei, seu marido, queria casar-se com uma terceira mulher. Elizabeth até hoje permaneceria um dos mais misteriosos enigmas femininos se sôbre sua vida particular — mais interessante do que a pública — não tivesse sido feita alguma luz, não de todo clara, mas suficiente para se ver bastante em sua alma complicada.

Antes de morrer, ordenou que ninguém, por nenhum motivo, ousasse desnudar seu corpo. Nesse exagerado pudor se pode imaginar ou o desejo de ocultar alguma imperfeição física, que a torturara tôda a vida, ou o orgulho de fazer acreditar em sua virgindade, da qual se vangloriava, quando afirmava não querer um marido porque se casara com seu povo. Seu corpo, em obediência à sua vontade, não foi violado por olhares curiosos. Ninguém pôde proibir a seus biógrafos, porém, de despojá-la mil vêzes diante do mundo todo, para mostrá-la como a natureza a fizera: escrava de uma feminilidade exasperada, de uma sensualidade mórbida, de uma incontinência irresistível, tudo isso sob a aparência de uma imaculada virgindade.

Nascida em 7 de setembro de 1533 morreu em 3 de abril de 1603. Vivera, pois, setenta anos, reinando quarenta e quatro, com um explendor que a passagem dos séculos não consegue apagar. Seu reinado pertence à história de seu país por ela elevado pela fôrça à potência e dignidade de um grande reino. Sua vida privada pertence, no entanto, à crônica da mais complexa e ardente sensualidade humana.

★

De sua mãe, Ana Bolena, herdara o ardor sensual e o físico agradável; de seu pai, Henrique VIII, a simulação perversa; dos dois, a capacidade de se valer dessas qualidades que se opunham, para chegar a seus fins.

Sua meia irmã, Maria, filha de Catarina de Aragão, que devia precedê-la no trono, fôra educada pelo bispo católico Gardiner, de acôrdo com a fé católica.

— Minha filha — dizia-lhe êste — nunca poderá governar tranqüìlamente se não exterminar o protestantismo, derrotando antes de tudo, sua irmã Elizabeth, prêsa do demônio e maldita de Deus em todos os séculos dos séculos.

Elizabeth, ao contrário, fôra educada pelo doutor protestante Parker, ao qual Ana Bolena a confiara ao morrer.

— Nenhuma aspiração sua, minha filha, poderá ser transformada em realidade, se não abater o catolicismo idólatra de sua irmã Maria, fonte de tôda miséria e todo mal para a Humanidade.

Foi, pois, natural que Maria, com pretexto de não se sabe bem que conjuração, fizesse encerrar sua irmã na prisão de Londres, naquela horrenda tôrre, chamada a antecâmara da morte. Dali a futura rainha da Inglaterra escapou em virtude da intercessão de Filipe II, o filho de Carlos V, em cujas mãos débeis e inseguras estava a sorte do mundo.

— Se devo ser teu espôso, Maria — haveria dito Filipe à rainha de quem era então noivo — desejo que me conceda o direito de dar-te um conselho honesto. A vontade de Deus nos é desconhecida, Maria. Poderá Êle bendizer nosso matrimônio com uma prole numerosa, mas também poderá deixar estéril nossa união. Se isso acontecesse, seria herdeira do trono da Inglaterra tua prima, Maria Stuart, já que Elizabeth, tua irmã, por tua decisão, está excluída de uma tão grande herança.

— Porque se mostrou indigna.

— Compreendo perfeitamente e não posso senão elogiar-te como mulher e como rainha. Mas sabes, Maria, o que significa Maria Stuart no trono da Inglaterra? Esqueces de que sendo ela Rainha da França êsse país absorveria o trono inglês, como já tomou conta do trono escocês? Sabes qual o tua responsabilidade diante de teus súditos, e diante da história, nesse triste caso?

O espanhol calculista, cujo futuro reservava a humilhação da derrota da «Invencível Armada», pela mesma Elizabeth de quem se fazia defensor, conseguiu vencer as repulsas da noiva.

— Mas, Elizabeth é protestante, Filipe!

— Quando subir ao trono inglês o Senhor que protege êste grande país lhe abrirá os olhos para a verdadeira fé.

— Se ela também fôr estéril?

— Por que seria? Deixe-me pensar que, caso isso aconteça, o Senhor se contentará da nossa esterilidade, e não insistirá na de sua irmã.

Por essa interpretação das intenções divinas, Elizabeth foi retirada da Tôrre de Londres.

★

Quando lhe propuseram desposar o duque de Savoia, Elizabeth recusou claramente. Disseram que estava enamorada de Courtenay, conde de Devonshire, ao qual queria se manter fiel. Também sua meia irmã Maria estivera perdidamente apaixonada por Courtenay. Fôra mesmo o ciúme que a levara, mais do que os motivos religiosos ou políticos, a proclamar-se inimiga irredutível de Elizabeth a quem, para começar, fêz declarar filha ilegítima de Henrique VIII, e, depois, exilar no castelo de Woodstock. Maria vingou-se também do conde de Courtenay, que fêz expatriar.

CAPÍTULO I

Elizabeth respondia a êsses vexames com digna calma. Empregava os seus dias numa solidão laboriosa, penetrando-se daquele espírito de prudência, de reserva, e de astuta discrição, de que tinha tanta precisão.

Como diz um seu biógrafo: «Para aumentar seus conhecimentos nada foi excluído; história, filosofia, política, eloqüência, poesia, música, seus estudos versaram sôbre tudo que pode ornar o espírito, fortificar o caráter, embelezar a vida pública e particular. Além do inglês, escrevia perfeitamente o grego, o latim, o francês, o italiano e não desconhecia inteiramente nenhuma das outras línguas da Europa».

Quando, em 17 de novembro de 1558, expirou a Rainha Maria, Elizabeth levou ao trono da Inglaterra essa soma de conhecimentos profundos, unida a uma vaidade insuperada, que chegava até à presunção. Todavia, o reconhecimento de seu direito à sucessão foi recebido com alegria pelos protestantes, que esperavam o fim das sanguinolentas perseguições de que haviam sido vítimas, durante o reinado de Maria, a Católica.

A viagem de Elizabeth, de Hattfield até Londres, foi triunfal. Entrou como soberana onipotente na mesma tôrre onde estivera prisioneira, com a solenidade que, desde então, distinguiu tôdas suas atitudes, e com a importância que sabia dar a si mesma.

No dia de sua consagração, voltando da Abadia de Westminster para seu palácio, deteve-se diante de um menino que, representando alegòricamente a Verdade, desceu do alto de um arco de triunfo e apresentou-lhe uma Bíblia. Ela tomou o livro e apertou-o de encontro ao coração.

Êste ato, nessa ocasião, era uma verdadeira profissão de fé, ainda que tivesse ela sido consagrada por um bispo católico. Respondia, assim, ao Pontífice Paulo IV que, por tolice ou cegueira, e sem nenhum senso político, não quisera reconhecer-lhe a realeza. Por culpa dêsse Papa a separação entre a Inglaterra e Roma se completou e um dos mais ilustres ramos do catolicismo se destacou do robusto ramo que vivia orgulhoso de seus mil e quinhentos anos de existência.

★

Quando uma deputação de políticos protestantes, preocupados com a possibilidade de ver a Inglaterra outra vez às voltas com violentas lutas religiosas, se apresentou diante da rainha pedindo-lhe que escolhesse um marido, a fim de dar uma sucessão estável ao trono inglês, as razões dêsses políticos pareceram muito justas ao povo. Realmente, se Elizabeth morresse sem herdeiros diretos, a coroa, como já acontecera antes, passaria para sua prima, Maria Stuart, Rainha da Escócia e católica fervorosa. Com isso se temia novas violências, maiores crueldades, e um mais trágico derramamento de sangue. Elizabeth respondeu textualmente:

— Há muito tempo teria eu me aproveitado das honras do matrimônio se a insistência dos mais poderosos monarcas da Europa tivesse podido abalar minha decisão. Estou persuadida, porém, que Deus me pôs no mundo a fim de que me ocupasse ùnicamente Dêle e de Sua glória divina. Não quero que minhas ocupações terrestres me desviem de minha missão humana. Ao pêso de um govêrno seria por demais temerário acrescentar as ocupações domésticas do matrimônio. Já estou casada: meu país é meu espôso, os ingleses são meus filhos.

E concluiu sua declaração:

— Quero que sôbre o meu túmulo se possa escrever: «Aqui repousa Elizabeth, que viveu e morreu como rainha e virgem».

Ninguém pode afirmar sua verdadeira opinião sôbre a virgindade e os meios pessoais para respeitá-la e fazê-la respeitar. Além disso, muitos homens lhe foram sobremodos caros. A êstes submeteu à escravidão de sua autoridade e dêles aceitou, por sua vez, uma escravidão ilimitada.

Sua feminilidade, porém, ìntimamente ligada a desvios obscuros e hábitos pervertidos, manifestou-se abertamente nos sentimentos de ódio que cultivou contra sua prima Maria Stuart. Em sua atitude para com a prima não entraram nunca motivos políticos, mas ressentimentos pessoais, inveja e ciúmes, pela sua beleza e pelas suas aventuras amorosas.

Tudo na vida privada de Elizabeth é ambíguo e difuso. De tôdas as partes da Europa vieram pedidos de sua mão. Recusou. Também os mais nobres e famosos gentis-homens de seu reino fizeram-lhe propostas que foram recusadas sumàriamente. Um de seus biógrafos afirma que o reino do favoritismo teve início com ela e que seu trono de virgem tornou-se a sede da galanteria. Os favoritos de Elizabeth são para nós a prova do profundo desequilíbrio de sensibilidade física dessa rainha enigmática.

Na realidade, seu primeiro favorito oficial foi Roberto Dudley, o menos indicado para isso. Dudley era filho do duque de Northumberland, que, depois da morte de Eduardo VI, quisera excluir da sucessão ao trono as duas filhas de Henrique VIII, a fim de nêle colocar sua própria nora, a infeliz Joana Grey.

Elizabeth e Dudley haviam se conhecido na Tôrre de Londres, onde estiveram aprisionados por razões bem diversas, que deveriam ter criado entre os dois uma aversão decisiva. Por isso, torna-se inexplorável o entusiasmo da rainha por tal homem. Belo, elegante, forte, era, no entanto, pùblicamente considerado como o homem mais viciado e vil de tôda a Inglaterra.

— Que queres? Que honras desejas?

— Penso que mereceria ao menos o título de conde de Leicester.

— Te-lo-ás. E que mais?

— Escolhestes para teus ministros, Bacon e Cecil. Não nego que tenham valor... Eu te pareço inferior a êles?

— Certamente que não.

— Por que me deixastes de lado?

— Porque pensei que as preocupações do govêrno te entediassem. Se me enganei estou disposta a remediar. Amanhã estará pronto o decreto pelo qual tu também te tornarás meu ministro. E... que mais?

— Depois veremos. Tudo dependerá das circunstâncias.

— Não. Dependerá de ti.

— Que queres dizer?

— Refiro-me à tua conduta, em relação às outras mulheres...

— Mulheres? Que são as mulheres para mim? Brinquedos que me distraem por alguns instantes, e que depois jogo fora.

— Tôdas as mulheres?

— Tôdas, menos uma.

— Ajoelha-te, mentiroso, e beija-me a mão.

— Só isso?

★

A rainha virgem alimentava seus desejos com exaltações frenéticas. Se não é verdade que houvesse arrumado para seu favorito um quarto que se comunicava com o seu próprio, não podem ser desmentidas as relações mais ou menos imperfeitas, às quais se abandonava, numa verdadeira loucura dos sentidos.

Dudley estimulava os instintos doentios da rainha e com isso, obtinha vantagens pessoais. Conseguiu ser nomeado chanceler da universidade de Oxford, cargo considerado como dos mais honrosos da Inglaterra. Obteve do Rei Carlos IX, da França, a ordem de São Miguel, a mais importante daquele país.

— Sei de tuas relações com lady Douglas Koward.

— Mexericos.

— Tenho provas. Não estou disposta a agüentar isso. Tens que escolher: ou eu ou ela. Não admito meio têrmo.

Nem êle conhecia um meio têrmo. A bela lady Douglas Koward, baronesa, viúva de Shiffield, poucos dias depois, por causa de um veneno poderoso, perdeu as unhas e os cabelos, e teve que se casar — com mêdo de vinganças mais pavorosas — com sir Eduardo Stafford.

— Mereço agora tua benevolência? Tivestes a prova de que aquela mulher nada é para mim!

— Que não é mais, sim. Não, porém, que não tivesse sido.

— Não é possível que me acredites um pouco, quando se trata de mulheres?

— Conheço-te demais, para poder crer em ti.

— De qualquer forma, acho que mereço um prêmio e peço-te...

— O que?

— Que venhas passar alguns dias no meu castelo de Keninworth.

Ela cedeu e foi. O castelo fôra transformado num palácio encantado, numa residência de fadas. Durante os dezessete dias de descanso naquele éden pareceu-lhe viver em sonho. O hospedeiro inventara tudo que se possa imaginar de mais maravilhoso, de mais atraente, para que ela esquecesse, numa lasciva ociosidade, os negócios de estado. A rainha virgem assistia, com olhos brilhantes e nervos tensos, às danças campestres, executadas por magníficas criaturas desnudas, às audaciosas encenações teatrais, aos banquetes orgíacos...

A combinação de imoralidade e pudor era perfeita. Nunca se levantava o manto de honestidade que, hipòcritamente, cobria a rainha, para que esta merecesse o respeito e a admiração de seus súditos.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **Quantos litros de sangue movimenta, por dia, o coração humano:**
— Mil ?
— 5 mil ?
— 10 mil ?

2 **Qual é, em toneladas anuais, o consumo de níquel em todo o mundo :**
— 100 mil ?
— 25 mil ?
— 52 mil ?

3 **De que ano datam os primeiros relógios de algibeira :**
— 1762 ?
— 1500 ?
— 1601 ?

4 **Qual a distância mínima para verificar-se o fenômeno do eco :**
— 50 metros ?
— Meio quilômetro ?
— 17 metros ?

5 **Qual dêstes países possui o maior rebanho de suínos do mundo :**
— Estados Unidos ?
— Brasil ?
— Argentina ?

6 **Qual o animal de vida mais longa :**
— A tartaruga gigante ?
— A cururi do Amazonas ?
— A baleia ?

7 **Se o homem pudesse pular como a pulga, até quantos metros poderia alcançar ?**
— Cento e vinte ?
— Duzentos e vinte e um ?
— Oitenta ?

8 **A lagosta é :**
— Molusco ?
— Miriápodo ?
— Inseto ?

9 **Que quer dizer hipopótamo :**
— Cavalo dágua ?
— Porco grande ?
— Cavalo de circo ?

10 **O almíscar é produto :**
— Vegetal ?
— Mineral ?
— Animal ?

11 **Qual é a alimentação do bicho-da-sêda ?**
— Alface ?
— Fôlhas de amoreira ?
— Palha de milho verde ?

12 **Por que se dá à indústria do bicho-da-sêda, o nome de sericicultura :**
— Por causa da sêda ?
— Por tê-la iniciado o chinês Shing Segh ?
— Por sua origem na cidade de Sérica ?

13 **Que vem a ser apicultor :**
— Fabricante de apitos ?
— Plantador de batatas ?
— Criador de abelhas ?

14 **A respiração dos peixes é :**
— Pulmonar ?
— Subcutânea ?
— Branquial ?

15 **Qual o animal que transpira pela língua :**
— O cavalo ?
— O Cão ?
— O boi ?

Resposta 0 : estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3 : cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6 : cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11 : cultura superior — Universitário.
De 12 a 14 : um sábio.
Tôdas as 15 : um gênio em pessoa.

JANELA SÔB

- O govêrno russo, contrariando sua posição anterior, resolveu contribuir com 4 milhões de rublos e o envio de técnicos às Nações Unidas, de acôrdo com o programa de ajuda internacional às nações menos desenvolvidas.

- Vários chefes rebeldes da Colômbia acabam de apresentar-se às autoridades federais daquele país, anunciando a intenção de depor as armas incondicionalmente. Essas fôrças irregulares chegaram a mais de 600 homens.

- O deputado socialista e psiquiatra, Marcel Guislain, declarou no parlamento francês, que sessenta por cento das pessoas internadas em manicômios da França sofrem de alcoolismo, sendo o país que mais consome álcool no mundo.

- Aumenta perigosamente a tensão entre o Egito e a Inglaterra, tendo o govêrno egípcio pedido ao da Grã-Bretanha, que levante tôdas as medidas tomadas por êle na zona do canal de Suez. É crença geral, ser inevitável a guerra.

QUEM DISSE ISSO:

1—O espírito procura; mas quem acha é o coração
2—A verdadeira coragem sempre encontra um recurso.
3—A sociedade prepara o crime. O criminoso o comete.
4—A crítica é fácil; a arte é difícil.
5—Não vemos os defeitos em quem amamos, senão quando êles nos fazem sofrer.

- O govêrno brasileiro mandou aos Estados Unidos uma delegação de financistas e banqueiros, a fim de conseguir-se um novo «modus operandi» para o pagamento do empréstimo de 300 milhões de dólares com o Eximbank.

- Os Estados Unidos, a Inglaterra e a França convidaram a Rússia para uma conferência quadripartite, a fim de serem debatidos os casos da Alemanha e da paz com a Austria. Aguarda-se com interêsse a realização da conferência.

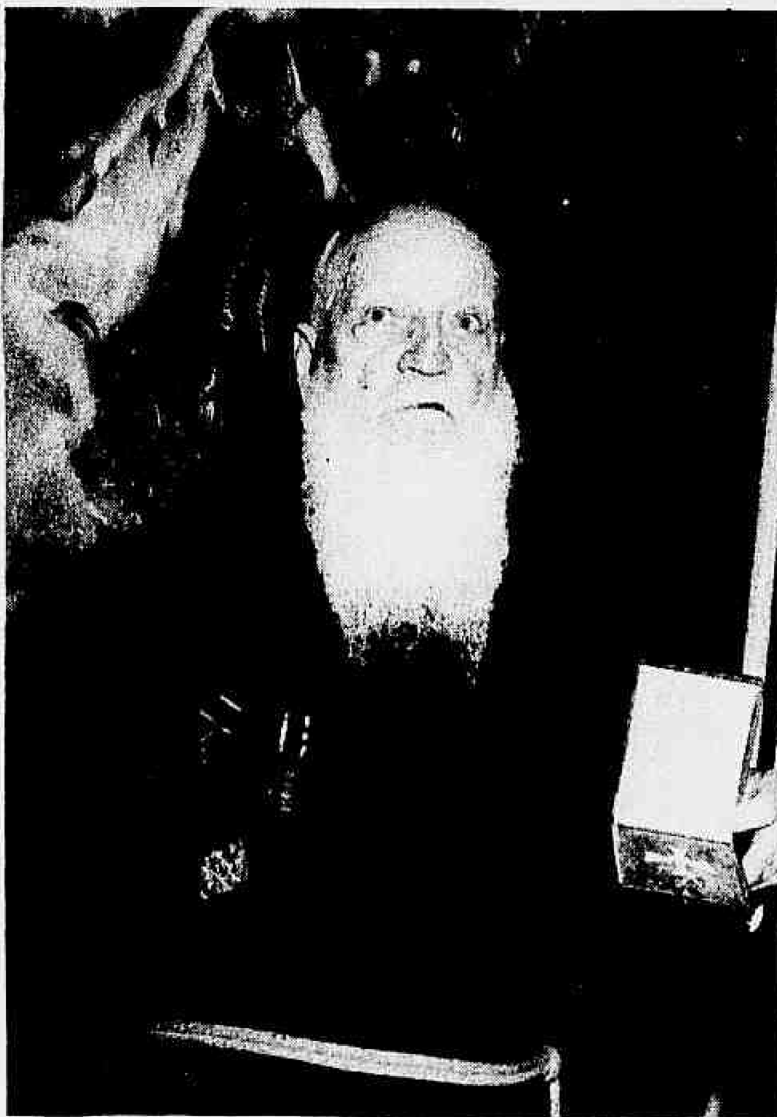
- Foi destituído das funções de Ministro da Justiça da Alemanha Oriental, o Sr. Max Fechner, dizendo-se que estão detidos seu filho e nora. O demitido é acusado de atividades contrárias à República, segundo notícias da ADN.

- Até ao dia 16 de julho continuava muito confusa a situação do armistício na Coréia. Os delegados de ambas as partes não puderam chegar a acôrdo em virtude da atuação do Presidente Singhman Rhee, contrária ao assunto.

- Em resposta à violenta ofensiva sino-coreana, com a qual as tropas comunistas conseguiram fazer recuar os exércitos de Singhman Rhee, as tropas das Nações Unidas e as da Coréia do Sul tomaram a iniciativa em contra-ofensiva.

NOMES DE RUAS

A Câmara dos Vereadores do Distrito Federal aprovou uma indicação no sentido de ser mudada para rua Comissário Raul Gay, a Doze de Maio, na Gávea. Essa mudança é em homenagem ao detective que morreu no caso do Trampolim da Gávea. Muito justa, portanto; mas, com a mudança, surge uma pergunta: por que não se dá o seu nome a uma nova rua, deixando-se aquela como está? A Prefeitura também devia dar mais clareza a nomes de ruas. Qual o motivo por que se chama Doze de Maio? Em memória de quê? Por que se celebra o dia Doze de Maio? Há umas coisas vagas em nossa vida, que deviam ser mais esclarecidas.



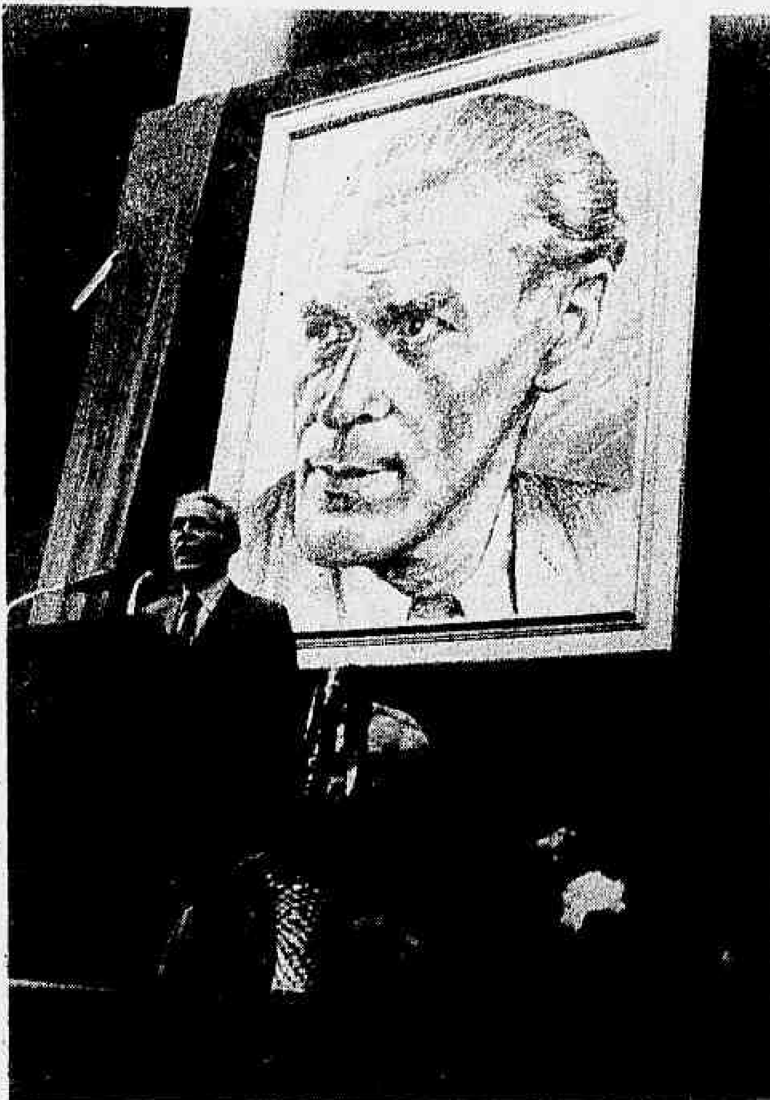
CEGA DURANTE 67 ANOS — Maria Roglio, de Treviglio, Itália, nasceu cega. Aos três anos de idade, o seu ôlho esquerdo começou a enxergar um pouco, mas coisa sem importância. Via apenas sombras, formas indistintas. Um cirurgião especialista em transplantação de córneas, o professor Beretta, depois de examiná-la, achou que o caso era sanável, e que a pobre velhinha recuperaria a visão. Operou-a do ôlho direito, com absoluto sucesso, fazendo o mesmo com o esquerdo. No dia em que ela teve ordem para retirar a venda dos olhos, não conteve o seu espanto. Maria Roglio estava vendo o mundo, após 67 anos de escuridão.



A IGREJA CONTRA O COMUNISMO — À esquerda, frei Richard Liebl, capuchinho do mosteiro de Santana, em Altoetting, Alta Bavária, condecorado pela República Federal da Alemanha, pelos serviços prestados. De 1941 a 1945, conseguiu salvar a vida de mil e quinhentas famílias em Atenas, ameaçadas de fome. Quando a revolução grega rebentou, em 1945, foi êle aprisionado pelos comunistas; mas, com grandes dificuldades, conseguiu fugir. É também condecorado por atos de bravura na Primeira Guerra Mundial. À direita, o arcebispo Bucko, de Lemberg, celebra missa ortodoxa-grega, no «Dia da Oração», por trás da cortina de ferro. (Foto Keystone).

B RE O MUNDO





COMUNISTAS NA ALEMANHA OCIDENTAL — O Partido Comunista da Alemanha Ocidental não é grande coisa. Seus membros têm que suportar a propaganda do mundo livre, liderada pelos Estados Unidos; mas, como sucede sempre, os seus chefes não perdem oportunidade para mostrar a fragilidade do sistema capitalista em relação ao socialista. Aqui vemos Max Reimann, líder do Partido Comunista da Alemanha Ocidental, quando falava ao povo, na campanha eleitoral de 14 de junho último, em Munique. Herr Reimann tomou por tema os impostos dos contribuintes em relação aos benefícios públicos, entre aplausos da cortina de ferro. (Foto Keystone).

- Depois de grave crise, o primeiro ministro Alcides De Gasperi apresentou a 15 de julho o seu novo gabinete. Embora a situação esteja normalizada, está o primeiro ministro sob ameaça de grave oposição por parte dos liberais.

- O primeiro ministro Mohammed Mossadegh reiterou, mais uma vez, sua decisão de solicitar apoio do povo para dissolver o Parlamento e convocar novas eleições gerais, apesar de forte corrente política pedir adiamento.

- Telegrama de Londres noticia, que o govêrno atual da URSS depois da queda de Beria estava nas mãos de um triunvirato de marechais, Varochilov, Bulganin e Jukov, esperando-se grandes reformas na próxima reunião do Soviet Supremo.

- O govêrno dos Estados Unidos fêz sentir ao do Irã, que nenhum auxílio financeiro lhe será concedido enquanto o Irã não chegar a acôrdo com a Inglaterra em relação aos negócios do petróleo extraído no solo iraniano.

- Encontra-se gravemente doente o octogenário presidente da Câmara dos Deputados e ex-chefe do govêrno, Eduardo Herriot. Os médicos, sem revelar qual a moléstia do velho político francês, ordenaram absoluto repouso.

- Foi eleita «Miss Universo», a representante da França, Mlle. Christiane Martel, uma moreninha de 20 primaveras e modêlo de Paris. Imediatamente foi contratada pela «Universal», para filmar em Hollywood, com um contrato de sete anos.

- Segundo telegramas procedentes de Londres, o govêrno russo está retirando suas tropas da Alemanha Oriental, adiantando-se que cêrca de 30 mil homens já teriam deixado o território alemão. Os círculos ocidentais estão sem saber explicar.

NOBREZA DE UM JUIZ

Um juiz que confessa seu êrro de direito, ao aplicar penas contra um réu, merece maiores aplausos do que aquêle que condena, acertando. Sucedeu isso com o desembargador Milton Barcelos, da Primeira Câmara Criminal do Distrito Federal, quando apreciava a apelação criminal da decisão do Tribunal do Júri que condenou o guarda municipal Wellington Rodrigues dos Santos, em cinco anos de prisão. O relator, que era o desembargador Barcelos, confessando seu êrro inicial, votou em brilhante voto de consciência e de Justiça, pela anulação do julgamento, mandando o acusado a novo júri. Bela página de nobreza de caráter.

E' PROIBIDO FUMAR

Estão falando em proibir o fumar nos ônibus e lotações. Muito bem; mas não se esqueçam de que há um decreto ainda em vigor, dos tempos do sr. Washington Luís, proibindo o uso do fumo nos cinemas. Multa de cem mil réis. Nunca se cumpriu a lei, muito mais justa do que o fumar nos coletivos. O que se deve fazer neste país, não é educar por decreto, e sim educar por meio de cultura e ensino, desde a aula primária. Talvez que, dentro de três ou quatro gerações, ninguém mais fume nos cinemas e nos ônibus, se é que, até lá ainda haja disso. O Brasil é mais um caso pedagógico do que de leis.

A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo entre 1 e 7 de agôsto de 1953

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do :

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Vai haver uma atenuação nas favorabilidades que o leitor vem desfrutando. O ambiente formado pelos astros não será propício, na semana entrante, aos seus empreendimentos e às suas atividades.

TOURO (21/10 — 20/11) — Sua posição não se modificará, em face do Céu. Tudo continuará com a mesma feição favorável da semana anterior, notadamente no que diz respeito à profissão e à vida doméstica.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Desconfie das vantajosas ofertas que lhe forem feitas na vigência do novo período. Suas favorabilidades estarão muito diminuídas. Haverá perigo de prejudiciais enganos em negócio e de funestos erros de apreciação.

CANCER (23/12 — 20/1) — Sua situação assemelha-se à situação de um convalescente. Não se atire com volúpia às atividades e às especulações. Vá lentamente, recuperando a posição e as fôrças perdidas, evitando assim, uma recaída.

LEÃO (21/1 — 20/2) — O novo período será, como o anterior, muito favorável aos seus negócios. O leitor poderá multiplicá-los extraordinàriamente, se souber valer-se dos recursos que, inesperadamente, lhe devem chegar às mãos.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — No curso da semana entrante, as favorabilidades, no seu caso, chegarão ao máximo e serão mais acentuadas no setor dos apoios e das relações sociais. Os negócios serão resolvidos a contento.

LIBRA (23/3 — 20/4) — As viagens iniciadas durante a semana em pauta, serão bonançosas. As favorabilidades serão maiores nos dias 4 e 6. O período será de grande movimentação.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Sua posição vai ser muito melhorada em todos os sentidos. O leitor terá muita chance nos meios oficiais e políticos. Suas solicitações serão prontamente atendidas.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Sua posição será agora, muito melhor, notadamente nos três primeiros dias da semana. Haverá um concurso de grandes favorabilidades em todos os seus empreendimentos e negócios lucrativos.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Mobilize tôdas as suas fôrças, todos os seus recursos, para explorar, convenientemente, a situação excepcional de **chance** que lhe vai ser oferecida. Poucas vêzes, na vida, lhe serão dadas oportunidades iguais.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — A situação continuará favorável às iniciativas, no âmbito da profissão e da vida particular. Novos êxitos serão conseguidos, de ordem financeira ou econômica. Trabalho fácil e ótimos resultados.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Apesar de desfavorável de início, a semana lhe dará prazer na vida sentimental, ordem nos negócios e uma certa folga financeira, pois conseguirá liqüidar com saldo, as obrigações vencidas.

OS NOMES DA SEMANA

Agôsto	1 — Henrique	—	Clódia
"	2 — Erbert	—	Márcia
"	3 — Juvenal	—	Edviges
"	4 — Martinho	—	Nerilde
"	5 — Flório	—	Odila
"	6 — Jório	—	Gláucia
"	7 — Milton	—	Vanira

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol, ao meio-dia de Greenwich

Agôsto	1 —	8º 55' 24''	(Signo do Leão)
"	2 —	9º 52' 49''	(" " ")
"	3 —	10º 50' 15''	(" " ")
"	4 —	11º 47' 43''	(" " ")
"	5 —	12º 45' 12''	(" " ")
"	6 —	13º 42' 42''	(" " ")
"	7 —	14º 40' 13''	(" " ")



PAQUIN — Vestido a rigor, em sêda pura, com bordados em azul e prata. Luvas em organza de sêda azul. É êste um modêlo elegantíssimo.



MENDEL-MAGGY ROUFF — Vestido colante, em cetim branco, e luvas no mesmo tom realçam a capa três-quartos em fino «vizon» de Mendel.

Noite de Gala

AQUI estão os modelos colantes, prometidos no último número da REVISTA, quando foram apresentados alguns vestidos de noite, bem amplos e rodados. Com isso ficam satisfeitos os gostos de tôdas as leitoras, que estão às voltas com tualetes de gala, para as elegantes noites da temporada lírica do Teatro Municipal, que êste ano promete ser agradabilíssima.

Se até lá o frio continuar, poderão ser retirados dos armários os custosos casacos de pele, que suspiram por uma ocasião para serem exibidos! De outra forma, as «écharpes» e saídas, nos mais diversos tecidos, ou os chales e boleros bordados, ficarão muito bem como complemento aos magníficos vestidos. Se você gosta de variar suas tualetes, êstes complementos a auxiliarão muito, sem que precise ter mais de três vestidos (aconselhamos um prêto ou cinza, um branco e um da côr de sua preferência) para as dez récitas programadas. Escolha-os em estilos bem diferentes. — Flama.



HATTIE CARNEGIE — A silhueta esguia é um vestido em renda, bordado com lantejoulas e miçangas, sôbre tafetá côr de pele.



BALMAIN — Vestido em sêda bege, bordado em sêda e miçangas ouro e côres suaves. Capa de cetim azul com punhos de «zibeline»

A MULHER MAIS RÁPIDA DO MUNDO

No dia 4 de julho passado, Jacqueline Auriol foi agraciada, pela segunda vez, com o Trofeu Harmmon — o maior prêmio aeronáutico internacional oferecido pelos Estados Unidos.



JACQUELINE AURIOL — A mulher mais rápida do mundo. — Conquistou o «record» feminino de velocidade, voando, num avião a jacto, a 855 quilômetros e 920 metros por hora.

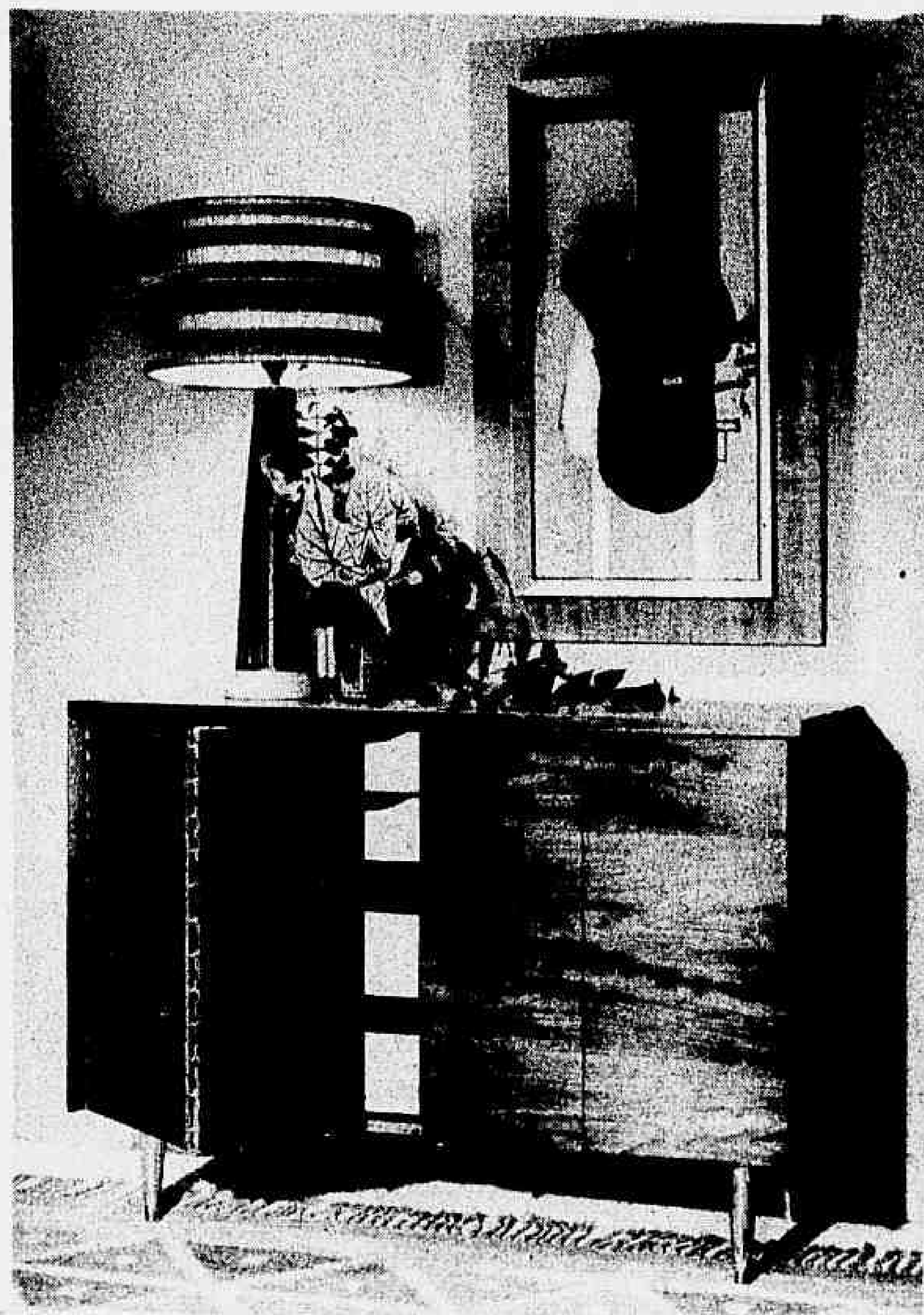
O Troféu Harmmon é distribuído anualmente, às "realizações importantes na aeronáutica internacional". Pela primeira vez foi concedido em 1926, pelo seu criador, Clifford B. Harmmon — um pioneiro da aeronáutica. O troféu é entregue pelo próprio Presidente da República norte-americana ,no dia 4 de julho, data da independência dos Estados Unidos. O fato de Jacqueline Auriol ter conquistado tão valioso troféu, pela segunda vez, é digno de nota. Obteve-o, primeiramente, por ter conseguido o "record" feminino de velocidade, com a performance de 818 quilômetros e 180 metros a hora — derrotando uma outra Jacqueline (Jacqueline Cochrane) de nacionalidade norte-americana, que até então detinha o "record". A francesa, porém, não se deu por satisfeita e, no ano passado, em dezembro, bateu seu próprio "record", com a velocidade de 855 quilômetros e 920 metros, em avião a jacto.

• Quem é essa mulher "mais rápida do mundo"? Jacqueline Auriol é nora do Presidente da República Francesa. Desde menina interessava-se pelos esportes, sendo a esquiação seu passatempo preferido, nas férias de inverno. Em 1946 teve seu primeiro contacto com a aviação e entusiasmou-se de tal maneira, que abandonou as superfícies infinitas de neve, por espaços mais amplos e mais infinitos — se se pode dizer assim — pelos caminhos dos céus. Participou de provas de acrobacia com muito êxito, em 1949. Nesse mesmo ano, porém, sofreu um acidente quase fatal, quando caiu com um hidro-avião nas águas do Sena. Teve os maxilares partidos e, durante muito tempo, não pôde falar nem comer. Sofreu 24 intervenções cirúrgicas, na França e nos Estados Unidos. Seu rosto foi recomposto, mas... ao olhar-se no espelho, Jacqueline não se reconheceu. A fisionomia estava completamente mudada. A essa fisionomia, sem passado, ela resolveu dar um futuro, o da mais famosa aviadora do mundo! Além do troféu Harmmon — conquistado dois anos seguidos — Jacqueline já conseguiu, também, o Grande Prêmio Deutsch de La Meurthe, e a Legião de Honra Francesa, além de outros menores... Prepara-se para obter muitos outros "recordes", dedicando-se cada dia, com mais ardor, à aviação a jacto. — L. J.

Sugestões para o lar

DIS um interessante detalhe de quarto de rapaz, decorado por um famoso especialista norte-americano, John Stuart. A cômoda chama a atenção pela sua simplicidade e pelo bom aproveitamento de espaço que proporciona. Bem larga, tem duas ordens de gavetas de um lado (que aparece entreaberta) e duas ordens de prateleiras de outro. Possui, assim, bastante espaço para tôda roupa de baixo, sapatos, e outros accessórios masculinos. As portas abrem e fecham por um interessante sistema de dobradiças.

• O abajur tem o pé em coluna, distinto, como convém a um quarto masculino. A seriedade da coluna simples com canaletes é quebrada pelo quebra-luz em barbante, trançado e tecido. Folhagens bem escolhidas e um quadro modernista, completam a arrumação. Não se esqueça de olhar o tapête de fibra com bonito desenho rústico. — NIKE.



UM POUCO DE BELEZA



Mala Powers, da RKO, é uma das artistas que mais lindos olhos possuem.

A BELEZA DOS OLHOS

TÔDA inteligência e espiritualidade de uma pessoa estão refletidas em seus olhos. Por isso mesmo, você deverá ter um cuidado especial com os mesmos e usar uma maquilagem que os realce. Analisemos por partes:

● CÍLIOS — Se não tem cílios longos, como os famosos de Greta Garbo, não desanime. Você poderá fazer com que cresçam untando-os com um bom creme para os cílios. Também poderá revirá-los, com o aparelhozinho especial para isso, dando a impressão de que são maiores.

● SOBRANCELHAS — Se são pequeninas ou pouco espêssas poderá dar a impressão de maiores, usando um bom lápis de sobrancelhas. Não exagere, porém, sua aplicação, que conseguirá apenas uma aparência dura que não tem nada de encantadora. A côr do lápis nunca deve ser negra. E' necessário que se aproxime, o mais possível, da côr natural das sobrancelhas. Ao acertar as sobrancelas com a pinça, retire apenas os fios que sobram «na parte de cima». Reforce o arco inferior com o lápis.

● MÁSCARA — Aplica-se a máscara para acentuar a côr dos cílios. Não use demais. Quando o cosmético secar, retire o excesso com uma escovinha.

● SOMBRA — O uso da sombra é um artifício de embelezamento e não deve ser nunca um «exotismo». Evite as côres bizarras, como o dourado, o prateado e a púrpura. A sombra serve para acentuar o contraste da pele, que circunda os olhos, com o branco do ôlho. Aplique, apenas, na parte de cima dos olhos.

Tenha muito cuidado com seus olhos! Aplique sempre um bom creme em volta dos mesmos, antes de deitar, para evitar a formação de rugas. Uma ou duas vêzes por dia, ponha compressas embebidas num bom líquido para os olhos e fique com as mesmas por dez minutos. Seus olhos ficarão mais brilhantes e mais claros. — JÚLIA DE MILO.



COMO APLICAR O BATON

Você tem certeza de que sabe passar o baton nos lábios? Deve ser feito assim:

★ *Passe o baton primeiro nos lábios superiores. Depois aperte os lábios que o baton marcará a linha dos lábios inferiores.*

★ *Retire o excesso, com firmeza, com um pedaço de papel absorvente.*

★ *Passe pó sôbre os lábios, levemente. Humedeça os lábios para retirar o excesso de pó.*

★ *Repita tudo isso mais uma vez. O resultado: é que, passado dessa maneira, o baton se conserva por muito mais tempo.*



COTOVELOS

SE SEUS cotovelos não são inteiramente lisos e alvos, será preciso que lhes dedique atenção especial. Antes de tudo, você precisa de uma escôva dura, bem dura, tipo escôva de unhas. Use-a nos cotovelos, no seu banho diário, esfregando-os fortemente com água e sabão. Depois do banho enxugue-os bem e aplique um pouco de um bom creme de beleza. O melhor meio de impedir que fiquem encardidos e ásperos, é, no entanto, evitar apoiá-los em tôda parte...

PARA AS ALTAS...

NÃO E' VERDADE que as mulheres altas não devem usar sapatos de saltos. Para a noite, os sapatos baixos não poderão, nunca, torná-la tão elegante quanto os sapatos altos ou de meio salto, bem finos. Use saltos 4 1/2 se não quer aumentar muito sua altura, mas «use saltos». Se, além de alta, acha seus péus muito grandes, lembre-se, ao comprar sandálias, que aquelas com tiras colocadas no sentido da largura dos pés, fazem com que êstes aparentem ser mais curtos do que as sandálias com tiras nos dois sentidos ou com tiras meio ao comprido.

[W]EEK-END NA COZINHA

Um cardápio especial para o almôço ao ar livre? Experimente estas duas deliciosas receitas de hoje. Para a arrumação da mesa a fotografia apresenta uma interessante sugestão. Observem como estão colocados os guardanapos, em argolas, na barra da toalha de lona grossa. — Tia Dulce



SALADA DE BATATAS À CAMPONESA

● **INGREDIENTES**

6 batatas de tamanho médio, cozidas e descascadas
1 xícara e meia de aipo picado
1 cebola média, picada
1 xícara de maionese ou môlho de salada.
3 colheres, das de sopa, de vinagre
1 colher, das de sopa, de mostarda já preparada
2 colheres, das de chá, de sal.

● MANEIRA DE FAZER

Misture todos os ingredientes numa tijela. Cubra.. Deixe na geladeira até a hora de servir. Enfeite com ovos recheados.

OVOS RECHEADOS

● **INGREDIENTES**

4 ovos cozidos, duros
2 colheres, das de sopa, de maionese ou môlho de salada
½ colher, das de chá, de vinagre
1 pitada de mostarda
1 pitada de sal.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Corte os ovos no sentido transversal. Tire as gemas, misture-as com todos os ingredientes citados. Com um garfo, amasse.

2 — Torne a encher os ovos com a mistura de gemas e os temperos.

GALINHA FRITA

● **INGREDIENTES**

(Foram calculados para 8 pessoas)

2 galinhas (com cêrca de quilo e meio cada)
1 xícara de leite
1 xícara de farinha de trigo, peneirada
1 colher, das de chá, de sal
1 pitada de pimenta
Gordura vegetal, azeite ou banha da própria galinha.

● MANEIRA DE FAZER

1 — Corte cada uma das galinhas em 8 pedaços (2 peitos, 2 asas, 2 coxas, 2 pernas). Guarde as outras partes para servir outro dia, ou para uma sopa.

2 — Lave as partes separadas da galinha. Escorra muito bem.

3 — Passe cada pedaço pelo leite, depois pela mistura de farinha, sal e pimenta. A seguir, toste os pedaços, ràpidamente, numa frigideira, com gordura bem quente e pouca.

4 — Coloque as partes assim tostadas numa assadeira grande, e acabe de cozinhar a galinha em forno moderado, de 20 a 30 minutos, ou melhor, até que, espetada com um garfo, esteja a carne bem macia.

5 — Sirva fria, arrumada numa cestinha, como mostra a ilustração.



PEDIDOS PELO REEMBÔLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO À
CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCON DE DE MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO

DE RÁDIO

GUARACY

UM VERDADEIRO MONUMENTO

QUEM a viu começar sua carreira artística ainda menina, mal podia pensar que Dircinha Batista viesse algum dia a cantar da maneira como o faz hoje, com essa extraordinária voz que a natureza lhe deu. Além de possuir excelentes dotes vocais, a mais nova das irmãs Batista tem um senso de ritmo, que muito bem poucas cantoras possuem. Sua carreira no rádio, tem sido das mais brilhantes, sustentando durante vários anos a sua popularidade, que ainda não sofreu quebra de continuidade, subindo de ano para ano cada vez mais. Já atuou em diversas estações de rádio, estando, atualmente, cantando na Rádio Nacional, onde defende os melhores programas. Dircinha também já atuou em diversos filmes nacionais, a maioria dêles películas de carnaval, onde geralmente fazia dois números musicais, mas teve papéis importantes em comédias feitas no cinema nacional há alguns anos atrás. Recentemente apareceu num filme de carnaval : «É Fogo na Roupa», sob a direção de Watson Macedo, aparecendo em dois dos melhores números musicais, principalmente aquêle em que canta «A Máscara da Face».

● **Se tivesse estudado canto, seria, talvez, a maior cantora de música popular a exemplo de Dalva de Oliveira, que não prosseguiu em seus estudos. Mas Dircinha possui muito melhor voz do que a ex-componente do Trio de Ouro, com qualidades mais acentuadas do que a sua colega. Seu timbre de voz é agradável, bem como sua maneira de interpretar as nossas composições populares, valorizando tudo que ela tem de bem brasileiro. Dircinha também já foi a soberana do rádio brasileiro, tendo sido eleita rainha no concurso promovido pela Associação Brasileira de Rádio, cetro que também pertenceu à sua irmã durante muitos anos, quando êste concurso não era controlado por esta associação. O rádio brasileiro pode se orgulhar de possuir uma intérprete como Dircinha que além do rádio e do cinema, já fêz também inegável sucesso nos cassinos, sem citar o estrangeiro, onde conquistou muitas glórias, sendo um verdadeiro monumento da música popular brasileira !**



•Carlos Coimbra, autor de «Nunca te Encontrei», de parceria com D'Andrea Netto

«COM A BÔCA NO MUNDO» é o programa que o rádio-repórter Raul Brunini apresenta tôdas às segundas-feiras às 21,35 horas.

« NOSSA FAMÍLIA », é o programa humorístico de Haroldo Barbosa, que a Rádio Nacional leva ao ar às têrças-feiras às 20 horas e 35 minutos.

JORGE VEIGA recebeu cinqüenta mil cruzeiros (Cr$ 50.000,00) para mudar de gravadora, passando da Continental para a Copacabana.

BARBOSA JÚNIOR, da Rádio Nacional, recebeu um convite para fazer o principal papel num celulóide brasileiro, baseado num conto de Monteiro Lobato, e cuja direção será de Moacir Fenelon.

● Acaba de ser gravado pela Sinter, na voz de Roberto Paiva, o bolero «Nunca te Encontrei», de autoria do rádio-ator D'Andréa Netto e Carlos Coimbra, que é tema romântico do filme brasileiro «Luzes nas Sombras», da Brasfilm, ainda inédito entre nós. Por falar em Carlos Coimbra, êle se acha cantando ao microfone da Rádio Tupi, com grande êxito, sendo uma figura bastante promissora.

O PROFESSOR Tude de Souza, continua lutando para dotar o Rio de Janeiro de mais uma estação de televisão, a da Roquete Pinto, instalando a sua sede no Calabouço, enquanto a sua tôrre de transmissão será levantada no alto do Sumaré.

● Em virtude de seu grande êxito no México, Ari Barroso terá a sua vida filmada no cinema mexicano, na película «O Brasil Canta no México», onde aparecerão como figuras principais as cantoras Araci Costa e Dora Lopes, que se encontram em companhia de Ari Barroso fazendo, também, muito sucesso.

«OBRIGADO, DOUTOR», programa de Paulo Roberto, continua sendo irradiado com grande sucesso pela Rádio Nacional, às têrças-feiras.

«O NEGRO», novela de Aldo Viana que está sendo apresentada na Televisão Tupi, tem um dos principais papéis, Amélia Simone, rádio-atriz da Tupi.

● Tôdas às quintas-feiras, às 21,30 horas, estão sendo apresentados recitais com grandes cantores na Rádio Roquete Pinto, acompanhados pela orquestra da Rádio Municipal, dirigida pelo maestro Henrique Nuremberg.

● **RETIFICAÇÃO : Queremos chamar a atenção de nossos leitores, para o engano que cometemos na crônica «Pagamentos Atrasados», publicada no dia 11 de julho, onde escrevemos que a Rádio Tamoio estava mais atrasada do que a Tupi. Acontece que os pagamentos das duas emissoras são feitos juntamente, encontrando-se tôdas as duas atrasadas no mesmo espaço de tempo, isto é, um mês.**

A FORNARINA

(Conclusão do número anterior)

Sustentada por dois discípulos Margarida beijou as mãos do homem amado. Refugiando-se no estúdio, não resistiu à dor e caiu em delírio.

Depois de ter cumprido seus deveres religiosos, o artista ditou seu testamento, deixando a Margarida de que viver honradamente e abastadamente.

Libertara-se de tôdas as coisas humanas, afastara-se mesmo da criatura que tanto havia amado, com a qual participara das exaltações do coração e das ambições da arte.

Levantou as pálpebras apenas quando lhe veio de fora o eco de um soluço, o soluço de sua amada. Depois de alguns instantes seu coração deixou de bater. Baviera fechou-lhe os olhos.

O corpo sem vida foi envolvido em brocado e ao pé do leito foi posta a «Transfiguração».

Petrificada pela dor, Margarida apoiou o rosto sôbre as mãos do seu amado, como para aquecê-las mas uma vez. Os discípulos tentaram arrancá-la daquele abraço, mas ela se pôs a gritar com tal furor que não ousaram insistir.

No dia seguinte, envolta num manto negro, Margarida jogou-se sôbre Rafael uma última vez. Baviera e outros discípulos afastaram-na, enquanto ela continuava a delirar:

— Não! Não! Não pode ir ainda!

— Vós o acompanhareis, senhora. O cortejo só se moverá quando detrás do carro fúnebre fôr colocada a «Transfiguração». Ora, estais vendo que ela ainda está ali, ao pé do leito.

Estas palavras pareceram acalmá-la e ela se deixou levar até a entrada, de onde assistiu à formação do cortejo, como se fôsse a última homenagem a Rafael.

Quatro cardeais, vestidos de violeta, escoltavam o ataúde, precedido e seguido de intermináveis filas de monsenhores e de artistas, que numa das mãos levavam um círio e na outra, ramos de louro e ciprestes. Das janelas as mulheres jogavam flores.

Quando os despojos mortais do divino pintor foram colocados no centro do Panteon, uma multidão de guardas suíços formou em arco com as espadas e o Papa, cercado de quase todos os cardeais, benzeu a salma.

Sôbre o túmulo foi pôsto o epitáfio ditado pelo cardeal Bembo:

«Questi é quel Rafael cui, vivo, vinta
Esser temea natura, e, morto, estinta».

★

Depois de vários meses de desesperante abatimento, Margarida pareceu dar-se conta das pessoas e das coisas que a cercavam. Como se antes não as houvesse nunca observado, passava longos momentos a olhar as obras de Rafael. Quando um dos seus três fiéis companheiros se avizinhava para reconfortá-la, dizia palavras de agradecimento.

— Bem cedo lhes direi adeus, meus amigos — murmurou uma noite, depois de ter ficado algumas horas de joelhos diante da «Transfiguração». — Penso voltar à minha casinha da rua Santa Dorotéia. Com o que Rafael me deixou estou em condições de viver sem pesar em ninguém... Além disso não poderia continuar a viver aqui.

— Senhora, podeis ir descansar na Vila Olgiate ou no Palatino, e nós iremos visitar-vos sempre que desejardes.

— Não, devo voltar à minha casa de menina... Ou melhor... — e, como sonhando, volveu os olhos ao longe, pela janela. — Ouvi falar, um dia, de um mosteiro. Poderei refugiar-me lá. Não estarei senão por pouco tempo... E cobriu o rosto com as mãos.

De fato, tôda sua frescura estava-se indo. O corpo tornara-se mais pesado. Alguns fios brancos começavam a aparecer na coroa de ébano de seus cabelos.

Antes de tomar uma decisão definitiva, Margarida encarregou Baviera de ver se a pequenina casa da rua Santa Dorotéia era, ainda, habitável e informar-se, ao mesmo tempo, se o mosteiro de que lhe haviam falado estava disposto a acolhê-la.

Quando Baviera, com a minúcia que punha em tôda missão que lhe confiavam, referiu-lhe o resultado de seu inquérito, Margarida vendeu as jóias que Rafael lhe dera, depois de tê-las beijado chorando: gostaria de guardar a pérola que ornara seus cabelos, o bracelete de ouro esmaltado e o colar de camafeus que Rafael imortalizara na «Velada». Depois, porém, de longas reflexões e muitas lágrimas, despojou-se de qualquer objeto e despediu-se da casa de Borgo Novo, de onde não mais saíra depois da morte do pintor.

Sem pronunciar uma só palavra, beijou fraternalmente a testa de Júlio Romano e de João Francisco Penni, emudecidos pela comoção, e, apoiada no braço de Baviera, dirigiu-se ao mosteiro que havia escolhido para sua clausura perpétua.

No limiar no claustro uma monja veio-lhe ao encontro, fazendo sinal a Baviera para se deter.

— Senhora Margarida, exclamou o fiel discípulo — confio-a a proteção de Deus. Mantive minha promessa. Espero que, do alto do céu, o divino Rafael esteja contente comigo e me bendiga — e ajoelhou-se para beijar as mãos da prisioneira voluntária.

— Adeus, Baviera. Obrigada.

As portas do mosteiro se fecharam e caiu sôbre Margarida o silêncio do esquecimento.

Em vão se procuraria saber qualquer detalhe, tanto de sua vida na clausura quanto de sua morte.

F I M

A MORTE DA PORTA-ESTANDARTE

(Cont. da pág. 19)

tremer e dançar em convivência com as criaturas e a convite de um Deus obscuro que convocou a todos pela voz dêsse clarim de fim de mundo ? . . . A Praça inteira está cantando, tremendo. O corpo de Rosinha não tardaria a boiar sôbre ela como uma pétala. O povo dá passagem aos blocos que abrem esteiras na multidão entre apertos e gritos.

— «Isso não é assim à bessa, Jerônimo ! Cuidado com ela, é virgem . . .»

Rompem novos cantos. Os «Destemidos de Quintino», os «Endiabrados de Ramos» estão desfilando. Há correria do povo para ver. Os companheiros se separam, as filhas perdem-se das mães, as crianças se extraviam. Acima das vagas humanas os estandartes palpitam como velas. E é pela ondulação dessas flâmulas que os que não podem se aproximar deduzem os movimentos das porta-estandartes.

Não se vê o corpo delas, vê-se o ritmo dos passos que elas transmitem ao pano alto. Mas era como se fôssem vistas de corpo inteiro, tão fiel a imagem delas na agitação das bandeiras.

— Oh ! Aquela lá, que colosso ! . . . É pena não se poder vê-la : mas é mulata, te garanto . . .

— Ih, como deve estar dançando aquela do outro lado ! . . . Dezoito anos com certeza . . . Coxas firmes . . . Meio maluca . . .

— A que está empunhando o estandarte que vem vindo aí é que deve ser do outro mundo. Preta com certeza . . . Veja só como a bandeira se agita, como a bandeira samba com ela . . .

— Pelo frenesi, a gente conhece logo.

Dezenas de estandartes pareciam falar, transmitiam mensagens ardentes, sacudiam-se, giravam, paravam, desfalecendo, reclinavam-se para beijar, fugiam . . .

— Imagino como está tremelicando os seios daquela lá longe; aquela diaba deve estar suando . . . Eta gostosura de raça ! . . .

— Cala a bôca, Jerônimo. Você acaba apanhando . . .

Os cordões se entrecuzaram, baralharam os cantos. Vem crescendo agora um batecum medonho de tambores. Um bloco formidável se anuncia. O negro amoroso interpreta os sinais semafóricos do estandarte que está entrando pelo lado da Praça da República. O negro fura a massa, coloca a sua figura enorme em situação de poder ficar bem perto. Apura o ouvido para saber se é o canto do seu cordão. A barulheira é grande. Algumas notas do hino . . . Sente um arrepio. Ela virá com aquêle vestido ? Se entristece mais, à medida que a mulata se vem aproximando numa onda de glória entre alas do povo. Se o negro quiser sair daquele lugar já não pode mais, se sente pregado ali. O gemido cavernoso de uma cuíca próxima, ressoa fundo em seu coração. — Cuíca de mau agouro, vai roncar no inferno . . . Será ela, meu Deus ! . . .

O negro está tremendo. Mas não pode ser ela. Rosinha quando aparece ninguém resiste, é um alvoroço, uma admiração geral . . . Não vê que é assim . . . Até o ar fica diferente. E o estandarte que vem vindo é de veludo azul, tem a imagem de São Miguel entre estrêlas e as insígnias do cordão. Ainda não é o bloco de Madureira.

O prêto se enganou. Sente-se desoprimido. Foi melhor assim. Pensa em ir embora, desistir de tudo. No dia

seguinte, na oficina do Engenho-de-Dentro, se sentirá leve ouvindo o batido das bigornas e o farfalhar das polias. Se os companheiros perguntarem por que não apareceu, dirá que estêve doente, que foi ao entêrro de algum parente, de uma tia, por exemplo. Está mesmo disposto a voltar para casa. Que o tomem por decadente, se quiserem... Se Rosinha desobedecer e vier à Praça, não faz mal. Está também disposto a não se importar... Nem indagará se ela fêz sucesso, se alguém mais se apaixonou por ela, se o Geraldo continuou com aquelas atenções, aquêle salafo. Amanhã no trabalho, recomeçará a vida, será livre novamente. Rosinha que venha procurá-lo depois. Êle é homem e é forte. O que vale no homem é a vontade. Além disso, uma noite corre depressa. Êle enfiará a cabeça debaixo do travesseiro e a desgraça passará. Apelará para o sono. Já está até com vontade de dormir. Entretanto, não seria mal que caísse uma tempestade. Ao menos assim, Rosinha deixaria de vir à frente do cordão... Oh! Como gostaria, como estava torcendo por um temporal que estragasse o vestido dela! Daqueles que inundam tudo, derrubam as casas, param os bondes, trazem uma desmoralização geral. No fundo está até com ódio do carnaval. Perto estão tocando um samba de fazer dançar as pedras. Todos se mexem. Só quem está imóvel é êle, sob o pêso de uma dor enorme. As mulatas passam perto cheias de dengue, sorriem, dizem palavras. Hoje êle não topa. Se sente mesmo envergonhado de estar tão diferente. Nunca foi assim. No futebol, no trabalho, nas greves, nas festas, era sempre o mais animado. Foi de certo tempo para cá que uma coisa profunda e estranha começou a bulir e crescer dentro de seu peito, uma influência má que parecia nascer, que absurdo! Do corpo de Rosinha, como se ela tivesse alguma culpa. Rosinha não tem culpa. Que culpa tem ela? — Essa é que é a verdade. Êle está sofrendo. Os felizes estão se divertindo. Era preferível ser como os outros, qualquer dos outros a quem ela poderá pertencer ainda, do que ser alguém, como êle, de quem ela pode escapar. Uma rapariga como Rosinha, a felicidade de tê-la, por maior que seja, não é tão grande como o mêdo de perdê-la. O negro suspira e sente uma raiva surda do Geraldão, o salafo. Era Geraldão, pelos seus cálculos, quem estaria mais próximo de arrebatar-lhe a noiva. O outro era o Armandinho, mas êsse era direito, era seu amigo, incapaz de traí-lo. Sentiu um reconhecimento inexplicável pelo Armandinho.

Suas pernas o vão levando agora sem direção. Êle se acha a caminho da casa, nem se sente completamente na Praça. Alguns trechos de sambas e marchas lhe chegam aos ouvidos e lhe pousam na alma:

O nosso amor
Foi uma chama...
Agora é cinza,
Tudo acabado
E nada mais...

Tudo acabado, tudo é tristeza, caramba!... Cabrochas que fogem, leitos vazios, desgraças. Nunca viu tanta dor-de-corno. Não nasceu para isso, nem tem vocação para sofrer. Os sambas o incomodam. Por que não está dançando com os outros? O negro está hesitante. As horas caminham e o bloco de Madureira é capaz de não vir mais. Os turistas inglêses contemplam o espetáculo à distância e combinam o mêdo com a curiosidade. A inglêsa recomenda de vez em quando: — «Não chega muito perto, minha filha, que êles avançam...» — A mocinha loura pergunta então ao secretário da Legação se há perigo — «Mas êles são ferozes?» — «Não, senhorita, pode aproximar-se à vontade, os negros são mansos». — A baiana dos acarajés se ofendeu e resmungou desaforos: — «Nóis é que temo mêdo de vancês, seus caras de não sei que diga: nóis não é bicho, é gente!...»

Passa rente aos olhos da miss um torso magnífico de ébano. Ela se perturba, fica excitada, segreda aos ouvidos do secretário, tremendo na voz: — «Eu tinha vontade de dançar com um... posso?» — «You are crazy, Amy!...» — exclama-lhe a velha escandalizada. Mas os turistas agora se assustam. No fundo da Praça uma correria e comêço de pânico. Ouvem-se apitos. As portas de aço descem com fragor. As canções das Escolas de Samba prosseguem mais vivas, sintonizando o espaço poeirento. A inglêsa velha está afobada, puxa a família, entra por uma porta semi-cerrada.

— Mataram uma moça!

A notícia, que viera da esquina da rua Sant'Ana, circulou depois em tôrno da Escola Benjamim Constant; corria agora por todos os lados alarmando as mães.

— Mataram uma moça! — comentava-se dentro dos bares. — Mataram, sim, mataram uma moça!...

— Que maldade matarem uma moça assim num dia de alegria! Será possível?... Mas mataram, sim senhora, garanto que mataram!...

— Como é o tipo dela? O senhor viu?

— Me disseram que é morena, de uns dezenove anos, por ali...

— Morena? Dezenove anos!... Ai, meu Deus! é capaz de ser a minha filha!... Diga depressa como é o resto do tipo dela...

Outra senhora cheia de pressentimento se aproxima do informante:

— O homem que estava com ela era prêto, era? Estava de branco?...

E tinha uma cicatriz? Ai! se tinha não me diga mais nada... não me diga mais nada! Meu Deus, mataram minha filha!... Nenucha! Nenucha! Cadê Nenucha?...

As mães tôdas se levantam e saem a campear as filhas. O clamor de umas vai despertando as outras. Cada qual tem uma filha que pode ser a assassinada. Rompem a multidão, varam os cordões, gritam por elas. Os noivos são ferozes, os namorados prometem sempre matá-las.

A animação da Praça é atravessada agora pelo grito das mães aflitas. A mãe de Nenucha, porém, a primeira desgrenhada que se levantou, já está de volta ao seu lugar. Voltou porque cruzara com uma que se rasgava tôda em imprecações: — «Laurinha, eu bem te disse que não viesse, o malvado jurou que te matava. Virgem Mãe, mataram minha filha... Eu sei... eu nem quero ver». A mãe de Nenucha transferiu o seu desespêro para a mãe de Laurinha e se acalmou. Mas apareceu uma gorda a dizer por sua vez à mãe de Laurinha que a morta era outra, uma pequena de Bangu, operária da fábrica. A fera tinha sido prêsa.

Distante do tumulto mortífero, as outras mães que já haviam arrecadado as filhas, seguram-nas bem, ao abrigo dos noivos fatais. Eram as que escaparam de morrer, as que tinham sido salvas. — «Mariazinha, que susto tua mãe passou! Não vai lá mais não, ouviu? É melhor irmos embora, teu namorado está rondando...»

Outras mães cheias de maus pressságios partiram ainda à procura das filhas. Uma senhora que recebia a côrte de um português debaixo do coreto, ao ouvir a notícia, largou-se aos berros ainda tôda embrulhada em serpentinas, à procura de sua Odete. Era Odete com certeza... Nem tinha dúvidas... Dava encontros, punha a mão na cabeça, corria. O povo achava graça imaginando fôsse alguma farsante bêbeda. Odete já devia estar numa poça de sangue esvaindo-se. Foi o namorado! Nunca tirava os olhos dos seios dela, aquêle monstro... Dizia sempre que ela havia de ser dêle. E tinha uma cara malvada, o diabo do homem... Coitadinha de sua Odete... Aquêles seios!... Bem não queria que êles crescessem tanto. Odete também não queria, já estava amedrontada. A mãe corria e soluçava, perguntando a todos onde se achava a filha morta. Era Odete sim, tinha quase certeza. Caminhava como uma sonâmbula. Falava sòzinha, soltando lamentações. Onde é que Odete estaria caída? E não tirava do pensamento que a desgraça foi por causa dos seios da mocinha... Quem é que não estava vendo? Ela mesma, como mãe, reconhecia que aquêles seios chamavam demais a atenção. Tinha o pressentimento de que aquilo acabaria mal. Até os bondes cheios viravam para apreciá-los quando Odete parava na calçada. Odete a princípio, coitada, tão inexperiente, se sentia faceira com êles... Depois êles cresceram mais do que se esperava e ela tomou mêdo. Já produziam escândalos... Ùltimamente, era um desespêro. A pobrezinha mal podia atravessar a rua, se sentia perseguida pelos homens. E não eram dois nem três que olhavam, não: da porta dos cafés, de dentro dos armarinhos, das sacadas, de todos os lados, todos queriam espiar, ficavam olhando, olhando... Ela passava depressa, envergonhada. Porque sempre foi muito sèriazinha, a sua Odete... Que gente mal educada... Deus nos livre dos homens. Que adiantou o **soutien** de arrôcho?... Foi pior. Ah, meu Deus, haverá mãe que possa dormir tranqüila, vendo os seios de uma filha crescerem assim dessa maneira?... Não era entretanto pelo volume — ia considerando obscuramente a mãe — que os seios de Odete atraíam tanto. Era pelo formato principalmente; mas não ùnicamente pelo formato... Afinal os seios de sua filha eram bonitos, a própria mãe o reconhecia, mas havia muitos iguais por aí, pensava ela. O que não sabia explicar era que em Odete a atração dos seios provinha principalmente de serem

(Cont. na pág. 50)

DE TEATRO

J. TEIXEIRA

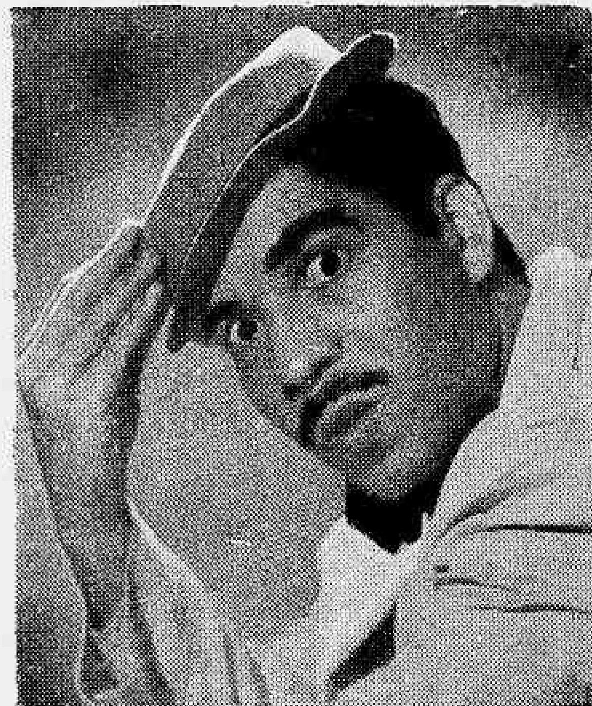
ALDA GARRIDO EM PORTUGAL

A grande caricata do teatro brasileiro, Alda Garrido, já se acha de malas prontas para partir para Portugal, onde vai fazer uma temporada em Lisboa. Por isso vamos rememorar aqui o sucesso que esta querida atriz vem fazendo nos palcos brasileiros. Agora mesmo, atravessou uma temporada inteira no Teatro Rival, com a peça «Dona Xepa», de Pedro Bloch, conseguindo casas cheias todos os dias, pela procura sempre crescente do público, em ir aplaudir a popular atriz. Quem conhece a carreira artística de Alda Garrido, sabe muito bem o quanto esta atriz já fêz pelo teatro brasileiro, trabalhando sem medir esforços pelo seu progresso no Brasil. Suas criações artísticas são sempre excelentes e coroadas de êxito, pelos tipos curiosos e hilariantes que compõe, arrancando de todos os espectadores as maiores gargalhadas. Mas, a sua fôrça não está só na parte cômica, porque mesmo nas passagens dramáticas, Alda Garrido consegue impressionar a platéia, provando que realmente é uma atriz de magníficos predicados.

● **Não compreendemos como no cinema brasileiro ainda não aproveitaram essa notável artista. Há muito tempo Alda Garrido fêz aquêle tremendo abacaxi «E o Circo Chegou», sendo que de lá para cá não trabalhou mais. Enquanto ficam aproveitando elementos destituídos de qualquer valor, deviam apresentar Alda em filmes cinematográficos, que poderia desempenhar papéis cômicos com muita felicidade, concorrendo muitíssimo para o sucesso de bilheteria, pois só ela já é uma garantia de êxito, tornando-se num bom negócio para os nossos produtores. Basta, apenas, que lhe dêem boas oportunidades. Alda Garrido dedicou, também, uma existência ao teatro brasileiro, onde está a seu serviço há muitos anos, tendo divertido nada menos de duas gerações, estando o seu nome ligado para sempre à história do nosso teatro, que se acha orgulhoso em possuir uma artista de sua categoria e que representa com galhardia a fina flor do teatro brasileiro. Que Alda Garrido consiga o mais retumbante êxito em sua nova temporada no estrangeiro, são os votos dêste cronista, que também se ufana de ser um dos seus mais fervorosos fãs.**

O EMPRESÁRIO Cunha Filho, que se apresentará com sua companhia de revistas no Teatro Carlos Gomes, está em negociações com o ator cinematográfico Milton Ribeiro, que interpretou a personalidade do Capitão Galdino Ferreira, no filme da Vera Cruz, «O Cangaceiro», para figurar num quadro da revista que pretende estrear naquele teatro, vestindo as mesmas roupas com que apareceu na mencionada película.

A COMPANHIA Dramática Nacional acaba de estrear no Carlos Gomes, com a peça de Henrique Pongetti «A Rapôsa e as Uvas», sendo que ocupará o cartaz a seguir, a peça de R. Magalhães Jr., «Canção Dentro do Pão», e por último, «A Falecida», de Nelson Rodrigues. Desligou-se da companhia a atriz Luíza Barreto Leite e o Sr. Mário Corbo, que vinha exercendo as funções de secretário, por ter ingressado na companhia «Eva e seus Artistas», que vai empreender uma excursão artística.



Colé, partirá para São Paulo em companhia da atriz Nélia Paula, a fim de atuar no rádio, na «boite» e no cinema bandeirantes.

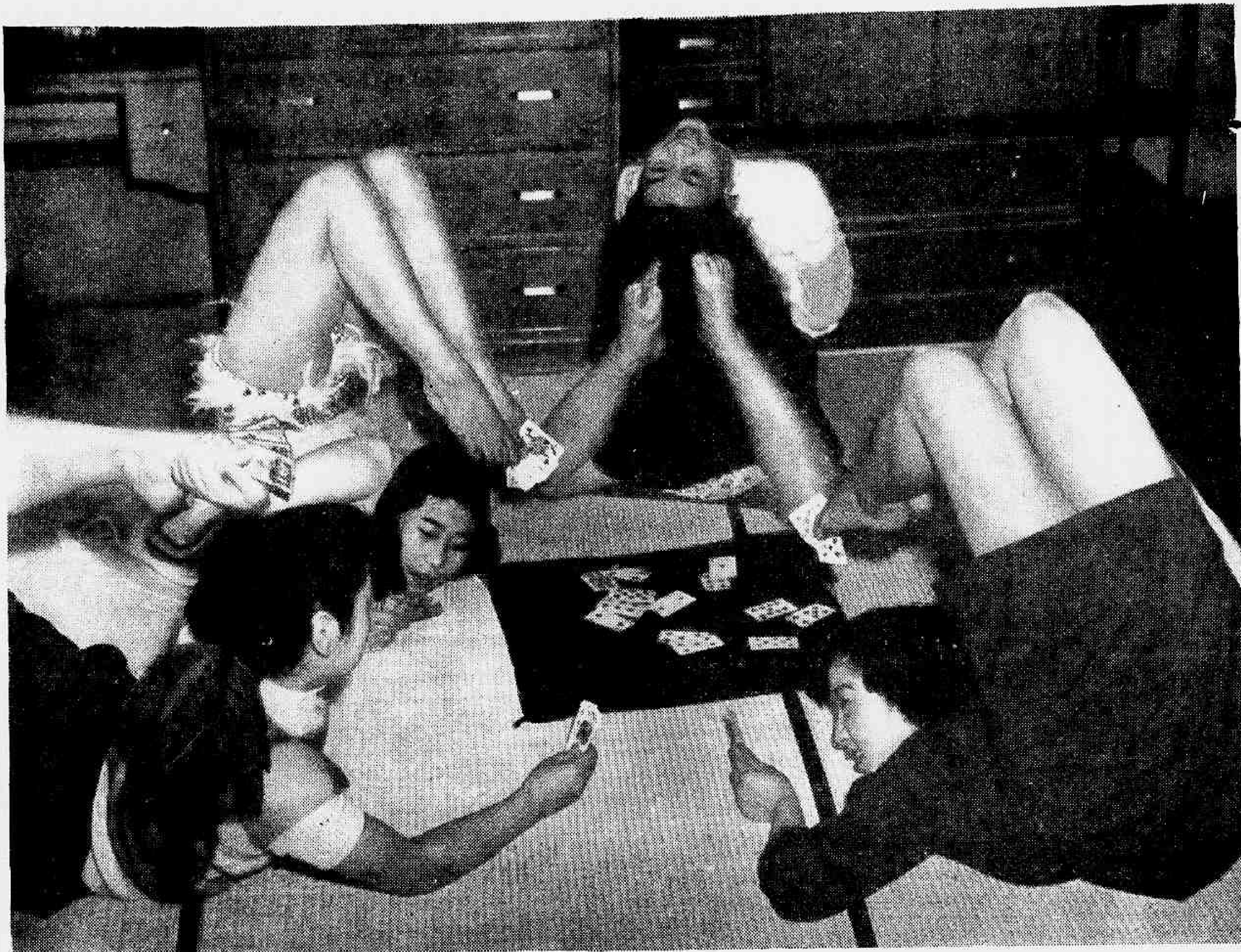
«EVA E SEUS ARTISTAS», que está apresentando a comédia de Barry Conners «A Costela de Adão», encerrará a sua temporada no Teatro Serrador no próximo dia 2 de agôsto.

● **Silveira Sampaio estreará no dia 4 de agôsto no Teatro Serrador, com a sua peça «O Homem sem Camélias», que está obtendo um grande sucesso no Teatro de Bôlso, apresentando em seguida, de 15 em 15 dias, as peças «Flagrantes do Rio Nº 1», «Da Necessidade de Ser Polígamo», «A Garçonière de meu Marido», «Flagrantes do Rio Nº 2», «Professor de Astúcias», e mais duas inéditas, «Um Homem Magro Entra em Cena» e «O Diabo em Quatro Corpos». Destas peças, a única que não é de autoria de Silveira Sampaio, é a intitulada «Professor de Astúcias», que é do teatrólogo Vicente Catalano. Nanci Vanderlei fará a sua estréia no conjunto em «Flagrantes do Rio Nº 1».**

EM SÃO PAULO continuam em cartaz as seguintes peças: no Teatro Brasileiro de Comédias, «Uma Mulher em Três Atos», de Vão Gogo, com Armando Couto e Ludi Veloso, que está sendo representada tôdas às segundas-feiras; nos dias subseqüentes, «Na Terra Como no Céu»; «Ingênua Até Certo Ponto», no Teatro Íntimo; no Teatro de Alumínio, «São Paulo 1954»; e «Zaparote», no São Paulo.

A SOCIEDADE de Autores Teatrais, em reunião do conselho deliberativo, resolveu oferecer um almôço íntimo ao escritor Olegário Mariano, que será nosso embaixador em Portugal, além de dar três votos de congratulações aos seus associados Nelson Rodrigues, Henrique Pongetti e R. Magalhães Jr, em regozijo pelo sucesso de suas peças, respectivamente «A Falecida», «A Rapôsa e as Uvas» e «Canção Dentro do Pão».

● **O ator Delorges Caminha, que acaba de ser nomeado pelo prefeito, professor de arte dramática da Escola Martins Pena, está na impossibilidade de não ocupar êste cargo, por não possuir diploma de professor, apesar de já ter lecionado arte de representar. A Prefeitura exige qualquer diploma, podendo ser, até mesmo, de professor de educação física.**



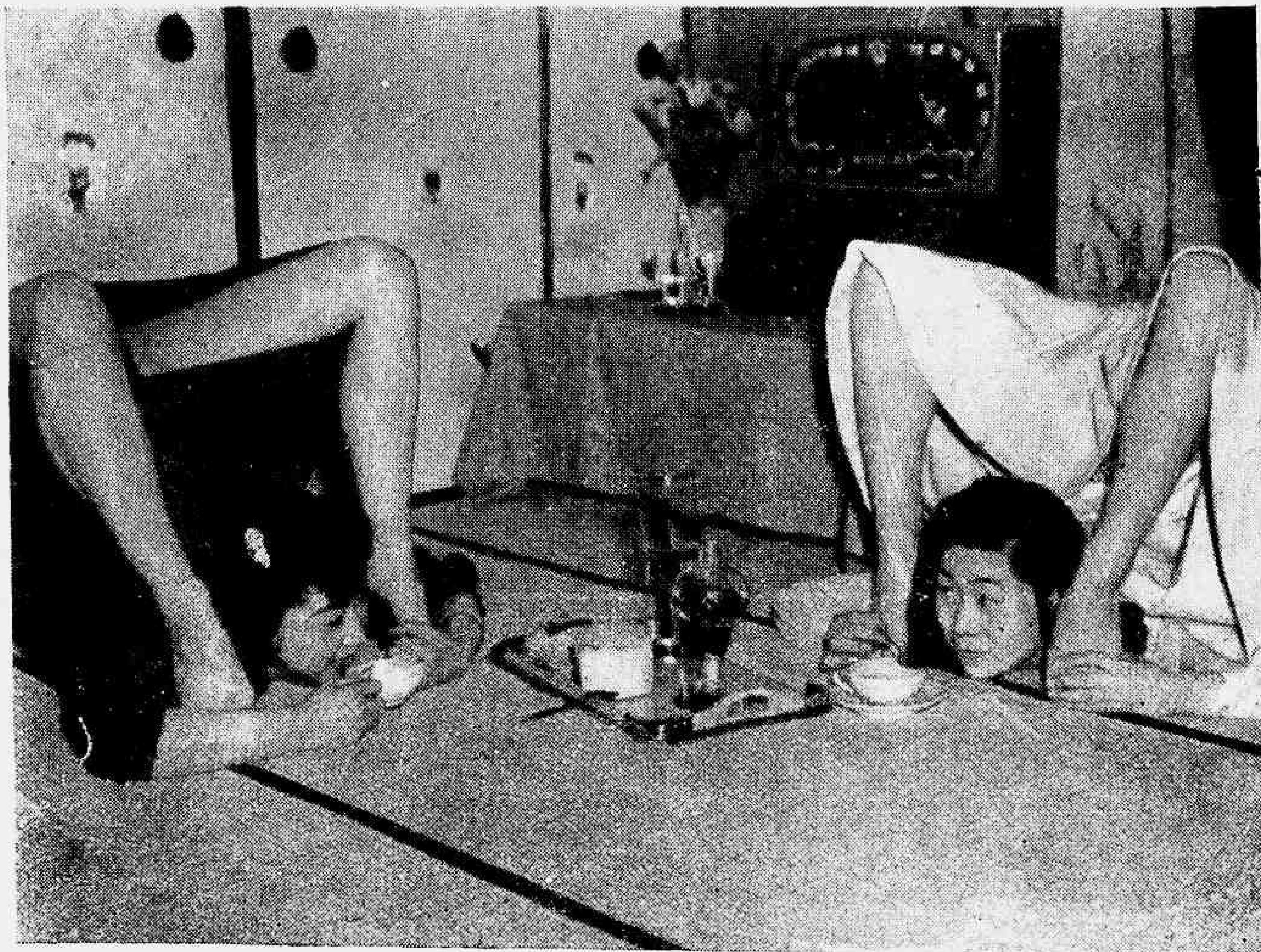
Moças acrobatas japonêsas, jogando bisca com as mãos e os pés, mas sem meter os pés pelas mãos, como se pensava.

ASSOMBRARAM O FOTÓGRAFO!

NEM só de arroz vive uma japonêsa; também faz coisas do arco da velha, especialmente em matéria de contorcionismo e acrobacia. Em Tóquio há um grupo de artistas muito jovens que, para ganhar a vida, têm que virar-se de todo jeito, como vemos aqui. Jogam baralho com pés e mãos, «sentadas» ao chão da maneira mais esquisita que se possa imaginar, mas denotando na fisionomia a mais perfeita serenidade e contentamento. Não se trata de ioguismo, nem de faquiradas. Elas têm lá suas razões artísticas para tais demonstrações de que o corpo humano também pode ser de borracha. E conquistam grandes aplausos nos teatros da capital nipônica, compensando-se de tais exercícios complicados e algo estranhos. O fotógrafo não podia acreditar no que seus olhos viam, e só acreditou mesmo quando revelou as chapas. — (Fotos APLA).



Esta aqui se dá ao luxo de colhêr e plantar flores, ao mesmo tempo que faz complicados exercícios de variada acrobacia.



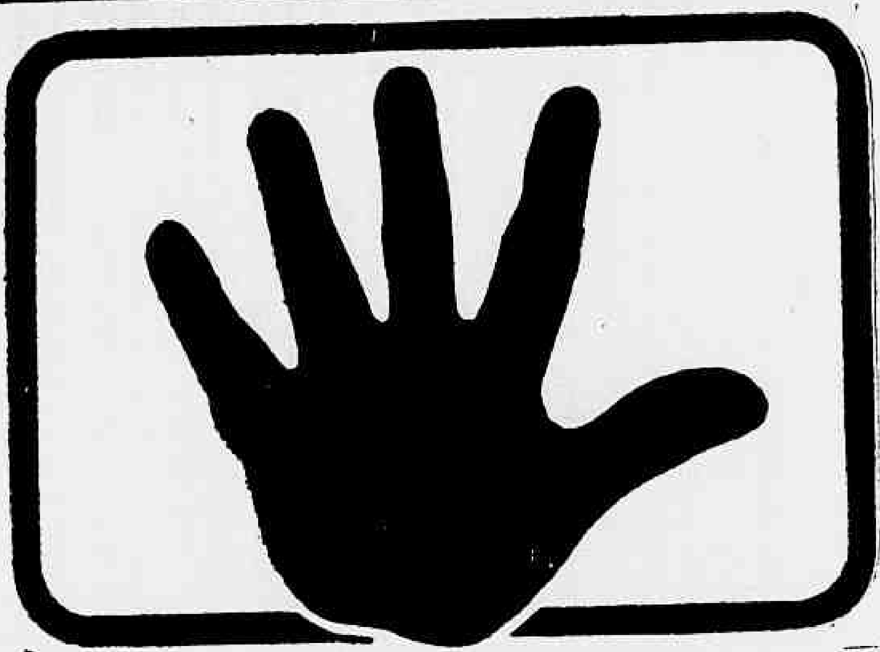
Que tal esta posição para tomar-se chá em casa de cerimônia? Pois é assim que essas contorcistas japonêsas costumam fazer.

!

al-
ar-
nos
que
en-
ara
am
om-
só



Sumi Wakayama, acrobata profissional japonêsa, com 20 anos de idade, exibe-se num teatro de Tóquio, fazendo miséria.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO





À LUZ DA PSICANÁLISE

Pelo Dr. LUIZ FRAGA

AUTO-SUGESTÃO — II. As ervas daninhas só crescem em terrenos mal cultivados. Crianças e adolescentes defeituosos continuarão como tal, sob orientação descuidada, no sentido psicológico. No colégio, as horas de aula são importantes quanto as destinadas ao recreio. E' preciso saber orientar, no sentido aproveitável, tôdas as horas. Não basta uma «disciplina dura», isto é, até prejudicial, criando hipócritas ou revoltados. Os alunos mais atentos e mais estudiosos não são, por vêzes, os mais inteligentes, porém, os mais honestos. Seu espírito, voltado para as coisas que lhe despertam o interêsse, não pode sonhar com o mal. Não se confunda horas de trabalho interessado, com «horas laboriosas». O nosso atual programa de ensino secundário, peca pelo excesso de disciplinas. Um estudante honesto vê-se, nas mais das vêzes, assoberbado, tirando um proveito mínimo dum esfôrço máximo, estafante. Nove disciplinas! Cada professor afirmando a maior importância da que lhe cabe ensinar! Não sobra tempo para a meditação regular. Sócrates afirmava: «Deixai ir o vosso pensamento num vôo, como o dos insetos, mas prendei um fio as suas patas». Por que não proporcionar semelhante vôo ao pensamento de nossos alunos, com um fio a prendê-lo e a outra ponta do mesmo em nossas mãos, a fim de que, ao menor desvio, possamos impedir que se percam?

● O hábito de certos mestres, de cortar sem cessar um vôo de inteligência, nas crianças, castigando-as com reprimendas ou infligindo-lhes outras penas, isolando-as de seus companheiros, fazendo-as copiar longos trechos desinteressantes, etc., é, por sem dúvida, um hábito péssimo. Bem sei que me poderão responder citando alguns exemplos de crianças que, isoladas, dêste modo, puderam trabalhar e produzir. Sim, não discutiremos. São crianças de «um bom natural». Todavia, respondo aos carrancistas: O isolamento, nessa idade, é, quase sempre, um conselheiro detestável. Longe de seus colegas e do olhar vigilante do mestre, o preguiçoso se acomodará mais fàcilmente à preguiça, ao devaneio, ao sonho. Quanto a prisão, é duvidoso que ela tenha corrigido algum aluno. E' certo, entretanto, que ela tenha modificado, para pior, o caráter de alguns. A maior parte saía pior do que entrava. Os apáticos perdiam o respeito humano, tornando-se cínicos; os nervosos tornavam-se irritáveis, preocupados com possíveis vinganças. Os escritores que nos têm falado de sua juventude e que sofreram prisões nessa época, falam-nos, ainda hoje, revoltados, escondendo mal a sua cólera.

● Não é menos perigoso o emprêgo da eloqüência de certos mestres que, na melhor intenção de corrigir o mal, dirigem demorados sermões, com endereço certo, numa classe, deixando a criança indefesa, aos olhares e às críticas de seus colegas, dando-lhe, por vêzes, apelidos que a acompanham por tôda vida. Temos que refletir sôbre os limites da inteligência humana. Quem pode afirmar que essa faculdade se conserve por muito tempo em equilíbrio perfeito, permitindo a compreensão dos fatos e a teoria que leva ao conhecimento do que é divino e humano? Se voltarmos à infância, continuamos a respirar, a alimentar-nos, a ver o que nos cerca; continuam os movimentos e tôdas as outras funções semelhantes. Mas a energia, a observação diligente para satisfazer as exigências morais, para analisar as impressões recebidas, para conhecer se é chegado o momento de deixar a vida, saber prover a tôdas as necessidades que o raciocínio bem desenvolvido exige, tudo se extingue quanto ántes. E' necessário, portanto, aproveitar bem o tempo, moldando os futuros cidadãos, sem complexos.

RESPOSTAS DAS PÁGINAS 36/37

Puxe pelo cérebro

1 — 10 mil
2 — 100 mil
3 — 1500
4 — 17 metros
5 — Estados Unidos
6 — A tartaruga gigante
7 — 221 (um homem de 1,70 pulando 130 vêzes sua altura)
8 — Molusco
9 — Cavalo dágua
10 — Animal
11 — Fôlhas de amoreira
12 — Por sua origem na cidade de Sérica
13 — Criador de abelhas
14 — Branquial
15 — O cão.

Quem disse isso :

1 — George Sand
2 — Fénelon
3 — Alfieri
4 — Boileau
5 — La Bruyère

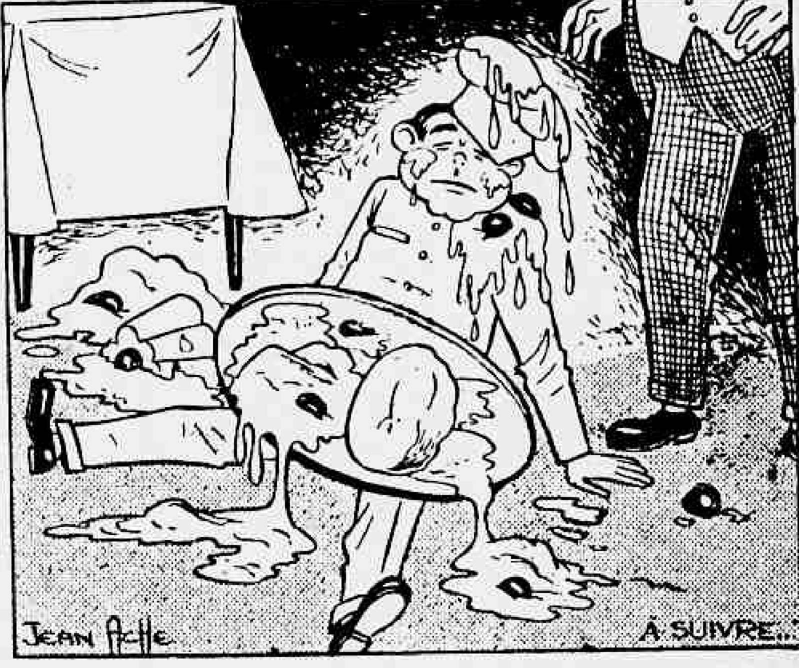
QUER SER ESCRITOR ?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Maranguape n.º 15 - 1.º — Lapa, para remessa do programa e bases do curso.

ARABELE a última sereia



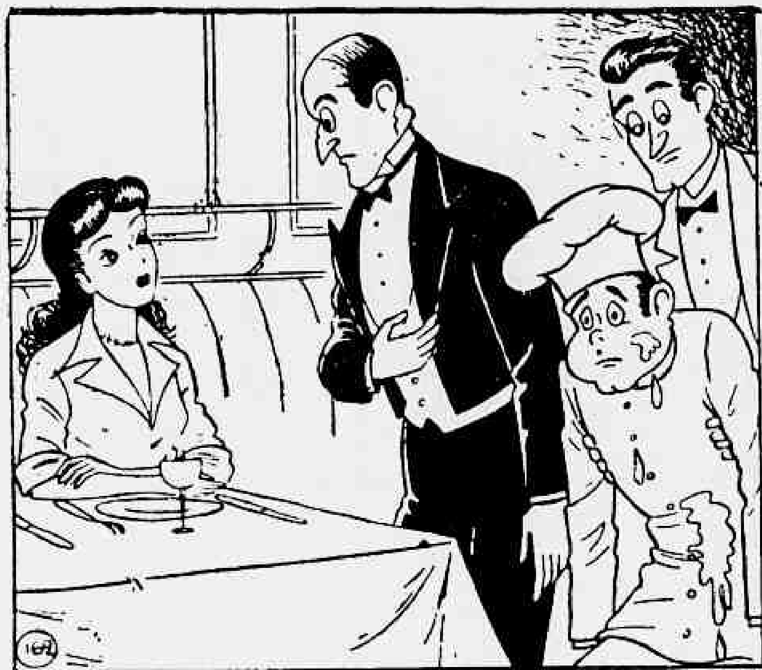




John convida Arabelle para um almôço no pequeno restaurante italiano onde, de quando em quando, faziam suas refeições. John está todo eufórico e não se cansa de contemplá-la embevecido.

Arabelle esperava um momento para tirar a prova. Quando vê aproximar-se, todo garboso, o garçon com uma bandeja repleta de suculentos bolos, mandados fazer para os noivos, ela se decide.

Quando o garçon vai servir, Arabelle começa a cantarolar, em surdina, uma ária das que encantavam os marinheiros. Incontinente, o homem se sente perturbado, e com uma vertigem cai ao chão com tudo...





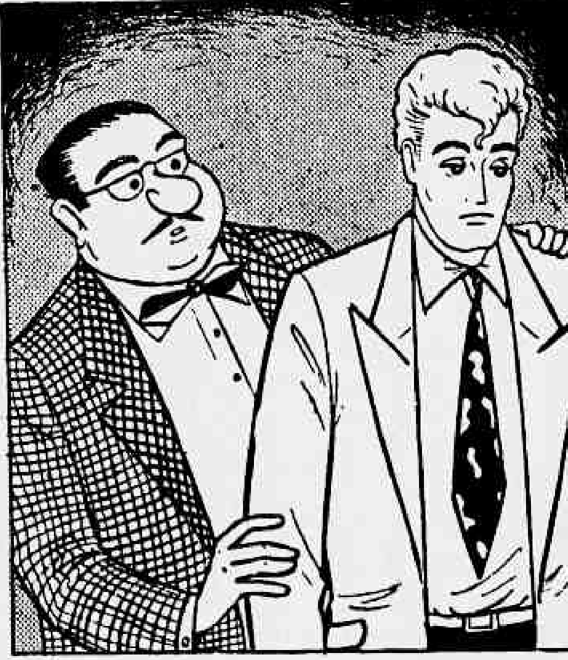


John, diante do resultado, está perplexo. A voz de sua amada tem sensacional poder sôbre os viventes, e tanto provoca o bem, como também o mal. O destino de Arabelle estava selado.

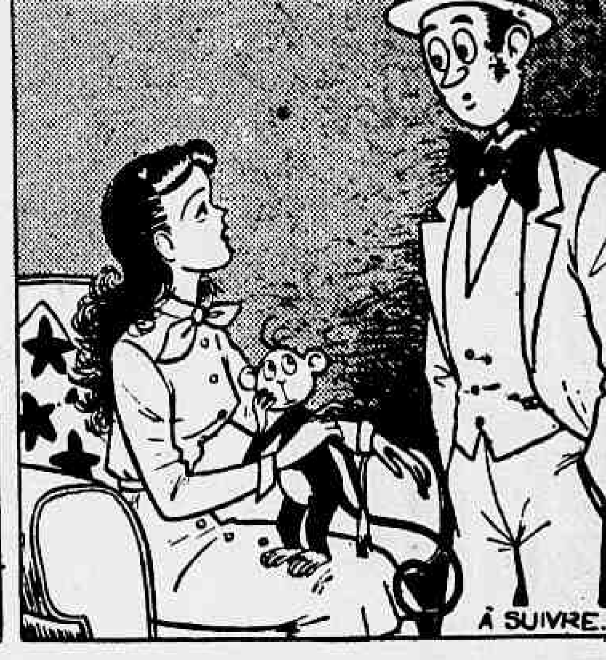
Apesar disso, John ainda não estava convencido. Mas Arabelle lhe disse: «Veja John, se eu canto num avião, num barco... Que não sucederá?» Êle estava desolado com a prova.

Começou a chorar profundamente e confessou: «Para seu bem, John, esqueça-me. Se eu canto no mar, tudo está bem. É o meu elemento. Mas, em terra... provoco tôdas espécies de catástrofes...»









Depois do almôço desastroso, John, desolado, procurou afastar-se de sua clínica médica, indo, porém, prestar seus serviços em outras cidades.

O velho Bimbleton, sabendo dessa dolorosa situação, procura, então, falar ao filho. O rapaz demonstrava estar sucumbido, e ela, tristíssima.

Para reatar a alegria de ambos, Bimbleton organiza uma grande festa e convida personagens de Hollywood e pessoas de destaque.

Arabelle, porém não pode mais viver ali. Resolve, então, chamar Flor-Azul e lhe avisa angustiada, que vai dizer a Bimbleton que resolveram partir.









Flor-Azul, percebendo que Arabelle ia cometer mais do que uma loucura, corre imediatamente e vai comunicar os planos de viagem a Bimbleton.

Bimbleton conversa com ela. Diz que tudo isso passará e que terminarão casadinhos. Que ela tivesse calma e esperasse uns dias.

No dia da festa ela, embora bastante abatida pela mágoa, está lindíssima, e vai recebendo todos os convidados de seu pai adotivo.

Há convidados nacionais e internacionais, comparecendo a grande festança, como era de esperar, até o chefe de polícia que antes a havia condenado.

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN HACHE

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 65

A	Referente à juventude	85	129	66	106	5	70	97
B	Reflete como um espelho	132	63	44	38	16	6	120
C	Comete saque	9	122	54	14	110	119	139
D	Muito aderentes; pertinazes	3	73	21	135	150	125	35
E	Recolhe em palheiro	134	107	80	76	46	17	111
F	Existindo	69	15	167	136	24	37	88
G	Limpou o nariz	25	49	79	166	127	143	
H	Figura arquitetônica formada por 2 arcos	31	13	112	82	146		
I	Cheio de dengos	52	45	29	94	115	84	153
J	Incito; estimulo	144	34	105	19	160	113	99
K	Tive um sonho	123	83	57	30	168	101	
L	Mestiço de negro e índio	10	22	158	91	39	104	
M	Besuntado	95	74	27	62	58	154	
N	Vaso de fôlha para regar	65	149	165	93	121	33	159
O	Lugar êrmo; insulamento	133	26	61	96	140	42	157
P	Alardeie; mostre ostentação	81	137	75	28	114	100	67
Q	Isolo; aparto	147	92	50	86	77	43	
R	Veneno de cobra	87	64	41	18	118	98	56
S	Sobrecarregado	78	102	48	89	53	162	171
T	Cortava com o chicote ou lapo	72	51	108	23	141	126	68
U	Segundo a mesma lei	36	152	11	170	71	116	161
V	Mudei; permutei	145	109	7	90	55	151	117
W	Ordena; torna obrigatório	20	142	138	163	4		
X	Cautelas; aveles	32	103	2	130	131	60	164
Y	Executará; agirá	59	155	1	124	47	169	12
Z	Livrar da morte	172	8	128	148	40	156	

Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente do mesmo, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

Y 1	X 2	■	D 3	W 4	A 5	B 6	V 7	■	Z 8	C 9	L 10	U 11	■	Y 12
■	H 13	C 14	F 15	B 16	E 17	R 18	J 19	W 20	D 21	L 22	,	T 23	■	F 24
G 25	O 26	■	M 27	P 28	I 29	K 30	H 31	■	X 32	N 33	J 34	D 35	U 36	F 37
B 38	L 39	Z 40	R 41	O 42	Q 43	■	B 44	I 45	E 46	Y 47	■	S 48	G 49	Q 50
T 51	I 52	S 53	,	C 54	V 55	R 56	K 57	M 58	Y 59	■	X 60	O 61	M 62	■
B 63	R 64	N 65	A 66	P 67	■	T 68	■	F 69	A 70	U 71	T 72	D 73	M 74	P 75
E 76	Q 77	■	S 78	G 79	■	E 80	P 81	H 82	K 83	I 84	,	A 85	Q 86	■
R 87	F 88	S 89	V 90	L 91	Q 92	■	N 93	■	I 94	M 95	O 96	A 97	R 98	J 99
P 100	K 101	S 102	X 103	■	L 104	■	J 105	A 106	E 107	T 108	V 109	C 110	■	E 111
■	H 112	J 113	P 114	I 115	U 116	V 117	R 118	C 119	B 120	■	N 121	C 122	K 123	■
Y 124	D 125	T 126	G 127	Z 128	A 129	X 130	X 131	B 132	O 133	,	E 134	■	D 135	■
F 136	P 137	W 138	C 139	O 140	T 141	■	W 142	G 143	J 144	V 145	H 146	Q 147	■	Z 148
N 149	D 150	V 151	U 152	■	I 153	■	M 154	Y 155	Z 156	O 157	L 158	N 159	J 160	U 161
■	S 162	W 163	X 164	■	N 165	G 166	F 167	K 168	Y 169	U 170	S 171	Z 172	otaner	

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 64 — L. COELHO — ELOGIO HISTÓRICO — «Portugal foi a grande nação assinalada na história universal pelo seu incansável empenho e heróica solicitude em dilatar os breves horizontes do mundo conhecido».

A MORTE DA PORTA-ESTANDARTE

(Cont. da pág. 45)

dela, de comporem um conjunto de relações secretas entre as proporções do corpo, o olhar, a umidade dos lábios, as linhas da nuca. E quando ela caminhava é que êles adquiriam a sua plenitude de vida e mistério. Daí o perigo dêles, isto é, de Odete, se expor desamparada ao público numa ocasião como o carnaval em que os homens estão sempre excitados e são tão inconvenientes. Daí o fato de todo mundo, quando pensa em Odete, pensar logo nos seios dela, que sempre aparecem primeiro e na frente como a proa dos navios . . .

A mulher caminhava e soluçava. Ah! Odete não tem culpa. Foram os seios, foram . . . Bem que ela queria levá-la para longe dêsses brutos. Agora, lá vai ela como louca, à procura do corpo de sua filha.

Ela caminhava e via crescendo uma rosa vermelha bem em cima do seio esquerdo de sua Odete. Dá um grito, cai sem sentidos. Dois pretos carregam-na para um bar. Já outras mães vinham de volta trazendo as respectivas filhas bem seguras nas mãos. Deram-lhe éter a cheirar, abanaram-na. Quando voltou a si, parecia ter saído de um banho de resignação; estava calma como se tivesse se conformado com tudo o que acontecera. Começa então a declamar a história da filha com o criminoso: conheceram-se num banho à fantasia na praia de Ramos; êle parecia distinto a princípio, tinha emprêgo, dava presentes. Depois . . . o malvado começou a ameaçar a pobrezinha, a fazer-lhe exigências. Queria que ela não fôsse aos bailes, que usasse blusa larga. Dizia que ela remexia demais as cadeiras quando caminhava. Proibiu de trazer flor na cabeça, de conversar com os amiguinhos.

— Mas a senhora tem certeza de que foi a sua filha? — interrompeu um mascarado.

— Se eu estou vendo o cadáver dela! . . . Ah, meu Deus, que dor! Não! Eu quero é contar a história dela. Isso me consola . . .

Fêz uma pausa. Recomeçou depois, mais patética:

— Ainda nem tinha dezoito anos. Uma menina . . . Bordava que era um gôsto. Todos apreciavam ela . . . Ajudava-me tanto . . .

Um sujeito vestido de Hailé Selassié escutava comovido. Pouco a pouco a pobre senhora foi percebendo que estava sendo cercada de cavalos, bois e porcos prestimosos, além de um Mefistóteles e alguns Arlequins que vieram oferecer seus serviços. Essa fauna grotesca afigurava-se-lhe como aparições do reino do pesadelo. Fixou-os de olhos esbugalhados, deu um grito de horror. Êles compreenderam, tiraram as máscaras. De dentro das máscaras surgiram fisionomias cheias de compaixão que se voltavam para ela querendo consolá-la. Alguém disse que a vítima era outra, uma mulata de Madureira, porta-estandarte de um cordão. A mulher não acreditava. Era inútil iludi-la.

Lá fora um côro de vozes perguntava ainda, insistindo, por certa Maria Rosa:

Cadê Maria Rosa,
Tipo acabado de mulher fatal?

E anunciava que ela tinha como sinal

Uma cicatriz,
Dois olhos muito grandes,
Uma bôca e um nariz.

A mulata tinha uma rosa no pixaim da cabeça. Um mascarado tirou a mantilha da companheira, dobrou-a e fêz um travesseiro para a morta. Mas o policial disse que não tocasse. Os olhos não estavam bem fechados. Pediram silêncio, como se fôsse possível impor silêncio àquela Praça barulhenta. A última das mães aflitas chega atrasada, atravessa o cêrco, espia bem o cadáver, solta um grito de alegria:

— Ah, eu pensava que fôsse a Raimunda! Graças a Deus que não foi com minha filha!

Saiu satisfeita. Alguns malandros empunhando cavaquinhos foram se afastando, meio desajeitados. Um dêles dava opinião:

— Dor eu não topo, franqueza . . . Sou contra o sofrimento.

Tentaram pedir silêncio novamente. Uma rapariga comentava enxugando as lágrimas:

— Só se você visse, Bentinha, quanto mais a faca enterrava mais a mulher sorria . . . Morrer assim nunca se viu . . .

O crime do negro abriu uma clareira silenciosa no meio do povo. Ficaram todos estarrecidos de espanto vendo Rosinha fechar os olhos. O prêto ajoelhado bebia mudamente o último sorriso dela, e inclinava a cabeça de um lado para outro como se estivesse contemplando uma criança. Uma Escola de Samba repontava no Mangue. Ainda se ouviam aclamações à turma da Mangueira. Quando o canto se foi aproximando, a mulata pareceu que ia levantar-se.

E estava sorrindo como se fôsse viva, como se estivesse ouvindo as palavras que o assassino agora lhe sussurrava baixinho aos ouvidos. O negro não tira os olhos da vítima. Ela parecia sorrir; os curiosos é que queriam chorar. A qualquer momento ela poderia se erguer para dançar. Nunca se viu defunto tão vivo. Estavam esperando êsse milagre. Ouvia-se uma canção que parece ter falado ao criminoso:

«Quem quebrou meu violão de
[estimação?

foi ela . . .»

Ainda apareceram algumas mães retardatárias rondando de longe a morta.

A morta não tinha mãe nem parentes; só tinha o próprio assassino para chorá-la. E êle quem lhe acaricia os cabelos, lhe faz uma confidência demorada, e chama pelo nome:

— Está na hora, Rosinha . . . Levanta, meu bem . . . É o «Lira do Amor» que vem chegando . . . Rosinha você não me atende! Agora não é hora de dormir . . . Depressa, que nós estamos perdendo . . . O que é que foi? Você caiu?! Como foi? . . . Fui eu? . . . Eu não! Rosinha . . .

Êle dobra os joelhos para beijá-la. Os que não queriam se comover foram se retirando. O assassino já não sabe bem onde está. Vai sendo levado agora para um destino que lhe é indiferente. E ainda a voz da mesma canção que lhe fala alguma coisa ao desespêro:

«Quem fêz do meu coração seu
[barracão?

Foi ela . . .»

Que ninguém o incomode agora. Larguem os seus braços. Rosinha está dormindo . . . Não acordem Rosinha ali, êle não larga não . . . Não! E êsses tambores? O céu baixou, se abriu . . . Êsse temporal assim é bom porque Rosinha não sai. Tenham paciência . . . Larga Rosinha ali, êle não larga não . . . Não! E êsses tambores? Ui! que ventania . . . É a guerra . . . Êle vai se espalhar . . . Por que estão malhando em sua cabeça? . . . Na bigorna do Engenho-de-Dentro é assim . . . Se afastem que êle está lutando por ela . . . Êle é bamba . . . Não se massacra um operário dessa maneira . . . Estão atrapalhando o seu caminho para Rosinha . . . Se apitem assim, acordam ela . . . Ela já não está mais presente . . . Deslizando no éter . . . Deixem êle passar . . . Os outros fiquem no chão . . . Fiquem por aí . . . Êle vai tirar Rosinha da cama . . . Ela está dormindo, Rosinha . . . Fugir com ela, para o fundo do país . . . Deitá-la no planalto central! . . . Abraçá-la no alto da colina . . .

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2 BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



CARLOS CASTILHO CABRAL — Nasceu em São Paulo. Estudou no interior do Estado e formou-se em Direito com 20 anos. Foi promotor público durante pouco tempo e advogou no sertão, na Alta Sorocabana. Ingressou na política em 1930, tendo se destacado sempre como líder. Foi deputado suplente à Constituinte nacional de 1933. Em 1936, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Representou o Brasil em 5 conferências internacionais, a saber: Conferência Inter-Americana de Juristas, em Washington (1942), Rio de Janeiro (1943) e México (1944). Conferências Inter-Parlamentares Mundiais, de Istambul (1951) e Berna (1952). Foi fundador e membro do Diretório Nacional da UDN, da qual se afastou em 1947, ingressando no PSP, do qual é vice-presidente, desde 1948 e pelo qual foi eleito deputado, representando o Estado de São Paulo. E' membro do Conselho Superior do Instituto dos Advogados e faz parte da Associação Brasileira de Direito Internacional, e da American Society of International Law. Foi ainda membro do Conselho da União Inter-Parlamentar Mundial, juntamente com o senhor João Vilas Boas (1951-52). Ocupou o cargo de Presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito sôbre a C.C.P. e é vice-presidente da Comissão de Justiça.

O DEBATE DO MOMENTO

OS GRANDES FINANCIAMENTOS A EMPRÊSAS JORNALÍSTICAS ★ O ESTOPIM QUE FÊZ EXPLODIR A BOMBA ★ COMO SE DESENVOLVEU O CASO ★ RESPONSABILIDADES DA COMISSÃO DE INQUÉRITO ★ NO PASSADO E NO PRESENTE ★ A COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO

É enorme, como não podia deixar de ser, a repercussão do momentoso inquérito que ora se realiza, a respeito dos financiamentos do Banco do Brasil a emprêsas jornalísticas e de publicidade.

A divulgação de pequena notícia de que um interventor fôra nomeado pelo Banco do Brasil, para as emprêsas «Érica» e «Última Hora», determinando ligeiros comentários do «Diário de Notícias» e «Tribuna da Imprensa» desta capital, originou violenta reação do vespertino «Última Hora». A seguir, a «Tribuna» levou avante o debate, e a luta se travou renhida entre o jornal dirigido pelo Sr. Carlos Lacerda e o outro dirigido pelo Sr. Samuel Wainer.

O Sr. Carlos Lacerda insistiu e reforçou as suas acusações. Veio então o requerimento à Câmara, do Sr. Armando Falcão, deputado federal, pedindo que se fizesse um rigoroso inquérito em tôrno dos financiamentos do Banco do Brasil às emprêsas «Érica S. A.» e «Última Hora». Seu colega, o Sr. Aliomar Baleeiro, pronunciou então um discurso na Câmara, no qual expunha e reforçava os diversos pontos contidos no requerimento do deputado pessedista.

Em virtude da importância do assunto, foi criada uma Comissão Parlamentar de Inquérito, para a verificação das relações existentes entre o Banco do Brasil e as emprêsas citadas.

Houve a primeira reunião, a segunda, a terceira, e outras mais se foram sucedendo, tornando cada vez maior a sensação em tôrno



A sala Afrânio de Melo Franco, onde funciona a Comissão de Inquérito, está sempre cheia. E fica superlotada em momentos como êste: Samuel Wainer chega para depor.

do caso. O Sr. Samuel Wainer foi chamado a depor, e, de suas declarações decorreu a necessidade do comparecimento à Câmara, do Sr. Luís Fernando Bocaiúva da Cunha, superintendente das referidas emprêsas. Com o andamento do inquérito, passaram a ser focalizados inúmeros ângulos nas transações efetuadas pela «Érica» e por «Última Hora».

Ainda no começo do debate o Sr. Oliveira Brito, deputado pela Bahia, tentou estender as investigações a tôda a imprensa brasileira; mas, logo depois, recuou sentindo o absurdo da idéia. Prosseguiu sempre mais forte a campanha da «Tribuna da Imprensa», e o público cada vez mais interessado no assunto. E quando o calor dos debates chegou ao auge, o Deputado Eusébio Rocha (P.T.B. de S. Paulo) apresentou uma denúncia pedindo investigações nos «Diários Associados». Mas, o que empolga, no momento, à opinião pública, é o caso «Última Hora»-«Érica», que se tem constituído no assunto principal do rádio e dos jornais, com uma sucessão de episódios e circunstâncias realmente impressionantes já do conhecimento público.

Esta reportagem é um documentário gráfico; um desfile das personagens em foco; uma apresentação dos membros da Comissão Parlamentar de Inquérito, sôbre cujos ombros pesa gravíssima responsabilidade. Durante muito tempo o nosso Parlamento se constituiu numa grande casa de orações e debates. Tinha, porém, durante o primeiro período de nossa vida republicana, o direito de apurar eleições e reconhecer candidatos, para o que se constituíam comissões apuradoras. Neste particular, o Congresso se desmoralizou tanto, que as «depurações» foram a causa principal da revolução de 1930. Agora, a Lei Suprema atribuiu ao Legislativo o poder de investigações em tôrno de fatos. Daí a gravidade da missão que a Câmara dos Deputados ora desempenha sob os olhos da opinião pública. E, pelo que parece, essas investigações se constituirão em praxe que ficará muito em uso no país. E, de todos os poderes, o Legislativo é o mais exposto à luz dos holofotes da opinião pública. A Comissão Parlamentar se compõe dos senhores: Carlos Castilho Cabral, Alencar Araripe, Guilherme Machado, Frota Aguiar, Ulisses Guimarães e Leoberto Leal. Faziam parte da mesma os Srs. Ulisses Lins, Eurico Sales e Antônio Balbino, todos do PSD. O primeiro foi substituído pelo Sr. Leoberto Leal; o segundo pediu demissão, e o terceiro deixou a Comissão por ter sido nomeado Ministro da Educação. O Sr. Carlos Valadares, convidado para substituí-lo, não pôde aceitar o cargo. O secretário da Comissão é o Sr. Dilo Guardia.

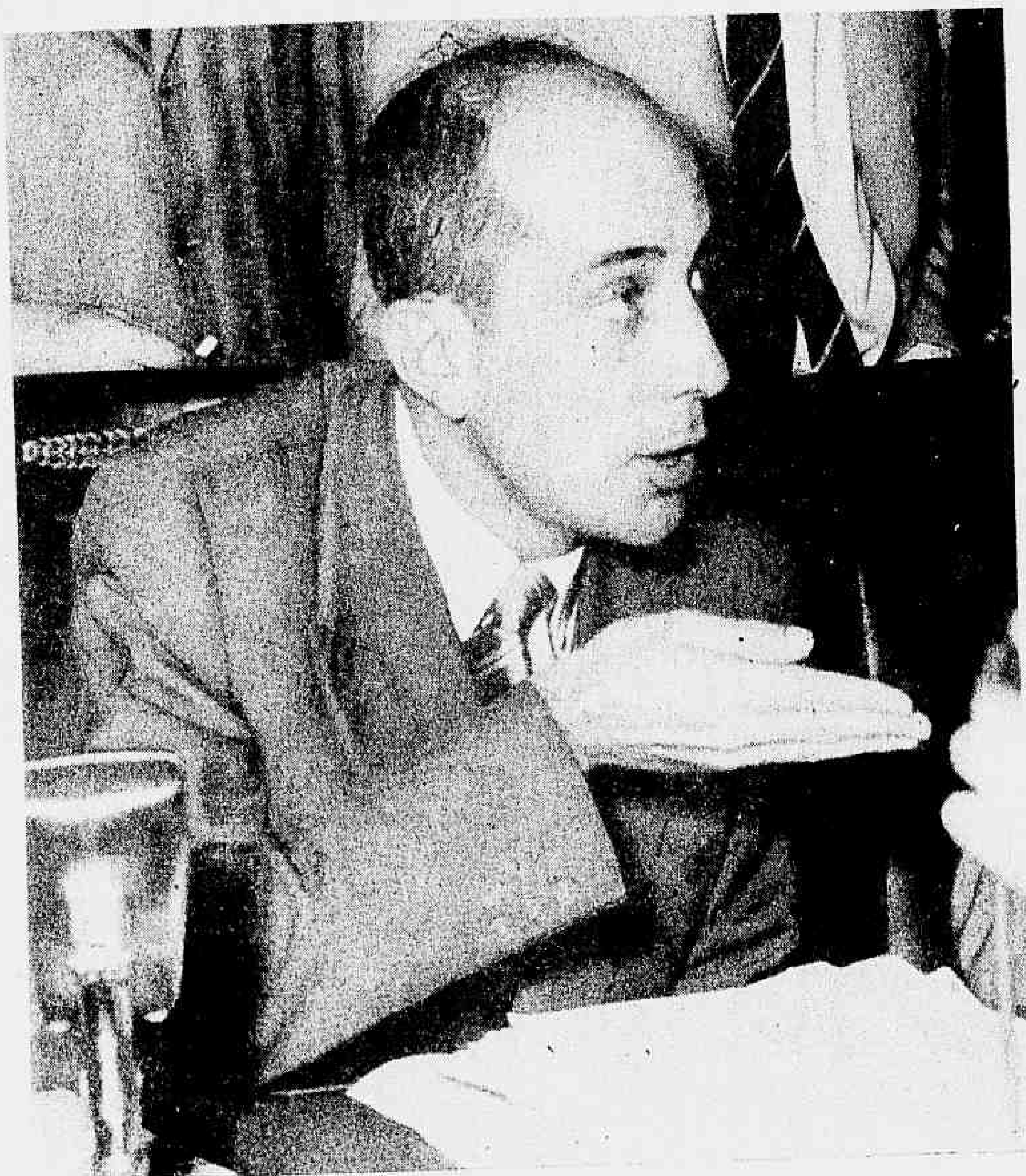
(NA PRÓXIMA EDIÇÃO DAREMOS NOVA REPORTAGEM SÔBRE ÊSTE ASSUNTO)



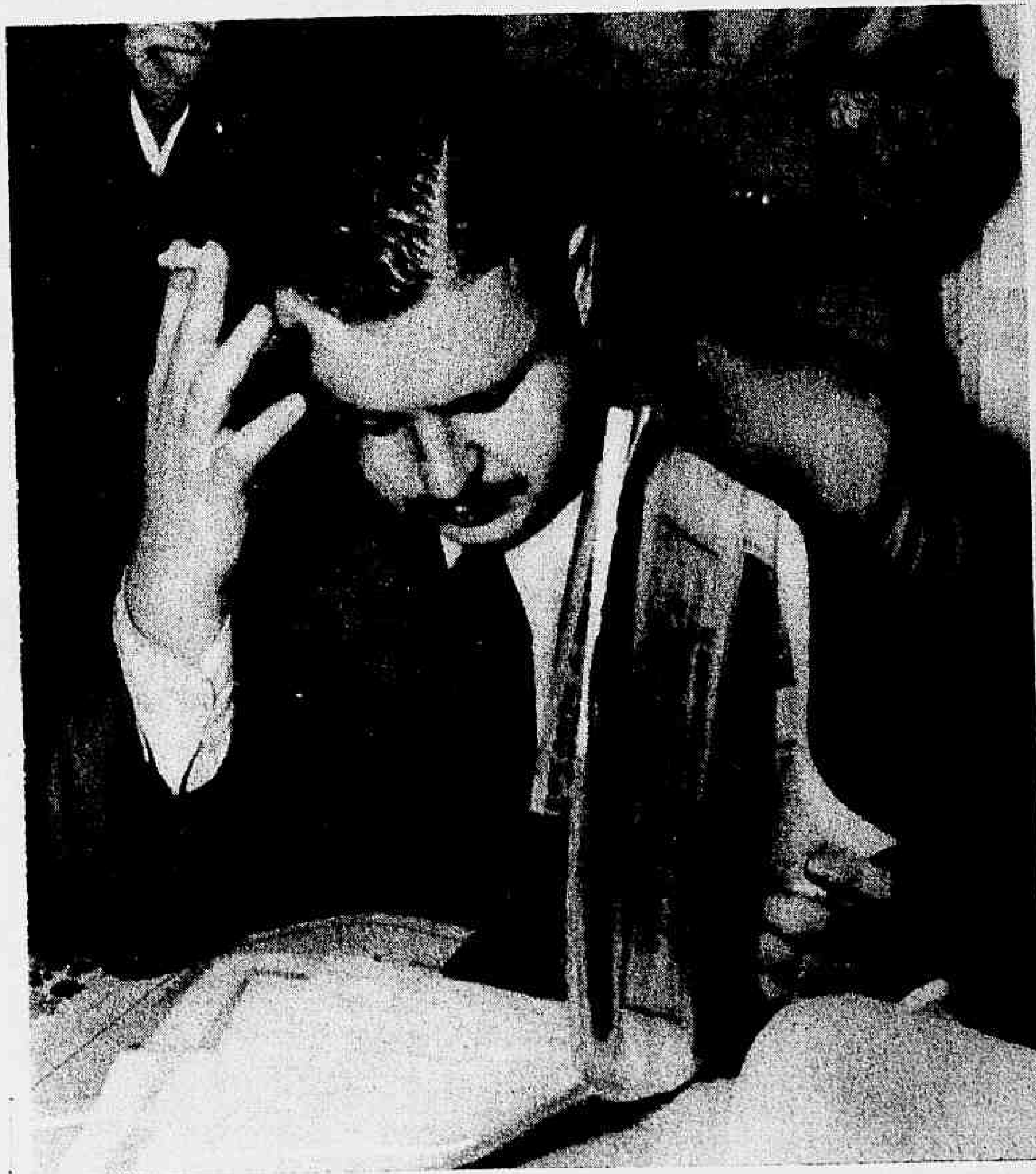
GUILHERME MACHADO — Nasceu na cidade de Manhães, em Minas Gerais. Fêz o curso ginasial e o curso de Direito em Belo Horizonte, iniciando-se na advocacia, em seguida. E' professor catedrático de Ciências das Finanças da Universidade de Minas e redator da Revista Forense. Atualmente quase não pode dedicar-se à advocacia. Iniciou-se na política em 1945. Foi deputado estadual na legislatura anterior, e representa a UDN de M. Gerais.



ALENCAR ARARIPE — Nasceu no Ceará e ali estudou, formando-se na Faculdade de Direito do Estado. Advogado há cêrca de trinta anos. Ingressou na política há mais de três decênios, e é deputado federal pela UDN. Fêz parte da Comissão Mixta de Leis Complementares, e da Comissão de Diplomacia, na legislatura anterior. Atualmente é membro da Comissão de Justiça, e é vice-presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito.



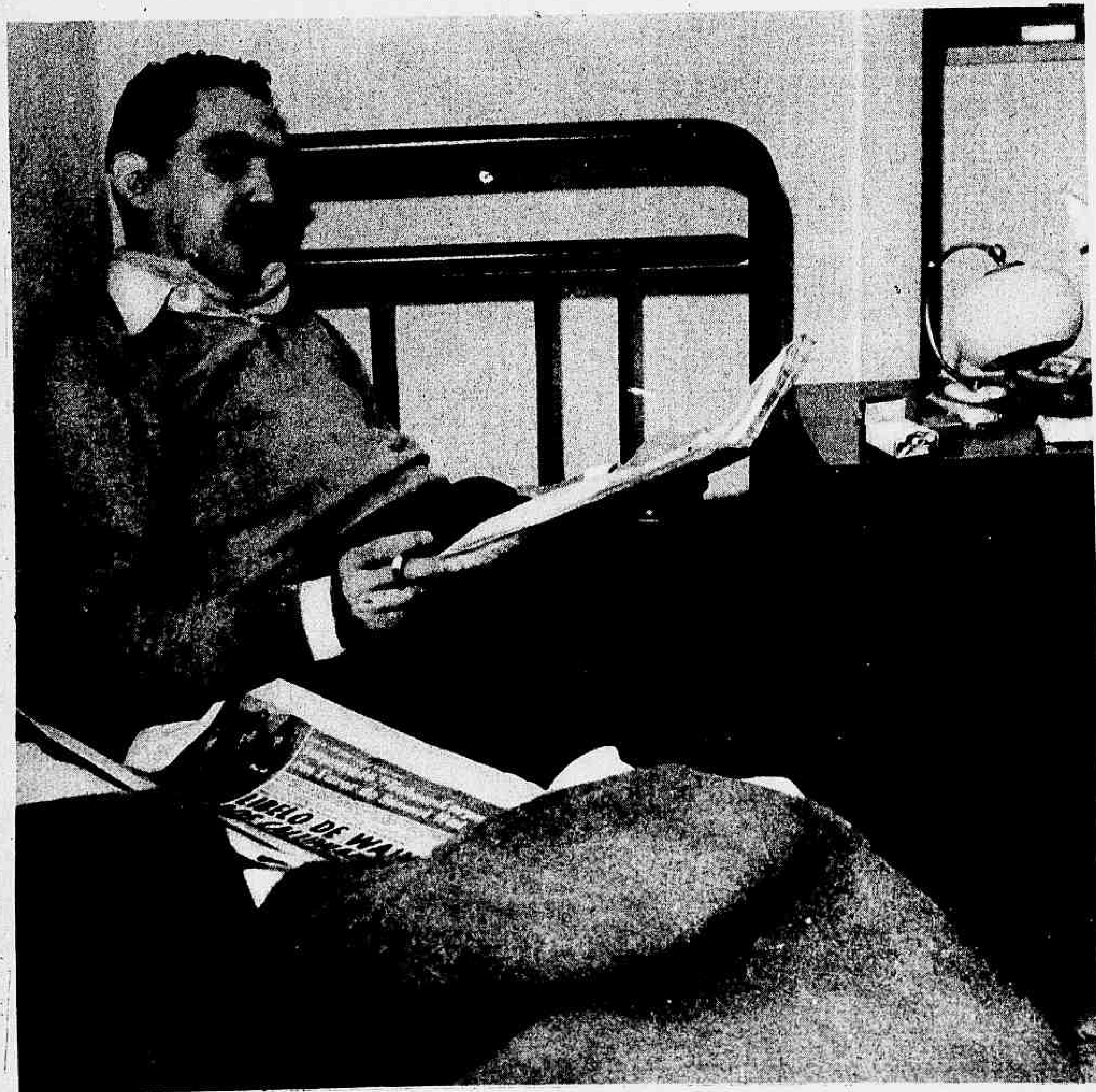
ULISSES GUIMARÃES — Nasceu em Rio Claro, S. Paulo. Formou-se em Direito na capital do Estado. Deputado estadual em S. Paulo, na legislatura anterior, onde liderou a bancada do PSD e fêz oposição ao sr. Ademar de Barros. Diretor da Fac. de Direito de Bauru, membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Faz parte da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara e é secretário geral do Diretório Regional do PSD de São Paulo.



LEOBERTO LEAL — Nasceu em Santa Catarina. Milita na política desde 1945. Representa o PSD de seu Estado natal. Foi Secretário de Viação e Obras de três governos, em Sta. Catarina. Foi Consultor Jurídico e Procurador daquele Estado, no govêrno do sr. Nereu Ramos. E' formado em Direito, tendo exercido advocacia vários anos. Na última legislatura foi deputado federal alguns meses, sucedendo o sr. Otacílio Costa, como suplente, com a morte dêste.



No meio da confusão, o fotógrafo apanhou um flagrante pitoresco: o gesto cançado com que o acessor do deputado Antônio Balbino, então membro da Comissão, segura o microfone.



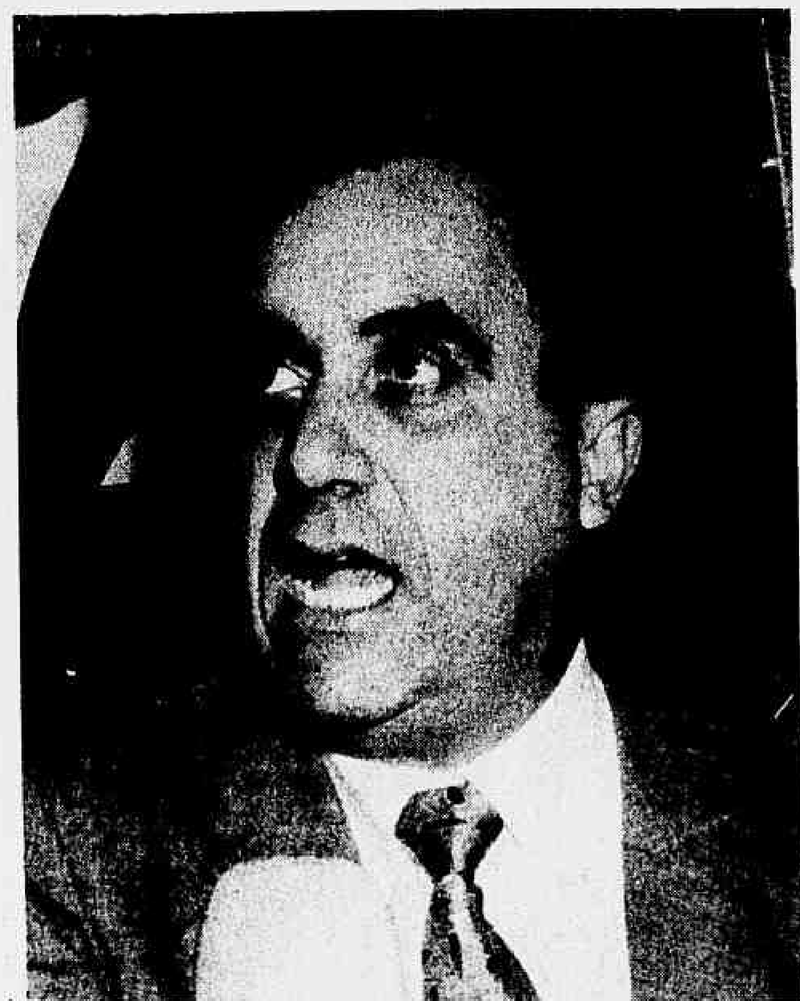
Sámuel Wainer, já no Quartel da Polícia Militar, da Rua Evaristo da Veiga, para onde foi transferido, após o pedido de sua prisão, por desobediência, por ordem do Judiciário.



Horácio de Carvalho Júnior, ex-superintendente da «Érica», depondo perante a Comissão.



Aliomar Baleeiro, deputado udenista pelo Estado da Bahia, forte elemento de acusação.



Armando Falcão, autor do requerimento que originou o inquérito, sempre presente às reuniões.









O superintendente das emprêsas «Érica» e «Última Hora», Luís Fernando Bocaiúva Cunha, ao alto, à esquerda, tendo a seu lado o advogado Haryberto Miranda Jordão. Em baixo, três flagrantes também apanhados na Câmara, quando Bocaiúva prestava depoimento.

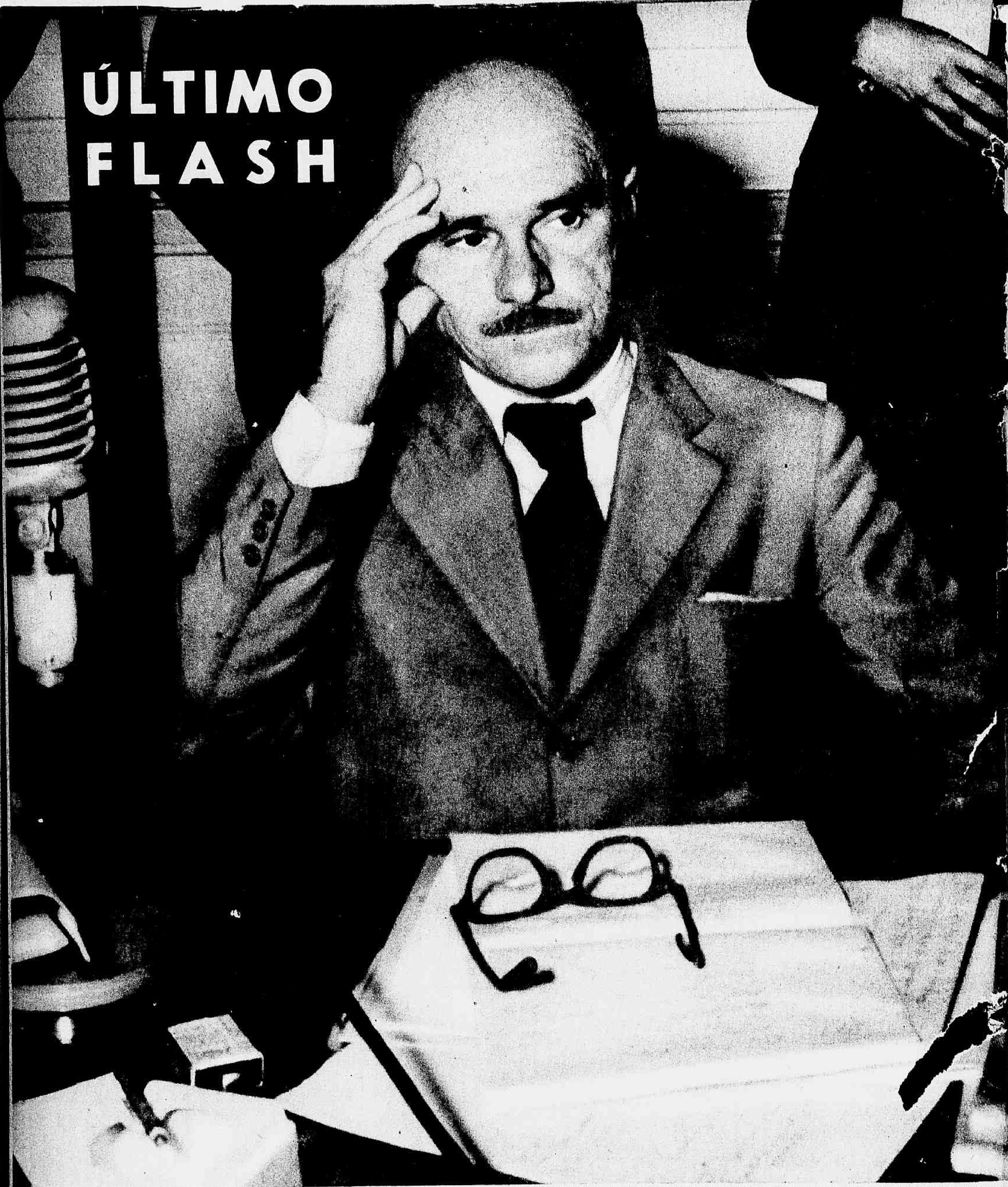
O DEBATE DO MOMENTO

CARLOS LACERDA ACUSA!



SAMUEL WAINER SE DEFENDE

ÚLTIMO FLASH



FROTA AGUIAR — Nasceu no Ceará. Formou-se em Direito pela Faculdade Nacional, no Distrito Federal. Fêz vida acadêmica e tomou parte em todos os movimentos acadêmicos e político-sociais de sua época. Foi funcionário da Central do Brasil, em Engenho de Dentro, onde defendeu os interêsses da Caixa de Aposentadoria dos Ferroviários, o que lhe valeu a demissão do cargo. Tomou parte no movimento revolucionário de 1930. E' representante do Distrito Federal, pelo PTB. Foi designado para relator especial da Comissão de que trata esta reportagem. E' delegado de polícia, tendo exercido tôdas as funções nas delegacias especializadas, exceto na de polícia política. Em dado momento, pousou a cigarrilha no cinzeiro, deixou os óculos sôbre a papelada e fêz uma pausa para meditação.

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES FEITOS À MÃO

verdadeiras obras de arte

VENDAS A VISTA
E A PRAZO



Uma tradição de bom gôsto



CIGARROS

hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88 913